



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RICARDO DOS SANTOS BATISTA

**LUES VENEREA E AS ROSEIRAS DECAÍDAS: BIOPODER E
CONVENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM JACOBINA-BA
(1930-1960)**

SALVADOR
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**LUES VENEREA E AS ROSEIRAS DECAÍDAS: BIOPODER E
CONVENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM JACOBINA-BA
(1930-1960)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA,
COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU
DE MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL.

ORIENTADORA: LÍGIA BELLINI

SALVADOR
2010

B333 Batista, Ricardo dos Santos
Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e Sexualidade em Jacobina-BA (1930-1960) / Ricardo dos Santos Batista. – Salvador, 2010.
119 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lígia Bellini
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

1. Prostituição. 2. Sífilis. 3. Moralidade. I. Bellini, Lígia. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 306.7

RICARDO DOS SANTOS BATISTA

**LUES VENEREA E AS ROSEIRAS DECAÍDAS: BIOPODER E
CONVENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM JACOBINA-BA
(1930-1960)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL, FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

APROVADA EM 14 / 12 / 2010

BANCA EXAMINADORA

ALINNE DE LIMA BONETTI _____

DOUTORA EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNICAMP
UNICAMP, BRASIL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

CHRISTIANE MARIA CRUZ DE SOUZA _____

DOUTORA EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS PELA FIOCRUZ
FIOCRUZ, BRASIL.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA - IFBA

LÍGIA BELLINI – ORIENTADORA _____

DOUTORA EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE DE ESSEX
U.E., INGLATERRA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

A minha avó Isabel, mulher de garra, que com força e coragem
rompeu as limitações propostas pela sua realidade.
Aos meus pais Bat e Irá, eternamente...

Agradecimentos

Durante o processo de formação, muitas pessoas passam por nossas vidas. Algumas intervêm de forma mais concreta, outras menos. Mas o que muitas delas não sabem é o significado atribuído a um simples sorriso na hora certa, em meio às angústias da escrita, às incertezas dos processos, ao novo que se abre a cada dia. A mente do historiador é seletiva, por isso relaciono abaixo alguns nomes especiais. Mas, para cada sorriso que me foi ofertado, o meu muito obrigado! Agradeço:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, pelo financiamento sem o qual teria sido difícil manter-me em Salvador para o cumprimento dos créditos teóricos, e que me possibilitou o desenvolvimento da pesquisa de forma tranquila, sem os contratemplos de ter que conciliar trabalho e estudo.

À minha orientadora, Lígia Bellini, pela excelência no ensino da arte da pesquisa histórica. Pelo carinho que dispensou ao ler meus textos, pelo estilo, pela ética. Pelo cuidado para que obtivéssemos um resultado de qualidade, pelas horas de conversa ao telefone, por compartilhar também as minhas emoções, angústias, ansiedades, felicidades. Pela linda pessoa que és... Serei eternamente grato.

A meus pais, pelo esforço para me oferecer uma educação de qualidade, pelo apoio e incentivo. Pelas leituras que você, mãe, fez do meu texto. Pela sua preocupação, meu pai, por eu estar longe de casa, vivendo novas experiências, trilhando o meu caminho. Por saber que, por mais longe que eu ande, sempre poderei voltar pra casa... Obrigado!

A Francisco, pelo companheirismo e apoio desde que as nossas vidas se cruzaram. Com você, aquele garoto ingênuo e sonhador amadureceu e transformou-se em um homem real. Por vibrar pelas minhas vitórias e ajudar a me recompor depois das derrotas... Amo você!

A meus irmãos queridos (de sangue e de coração)... Bartira, que a todo o momento, em todas as polaridades, eu sei que sempre torceu por mim. A Cauana, por todas as madrugadas de estudo e algo mais, pelas descobertas que fizemos juntos, por essa sintonia que existe entre a gente. A Leandro, pela cumplicidade distante, mas que eu sei, para sempre verdadeira. A Digo, pela confiança e companhia constante. A Jeffinho, por transformar aquela casa num ambiente

divertido de se viver. Vocês são demais!

Aos amigos que essa etapa trouxe para minha vida. Alaíze Conceição, pelos inúmeros conselhos, diálogos diários sobre Thompson e Foucault utilizando o Infinity, pela verdadeira amizade que nos permitimos construir! A Caroline, pela maternidade que existe em você, pela preocupação com a qualidade dos trabalhos desenvolvidos, pelos muitos esclarecimentos teóricos e pelo carinho. A Sheyla, por compartilhar comigo as experiências de uma profissional competente e decidida. Obrigado pelas brincadeiras, pela Anpuh em Fortaleza, por seu afeto, irmã. Ao companheiro Israel, que é o meu fiel parceiro, de cinema a desfiles cívicos, não importa... O grande amigo que há muito eu esperava. A Mariana Ellen, pela sensatez, direção e escuta sempre. A Tati Cunha, pela pessoa solidária e verdadeira que és, iluminando a toda a turma. Gissele, André, Margô... Jamais me esquecerei de vocês.

Aos grandes mestres Antônio Luigi Negro e Gabriela Sampaio, por toda a instrumentalização fornecida. Pelas divertidas tardes de metodologia da pesquisa, valeu Gino! A Claudia Vieira pelas análises sobre os rumos que a minha pesquisa tomava, pela amizade que evita explicações, e por mais uma história partilhada, no Fazendo Gênero 9. A Sandra Gama, pelos inúmeros emails com informações valiosas, e pela amizade que sempre me dedicou. A meu orientador na graduação, Jackson Ferreira, pelas oportunidades de crescimento acadêmico que ofereceu e, principalmente, por ter sido o primeiro a acreditar na minha proposta de pesquisa. Por me instruir no ofício da pesquisa e indicar os caminhos que me levariam até Lígia... Filho dele, neto dela, como refletiria o professor Luiz Mott. Não tenho palavras para agradecer...

Às professoras Alinne Bonetti e Christiane Cruz, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. O cuidado na leitura, as minuciosas anotações e sugestões que muito colaboraram para melhor estruturar minha dissertação serão levadas por mim como um presente, que pretendo transmitir para os meus futuros alunos. Obrigado por tudo!

A Ronaldo e Mayta Leite, pela acolhida no primeiro semestre, quando eu não tinha onde me hospedar. Obrigado por abrir o seu lar para que eu pudesse habitar.

Enfim, são muitas as pessoas e são muitos os sorrisos não lembrados agora. Agradeço a Deus pela existência, pela perseverança e pela coragem para romper obstáculos, na esperança de superar muitos outros na longa estrada que trilhamos.

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina.

Disso quis eu fazer a minha poesia...

Ferreira Gullar, 1999.

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas**: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina-BA (1930-1960). 117 f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

Resumo

A pesquisa tem como objetivo uma análise das formas de operacionalização do biopoder na cidade de Jacobina-Bahia, através das estratégias de poder presentes nos discursos de jornal e rádio, nas formulações biomédicas e nos processos judiciais, que se empenhavam para a construção das convenções de gênero e sexualidade. Além disso, verificam-se as apropriações, ressignificações e ambivalências presentes nas práticas sociais de homens e de mulheres jacobinenses, em relação à imposição de modelos de masculinidade e feminilidade, e as conseqüentes injunções com a classe social. Em um contexto de extração aurífera, observou-se a invisibilização da sífilis – doença comum naquele meio social – nos atestados de óbito, e uma série de produções discursivas sobre as prostitutas – enquanto ícones da sexualidade desviante por excelência – como forma de impor a ordem, essencializando os papéis de gênero. As fontes utilizadas foram os jornais *Vanguarda* e *O Lidador*, com notícias sobre o cotidiano urbano; o Código de Posturas Municipal, portador de normas de convívio social; relatos orais, que possibilitaram a compreensão da ação dos diversos agentes envolvidos no contexto; processos judiciais, na percepção de como as prostitutas circulavam no espaço urbano, articulavam redes de solidariedade e quebravam com padrões de moral; as teses da Faculdade de Medicina da Bahia, que revelaram idéias presentes no espaço acadêmico reproduzidas pelos médicos de Jacobina; e relatórios médicos, que contêm informações sobre a situação do sistema hospitalar no período estudado, além das dificuldades encontradas no tratamento de doenças.

Palavras-chave: Sífilis, Prostituição, Moralidade.

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea and Fallen Roses: biopower and conventions of gender and sexuality in Jacobina-Bahia, Brazil (1930-1960)**. 117 f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

Abstract

The research aims at an analysis of the forms of operation of biopower in the city of Jacobina, Bahia, verifying the power strategies of the discourse of newspaper and radio, in biomedical policies and judicial processes, which strove to build the gender and sexuality conventions. In addition, there are appropriations, reinterpretation and ambivalences present in the social practices of men and women from Jacobina, compared with the imposition of models of masculinity and femininity, and subsequent orders with social class. In a context of gold mining, there was the invisibility of syphilis - a common disease in that social environment - in death certificates, and a series of discursive productions on prostitutes - as icons of deviant sexuality - as a way to impose order and essentializing gender roles. The study dealt with several source of information about the daily, medical, and social life of citizens from Jacobina: the newspapers *Vanguarda* and *O Lيدador*, with daily news about the city; the Municipal Code of Postures, bearer of rules of social behavior; oral reports, which provided an understanding of the actions of various actors involved in the context; lawsuits, in the perception of how prostitutes circulated in the urban space, articulated networks of solidarity and broke with moral standards; the theses of the Faculty of Medicine of Bahia, which showed ideas present in the academic area of the physicians in Jacobina; and medical reports, which contain information on the state's hospital system in the period studied, and the difficulties encountered in treating disease.

Keywords: Syphilis, Prostitution, Morality.

Lista de Figuras

Figura 1	Propagandas de Elixires recomendados em casos de sífilis.	49
Figura 2	Proporção das principais causas dos óbitos em Jacobina, durante a década de 1930.	56
Figura 3	Atestado de Óbito, ano 1933.	59
Figura 4	Ilustração do Centro, Jacobina - BA, entre os anos de 1930-1960.	85
Figura 5	Ilustração do Pilunga, Jacobina - BA, entre os anos de 1930-1960.	85

Sumário

Introdução	12
1 Biopolítica e moralidade na cidade “moderna”	21
1.1 Ouro, progresso e bons costumes: o contexto	21
1.2 Moralidade Pública como estratégia de poder	24
2 “Vinhos de jurubeba com pós-de-joanes”: práticas de cura e representações relativas à sífilis	37
2.1 Saúde pública em Jacobina: um quadro geral	37
2.2 Sífilis e metaforização	43
2.3 Práticas curativas e concepções relativas à sífilis	47
2.4 Sífilis e hierarquias sociais	55
2.5 Sífilis, prostituição e padrões sociais	62
3 Representações e apropriações das convenções de gênero e sexualidade no espaço social	65
3.1 Entre sociabilidades: histórias de amor, violência e traição nas ruas do Pilunga	83
3.2 A construção dos caminhos: proxenetismo, fluxo de mulheres para Jacobina e o surgimento do Galeão	100
3.3 A noite é uma festa: beleza, poder e mistérios no Galeão	106
4 Breves considerações finais	110
5 Fontes	112
6 Referências Bibliográficas	115

Introdução

“O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão.”¹

A proposição acima, formulada por Michel Foucault no primeiro volume da *História da sexualidade*, diz respeito à articulação entre duas formas de vida do ser humano: a vida biológica e a política. Esta fusão é definida por ele como a própria inserção da vida na história. Com o advento da era clássica e, mais intensamente, com o desenvolvimento de uma série de aparelhos do Estado no século XVIII – quais sejam, as grandes instituições e as técnicas de poder presentes em todo o corpo social –, as atenções voltaram-se para o cuidado com a vida. Diversos processos como o nascimento, a mortalidade, o nível de saúde e a duração da existência humana, com todas as condições que podem fazê-los variar, foram assumidos por uma série de intervenções que encontraram nos controles reguladores e nas tentativas de normatização o caminho para se desenvolver. Surge então o que se classifica como uma *biopolítica* sobre a população ou, de forma mais ampla, um *biopoder* sobre os corpos,² que age através das tecnologias de poder que atuam no meio social, investindo os corpos politicamente e fazendo deles suporte do seu exercício.³ Esta é a lente principal pela qual foi feito o estudo de um contexto específico: Jacobina, Bahia, entre os anos de 1930 e 1960. De acordo com esta perspectiva, focalizou-se aspectos da saúde pública, com destaque para as implicações das matrizes discursivas acerca da sífilis e da sexualidade, a partir da análise de ideias e práticas relativas à prostituição, e das convenções de gênero vigentes naquela realidade. Entenda-se convenções de gênero como modelos relacionados à produção de masculinidades e feminilidades específicas, nos quais homens e mulheres deveriam se enquadrar, e com base nos quais aqueles que não estivessem de acordo formariam um grupo desviante.

¹ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. p. 156.

² FOUCAULT, 2007, p 152.

³ No decorrer do texto, os termos *biopolítica* e *biopoder* serão utilizados como sinônimos, observando-se que a *biopolítica* é uma espécie de ramificação do *biopoder*. Para mais informações sobre *biopolítica* cf. NETO, Leon Farhi. *A política na sua relação com a medicina* in NETO, Leon Farhi. **Biopolíticas**: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

Divergindo dos autores que interpretam as relações de poder como uma matriz geral, como uma oposição binária e global entre dominantes e dominados, a noção foucaultiana de poder revela que o mesmo é exercido a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis.⁴ Assim, a polícia, a imprensa, o universo jurídico presente nos processos crimes de uma pequena cidade do interior da Bahia exerceram estratégias de natureza biopolítica sobre os indivíduos. O que se pretendeu, aqui, foi justamente analisar as formas de operacionalização do biopoder por meio dos agentes já citados – policiais, médicos, juízes –, empenhados na construção de convenções de gênero e sexualidade em Jacobina, e as apropriações, ressignificações, ambivalências e resistências encontradas nesse processo. Os discursos e as práticas mantêm entre si uma relação de circularidade, não no sentido vertical-horizontal, mas no sentido quântico, de transversalidade e multiplicidade de inter-relações na trama histórica.⁵

Observar as estratégias de poder de uma forma descentrada não significa que esse trabalho objetivo, ao contrário do que algumas interpretações possam suscitar, anular a ação dos sujeitos sociais e verificar processos massificantes nos quais as instituições dominam o ser humano. Ao contrário, pensar o poder de uma maneira mais complexa é justamente perceber que ele surge de todos os locais, inclusive da ação de homens e mulheres, e atravessa a sociedade em todos os sentidos. Cada uma das grandes formas de poder, a exemplo da ação do Estado e da relação entre classes, é constituída por uma miríade de pontos de confronto interligados, que reconduzem de um ponto a outro as tensões, de tal maneira que, nessas grandes integrações, o poder do Estado e do capital é determinado pelos múltiplos pontos de confronto e não o contrário.⁶ Onde há poder, há resistência,⁷ e é baseando-se nesta afirmação que não se pode considerar os garimpeiros, as prostitutas, as lavadeiras, e tantos homens e mulheres ricos e pobres de Jacobina, como seres passivos, submetidos de forma inerte à ação do biopoder.

Sendo assim, é sedutora a ideia de refletir acerca de estratégias de poder exercidas e, ao longo do trato com as fontes, verificar como as relações estabelecidas foram também atravessadas por táticas de poder individual e coletivo.

⁴ FOUCAULT, 2007, p. 104.

⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino, uma invenção do falo**: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 26.

⁶ NETO, 2010, p. 25.

⁷ FOUCAULT, 2007, p. 105.

Os pontos de resistência móveis e transitórios capazes de introduzir naquela sociedade clivagens que se deslocaram, que romperam unidades e suscitaram reagrupamentos é perfeitamente verificável na ação das prostitutas e das subjetividades pelas quais elas foram construídas. Pensar a multiplicidade da ação daquelas mulheres é, portanto, indispensável.

Os conceitos de *estratégia* e de *tática* de Michel de Certeau são importantes para compreender a relação estabelecida entre a norma e a prática. As estratégias, entendidas como procedimentos oriundos de um cálculo das relações de força, são empreendidas por um sujeito de poder e de querer para atingir objetivos previamente traçados (presentes nas tentativas de normatização). As táticas demandam um outro lugar (relacionado às ações humanas): elas vigiam e captam, no voo, as possibilidades de ganho. São atos que visam aproveitar uma ocasião, não necessariamente articulados discursivamente. São gestos, breves efeitos, cuja força pode se desvanecer imediatamente, multiplicar as máscaras e as metáforas, desaparecer no próprio ato.⁸

As relações de poder associadas à sexualidade em Jacobina emergiram de condições sociais nas quais as estratégias de controle em torno dos comportamentos visavam à preservação dos mecanismos sociais vigentes, em especial o modelo de família aceito pelas elites econômicas e predominante entre elas. Ao observar-se nuances ligadas à atividade meretrícia, emergiram concepções culturais específicas, envolvendo uma relação com o corpo e com os papéis masculinos e femininos distinta do modelo acima referido.

Em muitas ocasiões o pesquisador não escolhe seu objeto, é o objeto que o escolhe e, talvez, isso possa ter acontecido aqui. A graduação em História, cursada no Departamento de Ciências Humanas – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, em Jacobina, interferiu de forma significativa na delimitação espaço-temporal da pesquisa, porque permitiu o primeiro contato com as fontes. Contudo, o objetivo inicial era estudar a propaganda em periódicos. Da investigação preliminar emergiram evidências de um número considerável de anúncios de medicamentos, entre eles elixires próprios para o tratamento da sífilis. Com a leitura de *Tributo a*

⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 97-102; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 27.

Vênus,⁹ de Sérgio Carrara, e outras obras sobre prostituição, este tema passou a compor uma rede mais complexa de elementos, que envolvia prostituição e doença. O objeto variou entre debates sobre sífilis e prostituição, representações sociais da prostituição e, por fim, optou-se pela análise do biopoder como elemento articulador das questões levantadas, como produtor das convenções de gênero e sexualidade.¹⁰ Durante o mestrado, em meio ao desenvolvimento do trabalho, eis que um dado surpreende: a rua dos Humildes, onde morou o garoto que anos atrás saiu de Capim Grosso para estudar, um dia havia se chamado rua do Calango, e integrava o bairro do meretrício. Já na época da graduação, a rua das Laranjeiras, onde só restava um prostíbulo, aguçava a curiosidade daquele jovem, que tentava compreender a lógica na alternância entre lâmpadas vermelhas e lâmpadas azuis, observadas em determinados dias da semana, quando por ali passava, a caminho de casa. Vêm de longe, portanto, os vínculos com o objeto desta pesquisa.

As principais obras que marcaram a produção historiográfica sobre a prostituição no Brasil nos últimos anos foram *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930)*, de Margareth Rago;¹¹ e, recentemente, *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*, de Cristiana Schettini.¹² Estes trabalhos foram elaborados com base em perspectivas historiográficas diferentes, influenciadas de forma direta por Michel Foucault e Edward Palmer Thompson, respectivamente.

O trabalho de Rago é considerado um divisor de águas nos estudos sobre a sexualidade e prostituição no Brasil. Desde que foi publicado, serviu como inspiração para a maior parte das pesquisas sobre temáticas afins. Para Schettini, no entanto, a discussão da inversão dos espelhos dos lupanares é um modelo que já teria sido abundantemente abordado e requeria revisão. A autora propôs um novo olhar sobre o mesmo objeto, e fez críticas às ideias centrais de *Os prazeres da noite*: o enfoque da prostituição enquanto um elemento do submundo desviante, e como resultado das transformações urbanas no processo de modernização. *Que tenhas teu corpo*

⁹ CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

¹⁰ Devo esta importante sugestão à Professora Alinne Bonetti e às discussões dela derivadas, no exame de qualificação do mestrado.

¹¹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930). 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

¹² SCHETTINI, Cristiana. **Que tenhas teu corpo**: uma história da prostituição nas primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. p. 11, 13.

vê o comércio do sexo como parte da história social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro.

Em diversos momentos caminhar-se-á para uma análise mais próxima da forma como Rago desenvolveu a sua trama, pela sensibilidade que a autora demonstrou em relação às questões ligadas ao gênero. Ela optou pela reconstrução de todo um contexto da sociedade paulista em fins do século XIX e início do século XX, através do estudo das relações estabelecidas entre homens e mulheres. Contudo, a atenção estará voltada também para as articulações de redes de solidariedade e sociabilidade destacadas por Schettini, nos processos de habeas corpus que analisou no Rio de Janeiro. Destaca-se ainda a importância de outras obras para as reflexões traçadas adiante, a exemplo de *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*, de Nélia de Santana;¹³ *Quem pariu e bateu que balance: mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador (1890-1940)*, de Alberto Heráclito Ferreira Filho;¹⁴ *Nordestino, uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*, de Durval Muniz Albuquerque¹⁵; *As decaídas: prostituição em Florianópolis (1900-1940)*, de Ivonete Pereira;¹⁶ *A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*, de Christiane Maria Cruz de Souza;¹⁷ e, por fim, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, de Sueann Caufield.¹⁸

Termos como moralidade, moralização e moral são utilizados com frequência nesta dissertação. Os caminhos percorridos em busca de uma definição para o conceito moralidade revelaram a ausência de uma discussão teórica sobre este termo em muitos trabalhos que também o utilizam. A proposição feita por Roberto Cardoso de Oliveira e Luís Roberto Cardoso de Oliveira, em *Ensaio Antropológico sobre Moral e Ética*, está ligada ao conceito de *ética discursiva* de Habermas, segundo o qual os elementos culturais não seriam suficientes para permitir uma correta alocação da moralidade. A mesma seria movida pela ‘razão’ como elemento

¹³ SANTANA, Nélia de. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 1996.

¹⁴ FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu que balance: mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador (1890-1940)**. Salvador: CEB, 2003.

¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003.

¹⁶ PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). UFSC: Florianópolis, 2004.

¹⁷ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política, e medicina em tempos de epidemia**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

¹⁸ CAUFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Tradução Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas: UNICAMP, 2005.

operador essencial.¹⁹ A *ética discursiva* de Habermas se aproxima da proposta da tendência denominada LinguisticTurn, pois dá ênfase à linguagem como centro da relação. Para ele, a validade das normas não depende de uma consciência solitária, mas de um acordo racionalmente motivado entre os indivíduos, numa situação ideal de fala, que se caracteriza pela simetria de oportunidades dos que participam do diálogo. Tal definição não se adequou ao que se procurava definir enquanto moral, o mesmo ocorrendo com o modo como o conceito é tratado no texto histórico *Moralidades Brasileiras*, de Ronaldo Vainfas, publicado no primeiro volume da *História da Vida Privada no Brasil*.²⁰ Afinal foi encontrada no próprio Foucault a resposta que tanto se almejava. Levando-se em consideração que a sexualidade tornou-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização, e passou a ser empregada como índice de força de uma sociedade, revelando sua energia política e seu vigor biológico,²¹ a utilização da *moral* e seus derivados não podia ser senão um produto das inúmeras tecnologias de poder e controle do sexo e da sexualidade. A moral é empregada, aqui, como um elemento que, elaborado pelas estratégias diversas combina, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e da regulação das populações.

Esta dissertação se estrutura em três capítulos. O primeiro tem como objetivo a análise mais geral de dispositivos de biopoder no espaço urbano. São discutidas suas diferentes manifestações na construção de Jacobina enquanto uma cidade dita moderna e civilizada. Verificou-se como os diversos mecanismos de poder agiram indistintamente sobre os indivíduos, conquanto de formas específicas, segundo o lugar que ocupavam na hierarquia social. Também foram explorados elementos culturais do contexto histórico, assim como aspectos físicos da cidade, no intuito de apresentar Jacobina àqueles que pela primeira vez ouvem falar sobre ela, ou que nunca estiveram lá.

No segundo capítulo, delinea-se o quadro sanitário da Bahia, e mais especificamente de Jacobina, nas primeiras décadas do século XX, voltando-se

¹⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. Antropologia e moralidade: etnicidade e as possibilidades de uma ética planetária in **Ensaios antropológicos sobre moral e ética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 58.

²⁰ VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista*. In: Laura de Mello e Souza (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1999. Vol.1.

²¹ FOUCAULT, 2007, p. 159.

para a noção de saúde pública e para as diferentes concepções e práticas de cura relacionadas à sífilis. Destaca-se que as matrizes discursivas médico-higienistas, elaboradas em torno da doença, e o silenciamento observado nos atestados de óbito contribuíram para a produção e reprodução das hierarquias sociais e das convenções de gênero e sexualidade discutidas no capítulo 3. A sífilis se articulou com a prostituição na medida em que ambas constituíram pontos fulcrais de códigos de sexualidade.

O terceiro e último capítulo versa sobre representações e apropriações das convenções de gênero e sexualidade no espaço social, focalizando a prostituição. Explora de que formas, no jogo biopolítico, as mulheres ressignificavam normas e concepções estabelecidas, e funcionavam como pontos de resistência nas malhas do poder. Procura-se compreender histórias de cumplicidade, amor e violência que tiveram lugar no bairro do meretrício, os caminhos pelos quais as prostitutas lá chegaram e o surgimento do Galeão, a mais renomada casa de prostituição em Jacobina, nas décadas de 1950 a 1980.

Quanto a este último tema, destaco a utilização da obra *Confissões de um proxeneta*,²² na qual Oleone Coelho Fontes descreve a vida de Antônio Petrônio Facchinetti, proprietário da casa. Para a construção dessa obra ele fez várias sessões de entrevista com o cafetão, que se tornou seu amigo. É um trabalho biográfico, construído através da literatura, e que pode conduzir para a descoberta de quem foi Facchinetti, ou para possíveis representações construídas ao seu respeito. No desenvolvimento da pesquisa, além da referida obra literária, foram utilizados os jornais *O Lيدador* e *Vanguarda*, fontes ricas para a compreensão de aspectos do cotidiano urbano, além de expressarem representações de mundo e valores que se almejava difundir na sociedade; o Código de Posturas Municipal, que evidencia o desejo dos administradores da cidade de aderir aos hábitos tidos como modernos, buscando intervir nas atitudes e no costume – não obtendo êxito na maioria das vezes; as teses da Faculdade de Medicina da Bahia, que revelaram como o espaço da produção do saber lidava com questões relacionadas à sífilis e à sexualidade – considerando-se que os médicos jacobinenses foram formados naquele lugar e, em suas ações cotidianas e em artigos de jornal, reproduziam os

²² FONTES, Oleone Coelho. **Confissões de um proxeneta**. Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2008.

ideais vigentes na academia; e os relatórios médicos, que traçaram um panorama dos limites encontrados pelos profissionais da saúde no tratamento das doenças.

Os relatos orais permitiram acesso a histórias de vida ímpares, marcadas pela experiência individual, mas também pelo viver coletivo. No decorrer do trabalho, utilizar-se-á *F.* para fazer menção a uma simpática senhora que, gentilmente, revisitou as lembranças de sua juventude visando contribuir para a construção desse recorte histórico. Espera-se que essa nomenclatura não soe estigmatizante ou assimétrica, em relação à forma como os outros interlocutores – Almir, Noel e Terezinha – são tratados. Em sua simplicidade, aquela mulher solicitou que o seu verdadeiro nome não fosse utilizado, porque hoje possui filhos e netos, que não gostariam de saber que sua mãe/avó relatou histórias sobre essa temática. A utilização de um nome fictício poderia soar como falso e, talvez, causaria desconforto para aquele que redige o texto. Portanto, escreve-se *F.*, com o sentimento de compromisso cumprido, de um registro realizado da maneira mais fiel possível.

Sobre informações a respeito dos interlocutores e relevância dos seus relatos para a pesquisa, destaca-se que *F.* já era conhecida desde o período da graduação, mas não havia sido entrevistada. Ela afirmou ser apenas uma frequentadora do Galeão, mas forneceu informações valiosas, que dizem respeito a uma inserção muito mais complexa no ambiente e no processo. O encontro com Almir Ferreira ocorreu na casa de idosos chamada Abrigo dos Velhos, onde reside atualmente. Ele serviu o Tiro de Guerra, e trouxe informações sobre as hierarquias dentro da polícia, e o relacionamento da mesma com a sociedade. Sua fala é marcada pelo lugar de classe e possivelmente pela solidão que hoje sente, em um pequeno quarto daquela instituição. Terezinha Lapa foi esposa de um frequentador do Galeão. É uma mulher religiosa, viúva, que depois de muitos anos repete alguns valores nos quais acreditava na juventude. O relato de Noel Teles foi breve, pois o mesmo não se sentiu confortável ao falar sobre o assunto. É um homem muito humilde, e a doença que contraíra no Pilunga não lhe trazia boas recordações. Todos eles contribuíram, a partir de locais sociais diferentes, para a construção do panorama apresentado.

Por fim, destaca-se a utilização dos processos judiciais. O prazer de trabalhar com processos-crime é indescritível. São fontes complexas por trazerem diferentes versões de um mesmo fato, além de exigirem cautela na análise, pois foram compostas pela mediação dos escrivães responsáveis pelos registros. Mas,

contraditoriamente, nada se iguala à emoção que tem o pesquisador ao ler diferentes relatos sobre um mesmo acontecimento. É instigante!

Traçar paralelos, verificar convergências e desencontros entre essa gama variada de fontes não foi um trabalho fácil, mas proporcionou uma sensação motivadora de desafio. Um trabalho que é próprio do historiador: montar mosaicos, verdadeiros quebra-cabeças sobre uma história que, de certa forma, também a ele pertence. A historicidade reside justamente “nesta dependência das ações e experiências presentes e das ações e experiências passadas.”²³

²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: A arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2007. p. 60.

1 Biopoder e moralidade na cidade “moderna”

1.1 Ouro, progresso e bons costumes: o contexto

Jacobina está localizada na região denominada Piemonte da Chapada Diamantina – Bahia, a 330 quilômetros de Salvador, e possui uma história marcada por diversos ciclos de exploração do ouro.²⁴ A extração do metal vem ocorrendo desde o desbravamento daquelas terras, no século XVII, pelas famílias Guedes de Brito e Garcia D’Ávila que, ao ouvirem notícias das conquistas minerais alcançadas por Belchior Dias, resolveram adentrar o sertão também em busca de lucros.²⁵ Devido a suas riquezas, o território foi elevado à condição de vila e, no início do século XVIII, criou-se uma casa de fundição. A coroa portuguesa garantiu a posse do ouro através de uma severa legislação relativa ao garimpo, e o século seguinte foi marcado essencialmente pela exploração empresarial das minas jacobinenses. A empresa privada responsável pela exploração no século XIX foi a Companhia das Minas de Jacobina. Contudo, no início do século XX não existiam mais registros de sua atuação.²⁶

Nas décadas de 1930 e 1940, foi registrado um momento marcante no desenvolvimento de atividades dessa natureza, por conta de uma verdadeira febre pelo ouro. *O Lidador*, periódico que circulou entre 1930 e 1943, divulgava a autorização para pesquisa e extração desse mineral a particulares no leito do rio Itapicurú, e incentivava a organização da sociedade para o mesmo fim.²⁷ Influenciados por essa propaganda, e fugindo dos problemas relacionados à alimentação, saúde e emprego causados pela seca de 1932,²⁸ milhares de forasteiros migraram para Jacobina em busca de melhores condições de vida e de um enriquecimento rápido. De fato, os meios de comunicação eram veículos

²⁴ COSTA, Affonso. 200 anos depois: A então Villa de Jacobina. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. N. 48, 1923. p. 277. Para mais informações sobre os ciclos do ouro em Jacobina cf. JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)**. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2005; FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina**. Tese de Doutorado, Recife: UFP, 2008.

²⁵ O processo de colonização de Jacobina é analisado de forma detalhada na tese de doutorado de Raphael Rodrigues Vieira Filho. cf. VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX**. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 2006. p. 48.

²⁶ JESUS, 2005, f. 42.

²⁷ **O Lidador**, nº 29 de 23 de março de 1934. (*Vêm cavar ouro*) p. 1.

²⁸ Para mais informações sobre os efeitos da crise de 1932 cf. SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937**. Salvador: Assembléia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1994. p. 41-42.

eficazes para atrair pessoas para Jacobina. O prefeito Reynaldo Jacobina Vieira preocupava-se em divulgar as riquezas encontradas nas minas de ouro e em dar projeção à cidade qualificada como moderna. Em ofício à Câmara de Vereadores, ele enfatizou a importância dos meios de comunicação para o crescimento do município. Solicitou a importância de 2:100\$00 (dois contos e cem mil réis) para a produção de um filme das minas do Itapicurú e de parte da cidade, que seria produzido pela Meridional Filmes do Brazil, e que possibilitaria a convergência de muitas pessoas para o local, em favor das finanças do município.²⁹ Assim, o número de forasteiros cresceu consideravelmente e, nesse contexto, a sífilis tornou-se uma doença comum no meio social jacobinense.

Na década de 1940, o poder de exploração das terras voltou a pertencer à Companhia Minas de Jacobina. Leonídio Miranda, grande comprador de ouro da região, que saiu do município de Djalma Dutra por questões políticas e migrou para Jacobina sob as graças do Coronel Francisco Rocha Pires,³⁰ perdeu na justiça o controle sobre o território. Em 1947 ocorreu mais uma substituição, dando posse à Mineração de Ouro Jacobina Ltda., que em 1950 foi vendida à canadense Mineração Northfield Ltda., e funcionou até 1960.³¹

O alto valor do ouro possibilitou sua exploração em Jacobina em três décadas seguidas (1930, 1940 e 1950).³² Informações colhidas através de relatos orais³³ indicam que muitas pessoas ainda seguiam em busca de riquezas até 1960. Fazendo uma análise sobre o momento áureo da cidade, o interlocutor Almir Ferreira esboçou um mapeamento dos garimpos ainda em funcionamento na década de 1950, além de indicar as possibilidades de crescimento financeiro através do comércio aurífero:

Eles vinham no ensejo do garimpo, no garimpo que hoje é o Morro Velho. Era um garimpo muito forte que se chamava Itapicurú. Serra da Gaiva, Itapicurú, deu muito ouro... Canavieira, Serra da Gaiva e Itapicurú, esses três lugares davam muito ouro. Então, uns vinham como comprador de ouro, vinham fazer compra de ouro, e ali eles vinham com dinheiro, ali mesmo gastava, gastava bastante porque tinha condições. O que

²⁹ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Livro de ofícios da Prefeitura Municipal de Jacobina**. 1932.

³⁰ **O Lidador**, nº 97 de 21 de julho de 1935. (*Em torno da orientação política de Rocha Pires*) p.2.

³¹ FARIAS, 2008, f. 30.

³² JESUS, 2005, f. 35.

³³ Relatos orais de Almir Santos Ferreira, em 13/10/2010, e Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa, em 13/10/2010.

comprava em ouro já dava pra cobrir tudo, um comércio, um comércio.³⁴

Desta forma, o período que vai de 1930 a 1960 pode ser caracterizado como um momento de destaque na exploração aurífera em Jacobina. Um ciclo que proporcionou alterações de ordem econômica, mas também em aspectos culturais, a exemplo da propagação dos ideais de modernidade e o intenso desejo de vivenciar o progresso. O jornal *O Lidador* foi o maior porta-voz das propostas nesse sentido, e reproduzia os ideais de uma elite que, conquanto fizesse o elogio da modernidade, também mantinha um caráter conservador. Esta buscava estar em constante conexão com o Rio de Janeiro, capital que funcionava como modelo para muitas cidades do interior do país.

Alterações urbanísticas como a construção da ponte sobre o rio Itapicurú e o Hospital Antônio Teixeira Sobrinho foram consideradas, em 1934, como passos largos para a tão sonhada modernidade. Contudo, ao lado da notícia de jornal que celebrava os avanços obtidos com a construção das obras públicas, foram registradas queixas contra a verdadeira “imundice em que se encontravam os canos”,³⁵ pois era um costume da população jogar caldos de bacalhau, de feijão e água suja da cozinha a céu aberto, deixando a cidade mal cheirosa.³⁶ Além disso, os habitantes solicitavam à prefeitura que instituisse um serviço de coleta de lixo, mesmo que para isso fosse cobrado o imposto relativo,³⁷ e exigiam que providências fossem tomadas em relação aos animais que andavam soltos pela cidade. Em 1955, as queixas ainda giravam em torno do esgoto produzido pelas pessoas em suas casas, deixando as ruas “fedidas”. Preocupavam-se com a imagem da cidade, pois a rua Cel. Teixeira (nomeada pelo jornal *Vanguarda* como “Baixa dos Sapateiros de Jacobina”) era um ponto obrigatório de passagem para aqueles que chegavam à cidade pela ferrovia.³⁸ Quando da estada em Jacobina, as pessoas que haviam migrado não encontravam as condições que lhes haviam sido prometidas.

Dentre os tantos recursos utilizados na busca pela modernidade, destaca-se a tentativa de normatização moral e preservação dos bons costumes, baseada em

³⁴ Almir Santos Ferreira. Relato oral já citado.

³⁵ Jacobina não possuía instalações eficientes de rede de esgoto. É provável que a notícia se referisse a um conjunto precário de canos, que transportavam a água suja produzida pelos moradores para o rio.

³⁶ *O Lidador*, nº 38 de 25 de maio de 1934. (*Jacobina progredindo*) e (*O povo reclama contra a imundice dos canos*) p. 2.

³⁷ *O Lidador*, nº 166 de 27 de dezembro de 1936. (*Com a fiscalização*) p. 4.

³⁸ *Vanguarda*, nº 263 de 22 de maio de 1955. (*Jacobina e o problema dos esgotos*) p. 1.

uma série de tecnologias de poder, que perpassavam a orientação ideológica do jornal *O Lيدador*, a atuação policial e o discurso médico presente na Faculdade de Medicina da Bahia, reproduzido pelos médicos jacobinenses. Buscava-se modificar os hábitos da população, principalmente dos integrantes das camadas mais pobres, através da imposição de regras e padrões que deveriam ser seguidos, mas que muitas vezes não resultavam em alterações substanciais no costume social. Estas modificações não eram completamente assimiladas devido à existência de valores e hábitos próprios, que prevaleciam em relação às propostas de transformação elaboradas pelas camadas abastadas economicamente.³⁹

A combinação entre as diversas normas para o comportamento coletivo e a intensa migração para Jacobina, a partir de 1930, associam-se de forma direta ao comércio do sexo. As casas de prostituição proliferaram, impulsionadas pela exploração aurífera. Entre os migrantes que seguiam em busca do ouro estavam mulheres, que já viviam ou que passariam a viver do meretrício, e garimpeiros, que no cotidiano utilizavam-se do serviço das prostitutas e também faziam parte dos alvos de normatização. O marco temporal final da pesquisa, delimitado em 1960, relaciona-se tanto ao término do ciclo aurífero, que funcionou como alavanca para o contexto descrito, como ao surgimento do Galeão, que interferiu de forma significativa no modelo de prostituição desenvolvido na cidade. Estudar os primeiros anos de existência dessa casa de meretrício permite explorar também as divergências estabelecidas nas concepções sobre a prostituição jacobinense.

1.2 Moralidade pública como estratégia de poder

Em meio à rotina, ou às dificuldades do trabalho do dia a dia, feirantes negociavam frutas, verduras e uns poucos objetos manufaturados, lavadeiras estendiam os seus lençóis nas pedras do rio do Ouro. As crianças distraíam-se em brincadeiras de esquina, e os idosos, nas janelas a esperar: todos se enchiam de satisfação quando o apito soava e, soltando fumaça, o “trem das grotas” surgia entre as serras. Desde a década de 1920, esse era um espetáculo observado

³⁹ O autor Edward Palmer Thompson faz uma interessante análise sobre costumes sociais, sua transmissão e transformações. cf. THOMPSON, Edward. P. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

cotidianamente pela população jacobinense, que admirava o novo símbolo do progresso cruzar as fronteiras materiais do urbano, mas, além disso, encher as pessoas com entusiasmo. Dentre eles, Noel Teles, que do alto da rua São Salvador esperava o trem passar do outro lado do rio.⁴⁰

A chegada da estação ferroviária contribuiu significativamente para difundir a imagem da modernidade em Jacobina, com influências no desenvolvimento urbano. A cidade era habitada apenas do lado direito do rio Itapicurú. Com a presença do trem, muitas pessoas passaram a residir no então chamado bairro da Estação, principalmente os homens que foram empregados pela via férrea, e suas famílias. A nova área surgia isolada do centro pelo rio, e potencializava-se como um local de comércio atacadista.⁴¹ Aos poucos, novas formas de conexão entre os pontos da cidade foram sendo criadas, com a construção de obras como a ponte sobre o Itapicurú, tão esperada pelos jacobinenses.⁴² A sua inauguração foi adiada, do mês de setembro para novembro de 1937, o que causou grande expectativa entre a população. Mas mesmo com o relativo atraso, grupos da elite cobravam que a Prefeitura Municipal efetuasse com rapidez as obras de aterramento da estrada que seria utilizada para ligar a ponte à estação ferroviária.⁴³

A chegada do cinema falado foi considerada “um grande melhoramento para a cidade”. O equipamento sonoro trazido da cidade de São Paulo e instalado por um engenheiro elétrico da empresa *Sonorus* elevava a credibilidade dos donos do estabelecimento entre a população, visto que o empreendimento dava-lhes o *status* de cidadãos comprometidos com a modernização de Jacobina:

O cinema, que a Jacobina deve à iniciativa dos nossos esforçados amigos José Cardoso Costa, Manoel Costa e Zacarias Costa, significa para esta terra a realização de uma das maiores aspirações dos seus habitantes, com os quaes nos congratulamos pelo auspicioso acontecimento (...) A sociedade sã, os bons amigos da cidade, os que não se cansam de apoiar tudo que diz respeito ao seu desenvolvimento, saberão, por certo, contribuir para que a Empreza dos irmãos Costa tenha um desiderato completamente feliz.⁴⁴

⁴⁰ Relato oral de Noel Teles, em 12/01/2010.

⁴¹ SILVA, Fabiana Machado. **O trem das grotas**: a ferrovia Leste Brasileiro e seu impacto social em Jacobina (1920-1945). Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2009. f. 100.

⁴² **O Lidador**, nº 158 de 1 de novembro de 1936. (*Cinema falado – Caixa Econômica – Ponte sobre o rio Itapicurú*) p. 1.

⁴³ **O Lidador**, nº 201 de 7 de setembro de 1937. (*Foi adiada para Novembro a inauguração da Ponte*) p. 3.

⁴⁴ **O Lidador**, nº 162 de 29 de novembro de 1936. (*Inaugurado, ontem, o cinema!*) p. 1.

A luz elétrica e as bandas de jazz também compunham elementos de civilidade e de efervescência cultural. Em 15 de agosto fora inaugurada a *Companhia Força e Luz de Jacobina*, com apoio do intendente Municipal o Cel. Galdino Cezar de Moraes.⁴⁵ Apesar de somente as ruas próximas ao centro terem sido agraciadas com a nova iluminação, as pessoas sentiam-se mais seguras para sair à noite, e uma cultura urbana noturna aos poucos passou a se desenvolver. Vanicléia Silva Santos, em seu estudo sobre a micareta na cidade, de 1920 a 1950, afirma que a luz elétrica possibilitou aos moradores outras formas de percepção do cotidiano, especialmente na maneira de realizar a referida festa, além de favorecer os registros fotográficos que até então só podiam ser realizados durante o dia.⁴⁶

Festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio, Corpus Christi e Nossa Senhora da Conceição, se opunham às festas profanas como o carnaval e micareta, além dos sambas e batuques ligados às religiões afro-brasileiras, proibidos pela Lei Municipal.⁴⁷ Ao mesmo tempo em que havia um esforço para efetuar transformações nos hábitos, nas formas de desenvolver as atividades urbanas, manifestações culturais como o bumba meu boi, cirandinha, quilombos, dança do velho e marujada denunciavam a força das permanências. Como observam os editores do *Lidador*, na edição especial de aniversário do periódico, no ano de 1935, “A função reformadora dos nossos dias, ainda não conseguiu afastar do nosso meio essas tradições, esses brinquedos ingênuos e significativos, que os nossos avôs ensinaram”.⁴⁸ A par da sugestão de um envolvimento afetivo com o passado, a classificação das manifestações culturais como “brinquedos ingênuos” intencionava também indicar que tais elementos estavam ultrapassados, ou seja, num certo sentido, externalizava o discurso biopolítico do qual o jornal era porta-voz.

Durante grande parte do século XX, a figura da modernidade esteve presente em Jacobina. Ela se expressa nas palavras do jacobinense integrante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Affonso Costa, que em 1923 desejava prosperidade à grandiosa terra amada;⁴⁹ no contexto da exploração aurífera, que a partir de 1930 dinamizava os mais diversos setores sociais e tornava Jacobina um pólo regional; na

⁴⁵ *O Lidador*, nº 3 de 7 de setembro de 1935. (*Cia. Força e Luz de Jacobina*). p. 1.

⁴⁶ SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos: a micareta em Jacobina-Ba (1920-1950)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001. p. 42-43.

⁴⁷ ARQUIVO PÚBLICO DE JACOBINA. **Código de posturas da cidade de Jacobina**. 1930. Art. 71.

⁴⁸ *O Lidador*, nº 103 de 7 de setembro de 1935. (*Sociedades e festas*). p. 4.

⁴⁹ COSTA, 1923. p. 282.

administração de Orlando Oliveira Pires que, ao promover alterações urbanísticas a partir de 1955, despertou na população a sensação de “sintomas de modernidade”;⁵⁰ e na vitória do grupo político Carcarás nas eleições de meados de 1960, que também representou uma possibilidade de transformações. É preciso ressaltar aqui que, como afirma Santos, “na construção de Jacobina como uma cidade ‘civilizada’, a ideia de ‘modernidade está intimamente ligada à ideia de moralidade”.⁵¹

Durante as décadas de 1930 a 1960, a imprensa desempenhou um papel de destaque neste sentido, reforçando a articulação entre moralidade e modernidade. Em janeiro de 1934, *O Lidador* ressaltava a importância do livro para a aquisição da cultura, mas, por outro lado, destacava as vantagens proporcionadas pelo uso dos jornais, que eram mais baratos, mais acessíveis, “democratizantes”, e divulgavam ideais filantrópicos. O objetivo da notícia era convencer a população de que esse tipo de publicação e, mais especificamente, o próprio jornal em que a informação foi publicada, funcionava como um instrumento a favor dos interesses sociais, para levar o progresso e a “luz”: “O jornal vai a toda parte e, onde vai, leva a moral e a instrução, que são o grande bem, o bem comum. O jornal é o porta-voz da ciência e arauto das grandes ideias”.⁵²

Os bailes de jazz, que selecionavam rigidamente os seus frequentadores, as informações sobre viagens de pessoas ilustres para a capital e as festividades religiosas, dentre outros aspectos, eram noticiados a cada semana em *O Lidador*. Seu diretor, Nemésio Lima, considerava difícil o trabalho de redator de um jornal do interior, devido à cobrança constante dos assinantes em relação a felicitações pela passagem de aniversários e à publicação de notas sobre os eventos promovidos pelos mesmos. O trecho abaixo indica como a imprensa era utilizada na manutenção do status social, em que ter o nome publicado no jornal indicava poder:

De manhã, no domingo, a primeira coisa que vai ver no semanário é a secção social. Não encontrando a notícia que desejava torna-se possesso e grita:

- “Maria, ó Maria, vem ver que desaforo!: Nada disseram sobre a festa que demos quinta-feira” E’ desaforo, isso, e dos grandes.⁵³

⁵⁰ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade**: imagens de modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007. f. 70-71.

⁵¹ SANTOS, 2001. f. 42.

⁵² *O Lidador*, nº 18 de 5 de janeiro de 1934. (*O Lidador*) p. 1.

⁵³ *O Lidador*, nº 122 de 19 de janeiro de 1936. (*Jornalista do interior*) p. 4.

É pertinente a ideia de que as notícias do jornal eram utilizadas como instrumento biopolítico, no intuito de atingir principalmente a elite jacobinense, articulando os leitores como um grupo privilegiado e, ao mesmo tempo, ditando as regras a serem seguidas com respeito às leituras que deveriam fazer, formas de comportamento, hábitos de higiene, normas de etiqueta, dentre outros. Sem dúvida, as mensagens de luz e progresso eram dirigidas a essas pessoas letradas, que almejavam um reconhecimento pelo lugar social que ocupavam. Contudo, as informações veiculadas no periódico também podiam alcançar a população mais pobre. Jesus destaca a atenção dispensada por *O Lidador* às pessoas instaladas no garimpo do Itapicurú, visto que no local havia um grande número de assinantes do periódico. Como a maior parte dos garimpeiros que ali morava era analfabeta, a oralidade certamente fazia com que as informações circulassem, principalmente as notícias relacionadas ao cotidiano do garimpo.⁵⁴ Conflitos decorrentes das apropriações do espaço urbano também eram publicados, a exemplo das queixas em relação aos homens que tomavam banho nus, e à “promiscuidade” das lavadeiras, apanhadeiras de água potável e mulheres que tratavam galinhas, produzindo resíduos que sujavam o rio.⁵⁵ Os habitantes do garimpo podiam encontrar acesso ao mundo de ideias do periódico, mesmo que em menor intensidade, se comparado aos membros da elite. E, sendo assim, é certo que no centro da cidade essas notícias também estavam presentes. Além disso, não é provável que os editores ocupassem espaço no jornal com a publicação de notícias para aqueles que não sabiam ler, a não ser que isso fosse revertido, de alguma forma, em um aumento da abrangência do seu público. Em artigo publicado em 1939, o jornal assim se dirigia aos leitores: “E’ analfabeto? Mas certamente terá esposa, filhos, pessoa amiga capaz de ler alguma coisa para você ouvir. Em semelhante circunstância, prefira O LIDADOR que lhe proporcionará noticiário, contos (..) etc.”.⁵⁶

As estratégias de poder disseminadas pelo jornal insidiam de forma diferente sobre as distintas classes sociais presentes em Jacobina. As dificuldades relacionadas à leitura impediam que as ideias penetrassem mais incisivamente entre analfabetos, mas, como foi visto, não os excluía completamente. A fala de Terezinha

⁵⁴ JESUS, 2005, f. 49.

⁵⁵ *O Lidador*, nº 305 de 29 de março de 1936. (*Notícias de Itapicurú*) p. 4.

⁵⁶ *O Lidador*, nº 305 de 19 de novembro de 1939. (*E’ analfabeto*) p. 1.

Lapa revela o quanto algumas moças pobres, que de alguma forma tinham acesso à leitura, levavam a sério os valores propagados pelo jornal, e como ela optou por seguir, na medida do possível, essas recomendações: “a pessoa não namorava assim não, eu mesmo não tive esse namoro. Eu tinha um namorado e com esse me casei”.⁵⁷

Enquanto produto das tecnologias de poder, a moral estava presente em notícias, apontando valores normativos que deveriam acompanhar o ser humano ao longo da vida. O trecho abaixo revela como ela era responsável pela organização social, no sentido de garantir o cumprimento das leis. Ou seja, atuava como elemento regulador das ações humanas que pudessem ameaçar a estabilidade e a ordem convencionadas pela elite:

Só a Moral consegue desbastar a crôsta da consciência induzindo a espécie à pratica do bem. No lar doméstico, pelos exemplos paternos, começa a educação moral da creança. Iniciados na arte de bem proceder, passando da infância á juventude, os moços saberão evitar as más companhias, traçando a directriz de seu intinerário social, no empenho de se tornarem homens de bem (...) Só assim poderá constituir sociedade digna, em que esteja assegurada a tranquilidade de cada indivíduo, das famílias, da comunidade. Dos bons costumes dependem as boas leis e sua fiel execução.⁵⁸

Na edição inaugural de *O Lidor*, publicada em 7 de setembro de 1933, o jornal foi apresentado à sociedade jacobinense como um veículo comprometido com a moralidade e com o espírito de modernização.⁵⁹ Mas, ao mesmo tempo em que afirmava a importância da moral, deixava claro o suposto objetivo da imparcialidade:

(...) marchar galhardamente pela estrada do progresso para a conquista de tuas nobres aspirações (...) Vaticino para O Lidor uma existência longa, toda dedicada a bem servir ao povo, sem paixões, dentro dos limites da sã moral, devotado inteiramente ás aspirações, a engrandecimento e á felicidade desta terra.⁶⁰

⁵⁷ Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa. Relato oral já citado.

⁵⁸ *O Lidor*, nº 27 de 9 de março de 1934. (*Só a moral enaltece o homem*) p. 1.

⁵⁹ Destaca-se que os ideais de civilização e modernização presentes e muitas cidades do Brasil a partir de fins do século XIX foram inspirados nas transformações ocorridas na Europa. Para mais informações, cf. LEITE, Rinaldo César Nascimento. **E a Bahia civiliza-se**: idéias de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana (Salvador, 1912-1916). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

⁶⁰ *O Lidor*, nº 1 de 7 de setembro de 1933. (*A imprensa em Jacobina*) p. 1.

Antes de chegar a Jacobina, *O Lidador* chamava-se *Mundo Novo* e circulava na cidade vizinha de mesmo nome. Seu diretor e proprietário, Nemésio Lima, teria discordado da posição política do coronel Raul Vitória, autoridade de Mundo Novo, e assim migrou para a “cidade do ouro”.⁶¹ Em Jacobina, o editor encontrou apoio do jovem coronel Francisco Rocha Pires, apelidado de Chico Rocha, que firmou aliança com o Interventor Federal Juracy Magalhães e passou a divulgar notícias inspiradas no Juracismo, corrente conservadora, moralista, de forte apelo nos meios militares, no coronelismo e nas classes médias. A ação política de Magalhães alcançou destaque principalmente entre a elite baiana porque, diferentemente dos interventores que o antecederam, estabeleceu compromissos com os coronéis que a revolução de 1930 tentou excluir do cenário político, e revitalizou componentes da sociedade oligárquica brasileira.⁶² Assim como os coronéis do São Francisco, os chefes políticos do nordeste do Estado prestavam apoio incondicional ao Interventor da Bahia através da Aliança Social Política e Municipal (ASPM), que reunia dez municípios, dentre eles Jacobina, na figura de Francisco Rocha Pires.⁶³

As relações de poder político-partidárias manifestavam-se principalmente através das trocas de favores. Os coronéis jacobinenses utilizavam-se de festas como a micareta para desenvolver suas estratégias políticas. A sociedade encontrava-se subdividida em clubes e facções políticas: os coronéis Francisco Rocha Pires e Galdino César de Moraes eram respectivamente envolvidos com as sociedades recreativas 2 de Janeiro e Aurora. Nos momentos de sociabilidade festiva, o coronel tinha lugar especial entre os convivas, e aí se davam trocas simbólicas, efetivavam-se pedidos de proteção, alianças, concessões, definiam-se amigos e adversários. Os coronéis ofereciam aparatos como fantasias e carros para a festa, como forma de garantir a fidelidade do povo, e Chico Rocha era sempre re-eleito, mantendo-se no poder por mais de meio século.⁶⁴ Como reflexo das articulações políticas, *O Lidador* propagava que o povo jacobinense, “amante da liberdade e do progresso”, marchava para um futuro brilhante sob a condução política de Francisco Rocha Pires.⁶⁵ Ainda no ano de 1955, o *Vanguarda* anunciava a viagem realizada pela Embaixada Juracy Magalhães, comitiva composta por

⁶¹ MENEZES, Adriano Antônio Lima. **Imprensa sertaneja**: uma busca de identidade cultural no Piemonte da Chapada Diamantina. Anuário de Pesquisa da UNEB. Salvador-BA, p.8.

⁶² SAMPAIO, 1994, p. 76.

⁶³ Idem, p.92.

⁶⁴ SANTOS, 2003, f. 143,149.

⁶⁵ **O Lidador**, nº 79 de 17 de março de 1935. (*Ha ordem, respeito e trabalho*) p. 1.

professorandos, para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, ocorrido no Rio de Janeiro.⁶⁶ A homenagem feita ao político, dando o seu nome ao grupo, indica o prestígio que o interventor possuía em meados da década de 1950, e sugere um possível patrocínio para o deslocamento da comitiva, que viajou em ônibus especial. Já o comerciante Jacinto Felipe Arizi mandou celebrar uma missa em homenagem à passagem do aniversário de Magalhães, como forma de expressar o respeito que lhe tinha.⁶⁷

Além da influência do Juracismo e das relações coronelísticas, que o jornal insistia em reproduzir, um grande número de notícias estava relacionado ao Integralismo de Plínio Salgado. Mesmo sabendo que Juracy Magalhães estabeleceu dura perseguição aos integralistas, por considerá-los uma ameaça ao Partido Social Democrático (PSD), que ele criou na Bahia, é possível encontrar em *O Lidador* diversas notícias relacionadas ao Integralismo que, dentre seus objetivos principais, incentivava a colaboração para a construção da unidade nacional; o reforço da autoridade; a coordenação de todas as classes produtivas para o fortalecimento da nação; apoio ao pensamento político que fosse baseado nas realidades nacionais.⁶⁸ Em 7 de julho de 1935, Nicanor de Carvalho afirmava que esse movimento político:

[Queria] a unidade nacional e combate a divisão do Brasil. Sustenta a ideia de Deus, combatendo a intolerância religiosa e chamando para o seu seio os adeptos de todas as religiões (...) defende a família como organismo básico do organismo social.⁶⁹

Em 9 de fevereiro de 1934, o integrante do Núcleo Provincial da Ação Integralista Brasileira na Bahia, Eulálio Mota, escreveu para o periódico jacobinense expressando a sua indignação em relação à notícia publicada pelo jornal *O Social*, da cidade de Cachoeira, que reproduzia o que foi veiculado em *O Imparcial*, de Salvador, contra o Integralismo.⁷⁰ O colunista classificou o texto como “noticiazinha” e, depois de argumentar que o periódico cachoeirense não conseguia “sequer apontar as diferenças entre o fascismo italiano e o integralismo brasileiro”, afirmou

⁶⁶ **Vanguarda**, nº 300 de 10 de julho de 1955. (*Seguiu hoje para o Rio a Embaixada*<<Juracy Magalhães>>) p. 1.

⁶⁷ **Vanguarda**, nº 305 de 14 de agosto de 1955. (*Missa em ação de graças pelo aniversário do senador Juracy Magalhães*) p. 1.

⁶⁸ ALVES, Cristiano Cruz. O integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. **Antíteses**, vol. 1, n. 2, jul.-dez. de 2008, f. 411-412.

⁶⁹ **O Lidador**, nº 95 de 7 de julho de 1935. (*Integralismo, revolução de cultura*) p. 1.

⁷⁰ **O Lidador**, nº 23 de 9 de fevereiro de 1934. (*Integralismo*) p. 4.

de forma satírica que seria melhor se tivessem ocupado aquele espaço com elogios ao presidente Getúlio Vargas ou a Juracy Magalhães.

Apesar do caráter conservador do Integralismo no que diz respeito ao controle da sociedade e aos valores morais, expresso no slogan “Deus, Pátria e Família”, o componente nacionalista desta corrente implicava que *O Lيدador* produzisse uma série de representações liberais em prol da mobilização social para o desenvolvimento da pátria, o que envolvia alterações no espaço urbano e nas formas de comportamento, instruídos por concepções biopolíticas. Modernizar a cidade era sinônimo de desenvolvimento da nação. Este aspecto associava-se à ideia da sobrevivência da família como uma das instituições mais importantes da sociedade, mesmo com os debates jurídicos em fins do século XIX para a modernização das noções de honra e para a transformação das relações paternalistas que serviam como anteparo de uma ordem social fortemente hierarquizada.⁷¹ Juntos, esses dois fatores transformaram o periódico no principal veículo disseminador de ideais moralizadores, instrumento de poder utilizado por aqueles que almejavam a regulamentação e saneamento de espaços públicos e privados, sob forte influência do preconceito de raça e classe.

Para além da influência do jornal, principalmente sobre as camadas abastadas, diferentes campos de produção discursiva ligados à classe e à moral também atuavam em Jacobina: o discurso legislativo, jurídico e o biomédico/sanitarista tentavam atuar sobre os mais pobres, as prostitutas e os garimpeiros que, por sua vez, ressignificavam e driblavam as imposições.

No dia 27 de dezembro de 1947, os amigos José Apolinário da Cruz, conhecido como Zé Botão, e José Adrelino da Silva, apelidado de Zé Caroá, pescavam em um trecho do rio atrás da casa do motorista Manoel Felismino dos Santos e, como de costume, “proferiam palavras imorais, numa falta evidente de decoro”.⁷² Manuel Felismino dirigiu-se a eles, no intuito de conter as palavras indecentes, e foi agredido. Leis como o Código de Posturas Municipal preocupavam-se especificamente em restringir comportamentos dessa natureza. O artigo 68 do seu capítulo VII, intitulado “Da moralidade, bem estar, costume e sossego público”, proibia as pessoas de proferirem palavras obscenas que ofendessem a moralidade

⁷¹ CAUFIELD, 2005, p. 32.

⁷² FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**. Réus José Apolinário da Cruz e José Adrelino da Silva. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1947.

pública quando estivessem nas ruas e nas casas comerciais.⁷³ Há uma relevância nesse capítulo, no que diz respeito à censura aos comportamentos observados no espaço urbano. O Código determinava que as pessoas não escrevessem ou mandassem distribuir pasquins sobre a vida privada de qualquer autoridade, corporação ou pessoa particular (art. 69), o que contribuía para a preservação da imagem de políticos e pessoas influentes; além de serem proibidas de andar seminuas (art. 72).⁷⁴ Tentava-se banir determinadas práticas sociais com as quais as camadas mais abastadas não concordavam, mas que eram recorrentes entre outros grupos sociais. Proibia-se a presença de pessoas “desocupadas” nas portas das casas comerciais, balcões e passeios (art. 71); e todos os embriagados nas ruas, praças e casas de negócios, que procurassem desordens, dirigissem insultos, causando vergonha à moralidade pública, seriam entregues à delegacia (art. 76).⁷⁵ Ao ditar normas e condutas, esse instrumento exibia táticas de poder que, sob a bandeira da preservação moral, almejava incidir sobre os corpos e comportamentos, e tornar a apropriação da cidade uma função relacionada ao lugar social que cada um ocupava dentro de uma hierarquia de classe bem definida. Os irmãos Costa, proprietários do Cine Jacobinense, recebiam queixas de alguns frequentadores que, nas sextas-feiras, ameaçavam deixar de assistir às sessões, devido à presença de pessoas “desclassificadas, isto é, descalçadas e com roupas sujas”⁷⁶ no cinema. Em agosto de 1939, as reclamações estavam relacionadas aos beijos que os casais trocavam dentro do cinema no momento em que, na tela, os artistas também se beijavam. Afirmava-se que esses beijos eram controlados pela polícia nos cinemas das capitais, e o ato era considerado uma aberração no que dizia respeito aos princípios de educação e respeito.⁷⁷

Era comum que homens e mulheres das classes economicamente subalternas de Jacobina se envolvessem em problemas relacionados à moralidade e transgredissem a ordem. Em 9 de fevereiro de 1934, por exemplo, assinantes de *O Lيدador* agradeciam ao delegado de polícia pelo veto aos banhos que aconteciam na região do rio Itapicurú denominada Picula. Esse trecho do rio ficava próximo à Praça da Igreja Matriz e era muito utilizado para lavagens de roupa e banhos. O anúncio

⁷³ ARQUIVO PÚBLICO DE JACOBINA. **Código de Posturas da Cidade de Jacobina**. 1930.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ **O Lيدador**, nº 298 de 03 de outubro de 1939. (*A molecada e o cinema*) p. 4.

⁷⁷ **O Lيدador**, nº 290 de 08 de agosto de 1939. (*Com os <<beijadores>> do cinema*) p. 1.

ressaltava a necessidade de abolir o “indecoroso espetáculo dos marmanjos, e a moda da nudez... entre nós, já adeantada”.⁷⁸ Um ano depois, em 24 de fevereiro de 1935, tais agradecimentos revelavam-se inócuos. *O Lidador* noticiava:

As famílias residentes á rua Padre Carneiro, de muito tempo a esta parte sentem-se revoltadas, e com muita razão, com a falta de escrúpulo de um certo número de rapazinhos, de 12 a 16 annos que, aproveitando-se dos cochilos da polícia e da tibieza dos seus criadores, fizeram o reprovável costume de tomar banho no Rio do Ouro, no trecho que passa junto áquella via pública. E só se vendo o espetáculo que nos offerecem os taes *menores* (pois alguns já atingiram a puberdade), completamente nus, á vista das famílias, como se mencionada rua já fosse <villa alemã>, só porque infelizmente, lá não chegou, ainda a acção da polícia desta cidade.⁷⁹

Apesar da determinação contra os banhos, tanto no Código de Posturas⁸⁰ quanto na ação policial, a denúncia acima revela que as pessoas não alteravam seus hábitos nesse sentido e, além disso, a polícia não conseguia desenvolver o controle de forma eficaz. Como consequência, práticas como essas perduraram por muito tempo. Treze anos após o primeiro agradecimento publicado no jornal, foi instaurado o inquérito policial contra Zé Botão e Zé Caroá, e o elemento motivador, sem dúvidas, era a quebra dos padrões de moralidade nos constantes banhos que tomavam no rio.

Segundo a testemunha Amorita de Souza, moradora da rua da Bananeira, onde o episódio aconteceu, os rapazes: “trepavam-se, despídos, em uma gameleira de onde saltavam para dentro d’água sem respeitar as famílias; que quando reclamavam eles diziam que ali era o rio e podiam tomar banho”.⁸¹ A fala de Amorita revela que a noção de espaço público, para os rapazes, relacionava-se à ideia de um ambiente livre, onde o exercício das vontades individuais poderia ser realizado de forma plena, ao invés da de um local de convívio mútuo, onde normas e condutas deveriam ser preservadas.⁸² Os réus fugiram depois do crime, e o provisionado Antonio Nunes da Silva, responsável pela defesa dos dois, admitiu não ter elementos suficientes para realizá-la. Eles foram condenados a oito meses de

⁷⁸ *O Lidador*, nº 23 de 09 de fevereiro de 1934. (*Os banhistas da “Picula”*) p. 1.

⁷⁹ *O Lidador*, nº 76 de 24 de fevereiro de 1935. (*Uma immoralidade que a polícia precisa ver*) p. 1.

⁸⁰ ARQUIVO PÚBLICO DE JACOBINA. **Código de Posturas da Cidade de Jacobina**. 1930. Art. 58 e 59.

⁸¹ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**, 1947. f.7.

⁸² A ideia de liberdade será discutida de forma mais circunstanciada no capítulo 3, no que diz respeito à prostituição.

detenção e taxa penitenciária de Cr\$ 20 (vinte cruzeiros).⁸³ O inquérito tinha como objetivo investigar a agressão física que fora cometida, mas reforçava constantemente o motivo que causou a agressão: o afrontamento à moral e aos bons costumes. Ao que se percebe, também no jurídico, as estratégias de poder se manifestavam, e a fuga foi a maneira mais rápida encontrada como forma de resistência.

O discurso biomédico visava o controle das doenças entre a população mais pobre, através da requisição de exames e indicações dos locais de tratamento.⁸⁴ Os médicos faziam recomendações de como se comportar nos casos de gripe – não tossindo com a mão à boca, porque tornaria a mesma um foco para micróbios, nem abraçando ou beijando pessoas sãs –, e instruindo as pessoas sobre como deveriam manter o padrão de saúde.⁸⁵

No ano de 1939, por exemplo, o delegado da higiene Hildegardo Meireles publicou um edital baseado no Código Sanitário do Estado, no qual impedia que qualquer prédio fosse habitado sem passar por uma inspeção sanitária anterior, que julgaria as condições do lugar.⁸⁶ Quatro meses depois, o mesmo médico estipulou que todos os produtores de gêneros alimentícios solicitassem o registro dos seus produtos. Para isto, deveriam enviar duas amostras e pagar a taxa de análise do material. Se essas providências não fossem tomadas, teriam os alimentos recolhidos e inutilizados.⁸⁷

A biomedicina articulava-se, em muitos momentos, com a ação policial. Pessoas que realizavam práticas de cura alternativas à medicina oficial eram perseguidas constantemente, como no caso do curandeiro Bazinho, que teria sequestrado uma garota de 11 anos, mesmo já sendo casado pela terceira vez.⁸⁸ Muitos curandeiros eram acusados de sedução e envenenamento de mulheres com beberagens, a exemplo de Zé Goré.⁸⁹ De fato, o artigo 284 do Código Penal de 1940, no Capítulo III, intitulado *Dos Crimes contra a Saúde Pública*, afirmava que

⁸³ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**, 1947. f.7.

⁸⁴ **O Lيدador**, nº 260 de 13 de novembro de 1938. (*Conselhos sobre a tuberculose*) p. 4. Mais informações sobre esse assunto, cf. p. 35.

⁸⁵ **O Lيدador** nº. 259 de 06 de novembro de 1938. (*Higiene e Gripe*) p. 4.

⁸⁶ **O Lيدador** nº. 273 de 12 de fevereiro de 1939. (*De agora em diante só com o <habita-se> da Saúde Pública poderão ser ocupados prédios nesta cidade*) p. 4.

⁸⁷ **O Lيدador** nº. 286 de 1 de junho de 1939. (*Com visitas aos produtores de Gêneros Alimentícios*) p. 4.

⁸⁸ **Vanguarda**, nº 305 de 14 de agosto de 1955. (*Os crimes do curandeiro sedutor Bazinho*) p.4.

⁸⁹ **Vanguarda**, nº 308 de 04 de setembro de 1955. (*novos crimes de curandeiros*) p. 4.

“exercer o curandeirismo: I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III - fazendo diagnósticos” era crime, com pena prevista de seis meses a dois anos.⁹⁰

Os dispositivos biopolíticos sobre os corpos faziam parte de uma teia de poder na cidade de Jacobina e, ao longo das três décadas estudadas, os interesses coletivos, pessoais e institucionais cruzavam-se, produzindo matrizes discursivas que remetiam às convenções de gênero e sexualidade. Estas são examinadas nos próximos capítulos, em especial no capítulo 3.

⁹⁰ BRASIL. **Código Penal de 1940**. Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – AMPERJ. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf. Acesso em: 11/09/2010.

2 “Vinhos de jurubeba com pós-de-joanes”: práticas de cura e representações relativas à sífilis

2.1 Saúde pública em Jacobina: um quadro geral

Na década de 1930, Jacobina enfrentou diversos problemas relacionados à saúde pública. A análise das condições de vida dos garimpeiros na cidade revelou que o grande contingente populacional concentrava-se em pequenos espaços onde o garimpo era realizado, favorecia a insalubridade e facilitava a proliferação de doenças.⁹¹ O impaludismo, a varíola e a febre tifo são exemplos de males que afligiam os mineradores e suas famílias. Em 05 de outubro de 1934, a população chamava a atenção das autoridades sanitárias para a epidemia de “alastrim”, denominação pela qual também era chamada a varíola, que se desenvolveu no minério situado entre Jacobina e a cidade de Djalma Dutra. Farmácias das duas cidades aproveitaram a oportunidade para anunciar que haviam adquirido grande quantidade de vacinas, para aqueles que ainda não haviam se imunizado.⁹² Meses depois, *O Lidador* recebeu a carta de um morador do distrito de Riachão, pedindo auxílio público para a resolução dos problemas sanitários, e descrevia minuciosamente como o impaludismo afetava a população mais pobre, que vivia sob péssimas condições materiais de vida.⁹³ Medicamentos eram solicitados ao Secretário de Saúde Pública da Bahia, e as pessoas residentes à rua da Serra exigiam que os doentes atacados pelo alastrim fossem afastados do convívio social. Além desses problemas, a sífilis, o tétano e a tuberculose também comprometiam a saúde dos jacobinenses. No ano de 1938, por exemplo, a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose convocou os portadores da doença para a realização de exames gratuitos e para o desenvolvimento de um tratamento adequado.⁹⁴ A maior preocupação da instituição era encorajar os tuberculosos a procurar auxílio, visto que havia uma resistência em admitir o contágio. Isso ocorria, em grande medida, porque a tuberculose, assim como a sífilis, era um mal impregnado de características relacionadas à moralidade.

⁹¹ JESUS, 2005, f. 124-127.

⁹² **O Lidador**, nº 57 de 05 de outubro de 1934. (*Varíola! As autoridades não podem continuar indiferentes*) p. 4.

⁹³ **O Lidador**, nº 87 de 12 de maio de 1935. (*Impaludismo e Alastrim*) p. 1.

⁹⁴ **O Lidador**, nº 260 de 13 de novembro de 1938. (*Conselhos sobre a tuberculose*) p. 4.

Desenvolver reflexões sobre o conceito de saúde pública implica considerar a existência de uma esfera coletiva para intervenções médicas, com políticas de prevenção de doenças e controle da saúde, na qual o acompanhamento constante ao paciente não remete diretamente à patologia, mas à abertura da saúde como “domínio medical”, como campo para o desenvolvimento de estratégias políticas de biopoder. Se a doença e a demanda do paciente poderiam, à primeira vista, constituir o domínio de atuação da medicina, segundo Foucault, não há nenhuma dúvida de que essa ciência foi muito mais além. A própria saúde se constituiu como um campo de intervenção medical.⁹⁵ O poder da medicina passou a impor um verdadeiro ato de autoridade sobre a vida humana. Esse poder não pertence ao médico, mas ele o agencia, o põe em jogo, o instrumentaliza:

O poder medical é um aspecto da configuração política geral, resultante do jogo das diferentes forças ativas e em relação umas com as outras numa dada sociedade. Compõem o poder medical, além dos médicos e dos seus pacientes, os serviços e departamentos de saúde dos Estados, os departamentos de obras públicas, as empreiteiras privadas, as diferentes classes econômicas e seus interesses, os hospitais, as universidades, os centros de formação técnico-medical, a indústria do diagnóstico, a indústria farmacêutica.⁹⁶

Com base nestas ideias, é possível refletir sobre como os elementos que compunham as intervenções sanitárias em Jacobina nas primeiras décadas do século XX, em especial no que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis, se articularam às matrizes discursivas sobre a sífilis e, no intuito de modernizar a cidade, ditaram normas comportamentais e contribuíram para a reprodução das convenções de gênero e sexualidade.

Entre os fatores que contribuíram para a conformação das intervenções sanitárias no interior da Bahia, Luiz Antônio de Castro Santos destaca a importância do modelo político de organização do Estado.⁹⁷ Para ele, as oligarquias baianas encontravam-se fragmentadas, o que impediu o surgimento de uma sólida organização partidária nas primeiras décadas da República. Assim, mesmo os governos que propunham novas políticas de saúde não tinham o apoio necessário dos legisladores para assegurar a aprovação de leis e, quando aprovadas, as

⁹⁵ NETO, 2010, p. 30.

⁹⁶ Idem, p. 46.

⁹⁷ SANTOS, Luiz Antônio de Castro. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República in HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 265.

mesmas corriam o risco de não serem executadas. Somente com a intervenção federal a partir de 1920, com a ação sanitária da Fundação Rockefeller, e com alterações que visavam acabar com o faccionismo político, é que teria sido possível observar algumas transformações nesse quadro, inclusive entre a elite médica conservadora, que recusava as novas ideias sobre bacteriologia e imunologia.⁹⁸

A inserção da Fundação Rockefeller na Bahia ocorreu num contexto de crise social, desemprego e propostas de modernização para a cidade de Salvador. Não havia recursos para criar instalações hospitalares em número suficiente e a União ainda não havia assumido a responsabilidade em relação a uma política de saúde em âmbito nacional. Dessa forma, o Diretor Geral de Saúde Pública da Bahia, Gonçalo Moniz, buscou estabelecer um convênio com a instituição estrangeira.⁹⁹ Funcionando a partir de dezembro de 1920, a Fundação Rockefeller passou a desenvolver atividades de relevância para a saúde pública da sociedade baiana, como o diagnóstico e tratamento da ancilostomose, e o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Através de uma forte atuação antilavrária, buscava-se intervir em áreas internas e externas dos domicílios, no intuito de erradicar a febre amarela no Estado.¹⁰⁰

O estudo desenvolvido por Christiane Maria Cruz de Souza, no entanto, alerta para os riscos de se atribuir as dificuldades na realização de ações sanitárias na Bahia, nas primeiras décadas do século XX, exclusivamente a questões associadas às oligarquias.¹⁰¹ A autora argumenta que o processo ocorreu de uma forma complexa, com entraves nos mais variados níveis, inclusive no que concerne à distância entre a capital e as diversas cidades do interior. Faltavam recursos financeiros para a implementação de políticas de saúde realmente eficazes no Estado, diferentemente da realidade de capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Além disto, o cargo de Delegado de Higiene – que envolvia uma série de medidas como a organização do serviço de higiene do município, a realização de estatísticas demográfico-sanitárias, a visitação periódica à área que estivesse sob sua responsabilidade e o estabelecimento de ações profiláticas contra o aparecimento de moléstias transmissíveis, dentre outros – não era remunerado. Em vista disto, de

⁹⁸ Idem, p. 266-267.

⁹⁹ PONTES, Adriano Arruda. **Caçando mosquitos na Bahia: a Rockefeller e o combate à febre amarela – inserção, ação e reação popular (1918-1940)**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007. p. 81-82.

¹⁰⁰ Idem, p. 87.

¹⁰¹ SOUZA, 2007.

acordo com Souza, “poucos eram (...) os médicos dispostos a se estabelecer nos municípios e povoados distribuídos pelos mais longínquos e atrasados recantos do território baiano”.¹⁰²

A falta de incentivo financeiro pode ter funcionado ainda como empecilho para a realização de pesquisas entre os médicos da Faculdade de Medicina da Bahia. Em que pese este fato, esses profissionais mantinham-se informados sobre os trabalhos desenvolvidos no exterior, através de aulas ministradas em outros países publicadas pela Gazeta Médica da Bahia, e da reprodução de notícias acerca dos métodos utilizados nos mais avançados laboratórios de pesquisas bacteriológicas. Faziam ainda viagens de estudo e, ao contrário do que afirma Santos, há evidências de que não havia, entre eles, resistência às ideias de bacteriologia e imunologia. O médico Gustavo dos Santos, por exemplo, foi à Europa a expensas próprias, com o intuito de estudar o método Koch para o tratamento da tuberculose.¹⁰³ A investigação clínica realizada pelo médico Nina Rodrigues acerca da gripe epidêmica de 1895 também estava em consonância com as pesquisas empreendidas em outros lugares do mundo. O renomado médico destacava que, embora os resultados obtidos pela bacteriologia não tivessem alcançado unanimidade, apontavam para avanços importantes na maior compreensão nosológica e na interpretação dos seus sinais, ou mesmo na exigência de sua terapêutica.¹⁰⁴

A inspeção realizada pela Secretaria de Saúde e de Assistência Pública da Bahia no arraial de Quebra-cocos – Jacobina, no ano de 1925, com o objetivo de averiguar uma denúncia sobre a peste,¹⁰⁵ é reflexo de como as autoridades sanitárias do Estado passaram a dispensar maior atenção às áreas do sertão e vale do São Francisco no que diz respeito à saúde coletiva.¹⁰⁶ O relatório produzido a partir da visita revelou as condições insalubres nas quais a população do arraial vivia, fato que contribuiu para o surgimento do surto epidêmico. O agente sanitário concluiu que a peste era uma doença endêmica, e que aquela era uma reincidência

¹⁰² SOUZA, 2007, f. 278-283.

¹⁰³ Idem, f. 139-140.

¹⁰⁴ Idem, f. 144,147.

¹⁰⁵ Apesar de não haver maiores informações sobre que tipo de doença seria essa, características como a falta de asseio e a transmissão através de ratos indicam que se tratava da peste bubônica, uma doença infecto-contagiosa, pulmonar ou septicêmica, disseminada pela pulga do rato.

¹⁰⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Relatório das pesquisas resultantes do inquérito epidemiológico realizado no arraial denominado “Quebra-cocos” do município de Jacobina.** Caixa 4028, maço – 127, 1925.

da contaminação ocorrida no ano de 1919.¹⁰⁷ A doença foi transmitida por ratos e matou cinco pessoas, mas não se alastrou pela vizinhança.

Apesar do auxílio profilático fornecido pelo Estado aos municípios, e da intensa movimentação dos médicos baianos na academia, a demanda por profissionais de saúde no interior exigia um plano mais concreto de realizações. As visitas esporádicas não alteravam significativamente o cotidiano da população, e tornava-se necessária a criação de órgãos fixos que objetivassem a prevenção e o controle de doenças epidêmicas. Mesmo com os esforços do governador Joaquim Manuel Rodrigues Lima (1892-1896) – que, em 1892, instituiu o Conselho Geral de Saúde Pública, responsável dentre outras coisas por propor a nomeação dos delegados de higiene para cada município da Bahia –, do governador Luiz Vianna (1896-1900) – que atribuiu ao Estado a responsabilidade pelas medidas de tratamento e prevenção de moléstias transmissíveis – e de Severino Vieira (1901-1904) – que visava colocar em prática a legislação já existente sobre saúde pública –,¹⁰⁸ somente em 1938 o Estado inaugurou um subposto de higiene em Jacobina, e nomeou o médico Hildegardo Meireles como delegado.¹⁰⁹ No ano de 1933, Francisco Guimarães havia comunicado, no jornal, que estava assumindo o cargo de Diretor do Posto de Profilaxia do Departamento Nacional de Saúde Pública,¹¹⁰ mas o mesmo não era médico e, provavelmente, não possuía a formação necessária para desenvolver as ações sanitárias. De fato, as políticas de saúde pública na Bahia firmaram bases mais sólidas nas décadas de 1930 e 1940 em relação aos anos anteriores, configurando um contexto diferente do processo de estruturação descrito acima. Contudo, em algumas cidades do interior, a exemplo de Jacobina, uma série de problemas ainda persistia. No primeiro semestre de 1940, por exemplo, notícia publicada em *O Lيدador* informa que morreram 41 crianças e 23 adultos, por falta de assistência médica.¹¹¹ Ainda em 24 de julho de 1955, o jornal *Vanguarda* lamentava o estado de abandono do Posto de Puericultura jacobinense, que possuía problemas na estrutura física e não tinha médicos para atender, o que sobrecarregava apenas

¹⁰⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, 1925, p. 3.

¹⁰⁸ SOUZA, 2007, f. 66-69.

¹⁰⁹ *O Lيدador*, nº 253 de 25 de setembro de 1938. (*Um delegado da higiene em Jacobina*) p.1.

¹¹⁰ *O Lيدador*, nº 2 de 15 de setembro de 1933. (*D.N.S.P*) p. 2.

¹¹¹ *O Lيدador*, nº 337 de 7 de julho de 1940. (*Enquanto se promove a campanha pela defeza da criança aqui morrem as crianças por falta de assistencia médica!*) p. 4.

uma funcionária técnica.¹¹²

Nas primeiras décadas do século XX, as doenças de origem venérea constituíram uma preocupação generalizada na esfera pública e alcançaram destaque em nível internacional. Em nota do jornal *O Lيدador*, o Doutor José de Albuquerque festejava a chegada do “Dia Ante-venereo”, comemorado pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Chile, entre outros países, no intuito de conscientizar os jovens dos perigos aos quais as doenças sexualmente transmissíveis os expunham.¹¹³ O médico fez elogios ao Governo de Getúlio Vargas pela utilização de métodos eficazes de profilaxia, principalmente nas regiões de fronteira.¹¹⁴ Os Estados Unidos também estavam engajados no projeto antivenéreo e, no ano seguinte, aprovaram um valor equivalente a trinta mil contos para serem gastos com remédios, médicos e hospitalização dos portadores de sífilis, blenorragia e crânco.¹¹⁵ Informações a esse respeito eram veiculadas em *O Lيدador*, o que indica um interesse em informar os jacobinenses sobre fatos e descobertas relacionados às doenças sexualmente transmissíveis. O assunto era importante para a população porque a cidade também não estava livre de problemas venéreos, sendo o maior deles a sífilis.

A inclusão das doenças entre os objetos da história é um fenômeno recente. No início dos anos 1960, Asa Briggs afirmava que o estudo das diversas aparições do cólera no século XIX era um capítulo negligenciado da história social, e somente na década de 1970 Jacques Revel e Jean-Pierre Peter incorporaram um capítulo sobre a importância do estudo das doenças para a compreensão das transformações das sociedades, numa coletânea dedicada aos novos objetos da história.¹¹⁶ Le Goff oferece contribuições valiosas nesse âmbito, destacando que a doença é um fenômeno social:

Ela pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstracto numa complexa realidade empírica (...) Existe uma história do sofrimento (...) unindo o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e coletiva: lepra, peste, sífilis, tísica,

¹¹² **Vanguarda**, nº 302 de 24 de julho de 1955. (*O Pôsto de Puericultura está prestes a paralizar suas atividades*) p. 1.

¹¹³ **O Lيدador**, nº 301 de 22 de outubro de 1939. (*Dia Ante-venereo*) p.1.

¹¹⁴ **O Lيدador**, nº 242 de 26 de junho de 1938. (*O problema anti-venereo*) p.1.

¹¹⁵ **O Lيدador**, nº 264 de 11 de dezembro de 1938. (*30.000 contos para combater a sífilis nos Estados Unidos*) p.1.

¹¹⁶ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 14.

cranco e, num pequeno território fortemente simbólico, a SIDA.¹¹⁷

De fato, algumas doenças tiveram, e ainda têm o poder de despertar os mais variados sentimentos e atitudes entre seus portadores e as pessoas que os cercam. Elas interferem em comportamentos, na forma como se apreende o mundo, e na relação que os indivíduos estabelecem uns com os outros. A particularidade que se observa ao desenvolver reflexões sobre a sífilis em Jacobina, diferentemente do que é possível observar em outros lugares é que, enquanto muitas cidades faziam alarde devido à contaminação sifilítica e seus desdobramentos, o silenciamento nos atestados de óbito jacobinenses surgia como uma estratégia de reforço dos padrões de moralidade e de sexualidade e, através de uma articulação com os as diferenças de classe, produzia modelos ou perfis de pessoas passíveis a se tornarem sifilíticos.

2.2 Sífilis e metaforização

A sífilis foi chamada de *Lues Venerea* por muito tempo. O termo *lues* é derivado do latim e significa praga ou epidemia. A doença era considerada uma praga sexual, visto que, quando o seu motivo causador ainda não era conhecido, os sintomas mais observados eram as manifestações nos órgãos genitais. Somente em 1530 o médico, astrólogo e literato Jerônimo Fracastoro deu-lhe um nome que se tornou então aceito por todos: sífilis.¹¹⁸ O seu poema *Siphilis sive morbus gallicus* (Sífilis ou doença francesa) conta a lenda de um pastor chamado Siphilus, que foi castigado pelo deus Apolo por idolatria a um ser humano, e que teria, portanto, sido a primeira vítima do mal que se disseminaria por todo o mundo posteriormente. Fracastoro foi o primeiro a apontar a característica contagiosa da doença, que só viria a ser comprovada na segunda metade do século XIX com a teoria bacteriana.

O debate sobre o local onde a sífilis surgiu causa polêmica ainda hoje. Diversas teorias foram desenvolvidas em busca de uma explicação para a sua origem. Essas teorias acusavam Itália, França e América, dentre outros locais, de terem sido os possíveis berços onde a doença nasceu. Aqui no Brasil, reflexões feitas por Gilberto Freyre contribuem para a desconstrução da teoria que

¹¹⁷ LE GOFF, Jaques. **As doenças têm história**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1997. p. 8.

¹¹⁸ AMARAL, Afrânio do. "**Siphilis**": **moléstia e termo através da história**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966. p. 229-230.

responsabiliza os americanos. Ao discutir o clima e as condições de nutrição no período colonial, esse autor citou, em *Casa Grande e Senzala*, as doenças recorrentes, com destaque para a sífilis, e apresentou questões sobre a saúde no Brasil. Ele chegou a considerar a miscigenação brasileira como um processo de “sifilização”.¹¹⁹ O país teria sido antes sifilizado e somente depois civilizado, em virtude da ação dos primeiros povoadores que contaminaram grande parte da população. É necessário ressaltar que nenhuma nação quis assumir a paternidade da doença, porque desde o seu surgimento ela tornou-se um mal atribuído a libertinos e promíscuos.

Da passagem do século até a década de 1940, a sífilis tornou-se um ponto de convergência das preocupações e de interesses múltiplos no Brasil. Atraiu a atenção de diversos setores sociais, a exemplo da polícia, que tentava implementar um projeto de normatização do espaço público; de feministas, que rediscutiam a condição feminina e os papéis sociais; e de padres e pastores, preocupados com a salvação das almas dos fiéis e com a conservação da sua pureza moral.¹²⁰

Nesse período, a Faculdade de Medicina da Bahia produziu trabalhos que, além de tratarem de aspectos fisiológicos da doença, elaboravam normas de profilaxia e analisavam as implicações sociais da mesma. Porém, mais do que isso, expressavam explicitamente uma carga de valores morais no que diz respeito ao contaminado, ao mal que o mesmo traria à sociedade, ao “crime” que seria cometido ao permitir o casamento entre um sifilítico e uma moça “sã”. É interessante observar que, nas teses médicas, os seus autores concebiam predominantemente a possibilidade de serem homens os agentes transmissores da doença. Em todos os trabalhos analisados, o único meio de uma mulher ser propagadora da sífilis era se a mesma fosse uma prostituta. São notáveis as desigualdades nas representações de gênero do espaço acadêmico, e o quanto a produção do saber médico era marcada por uma moral burguesa patriarcal, na qual se admitia uma vida sexual ativa para mulheres “decentes” somente após o casamento.

A característica mais marcante impressa nesses trabalhos é a ênfase na hereditariedade da doença. Havia o medo de que toda a população mundial um dia se contaminasse e se extinguisse. Uma das grandes linhas de ataque biopolítico do

¹¹⁹ FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 47.

¹²⁰ CARRARA, 1996, p. 16.

sexo nos últimos dois séculos, para Foucault, diz respeito à temática da espécie, da descendência e da saúde coletiva. O saber médico acadêmico propagava uma série de tecnologias de poder, reproduzindo padrões de contenção da sexualidade, sob a justificativa de preservar o futuro da humanidade.¹²¹ O farmacêutico Guttemberg José Leal fez advertências, em sua tese, sobre a forma silenciosa da ação da sífilis e sobre os perigos de transmiti-la a crianças inocentes e saudáveis. Ele temia o mal que a doença proporcionava não somente ao infectado, mas à sociedade como um todo:

Certamente, isto, aqui, não comentariamos se os sofrimentos resultantes da syphilis limitassem somente aos culpados por ela; mas assim não acontecendo, eis o motivo pelo qual nos abalaçamos em mostrar a realidade deste mal; pois uma pessoa syphilitica é uma fonte perigosa para sua família e para sua comunidade.¹²²

Teses de doutoramento como as escritas por Belmiro de Lima Valverde, Gothardo Correia de Araújo Filho, José Cesário da Rocha e Julio Pereira Leite¹²³ funcionaram como espelho para que os médicos da capital, mas também os espalhados pelo interior do Estado, propagassem a imagem degradante da sífilis. Não se pode esquecer que a penicilina, responsável pela cura da doença, foi inventada em 1928, mas somente produzida em larga escala a partir de 1940.¹²⁴

Os médicos viam o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis como os três grandes flagelos da sociedade. Para a maior parte desses profissionais, a prioridade devia ser dada à sífilis, porque ela contribuía para a despovoação. Transmitida de mãe para filho, seria responsável por muitos casos de aborto.¹²⁵ Leite caracterizou-a como uma doença vergonhosa e imoral, como um castigo merecido aos que, pelo

¹²¹ FOUCAULT, 2007, p. 159.

¹²² LEAL, Guttemberg José. **A decadência da humanidade**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1926. 64 f.

¹²³ VALVERDE, Belmiro de Lima. **Influência da syphilis na sociedade**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 85 f.

ARAÚJO FILHO, Gothardo Correia. **Da prophylaxia da syphilis**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1917. 75 f.

ROCHA, José Cesario. **Syphilis e casamento**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 141 f.

LEITE, Julio Pereira. **Conseqüência para a mulher do casamento de um syphilitico – Transmissão da syphilis pelo casamento**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1893. 171 f.

¹²⁴ PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui. Alexander Fleming (1881-1955): da descoberta da penicilina (1928) ao Prêmio Nobel (1945). **Revista da Faculdade de Letras: HISTÓRIA**. Porto, II série, vol. 6, 2005. f. 129-151.

¹²⁵ VALVERDE, 1906, f. 25.

seu desregramento e maus costumes, se tornaram indignos de toda piedade e compaixão.¹²⁶ Apesar das divergências ainda encontradas na academia em relação ao saber médico,¹²⁷ os formandos da Faculdade de Medicina da Bahia produziram imagens sobre a sífilis apropriadas de diferentes maneiras pela população das diversas cidades baianas.

Segundo Susan Sontag, as metáforas em torno da sífilis não foram tão intensas quanto em relação a outras doenças, a exemplo da tuberculose. Contraí-la era algo previsível: a consequência, em geral, de fazer sexo com um portador da doença. Assim, entre todas as fantasias a respeito da contaminação sexual vinculadas a essa enfermidade, não havia lugar para um tipo de personalidade tida como especialmente suscetível à doença, como antigamente se considerava o tuberculoso, e hoje o canceroso.¹²⁸ As metáforas em torno da tuberculose e do câncer são atribuídas respectivamente a um amor intenso, que ardia, queimava e levava os boêmios à morte; e a um amor ou sentimento reprimido, que desabrocha no corpo em forma de tumor por não ter sido expelido. Em relação à sífilis, no entanto, parecia não haver uma espécie de predisposição para adoecer. A personalidade sífilítica era típica de alguém que tinha a doença, e não de alguém com probabilidade de contraí-la. Em seu papel de flagelo, a sífilis implicava um julgamento moral (sobre sexo fora do limite, sobre prostituição), mas não um julgamento psicológico.¹²⁹

Localizado entre os dois eixos nos quais se desenvolveu a tecnologia política da vida (disciplina do corpo e regulação das populações), o sexo assumiu grande importância como foco de disputa política. Assim, é possível que, por trás de todas as formas observadas de dar sentido à sífilis – debates sobre origem, nomenclatura e metáforas – o grande objetivo fosse a tentativa de controle da sexualidade, que se tornou tema de operações políticas, de intervenções econômicas, de campanhas ideológicas de moralização, e passou a ser empregada como índice de força de uma sociedade, revelando sua energia política e seu vigor biológico.¹³⁰

¹²⁶ LEITE, 1893, f. 2.

¹²⁷ Durante todo o século XIX houve conflitos entre os médicos, que discordavam de concepções e métodos de cura. Nas primeiras décadas do século XX, esse quadro começou a mudar. Para mais informações cf. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo: UNICAMP, 2001. p. 82.

¹²⁸ SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 39.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Foucault, 2007, p. 159.

2.3 Práticas curativas e concepções relativas à sífilis

Durante toda a década de 1930 e primeiros anos da de 1940, o jornal *O Lidorador* publicou um número significativo de anúncios de medicamentos que prometiam a cura para a sífilis. Exemplos clássicos são o Elixir 914 e o Elixir de Nogueira. Para Temporão, a doença se apresentava sempre como uma entidade médica a ser combatida por inúmeros preparados. Nos anúncios, a sífilis assumiu as feições mais variadas e mais terríveis, tomando a forma de um flagelo que ameaçava o país, representado pela instituição familiar.¹³¹ Era comum que pessoas bem posicionadas socialmente afirmassem, nessas propagandas, que conseguiram se curar da doença após terem tomado diversos frascos de elixires. A imagem desses sujeitos, que possuíam prestígio e residiam em capitais como Salvador e Rio de Janeiro, era utilizada com o intuito de convencer os jacobinenses a respeito da eficácia dos medicamentos, como mostra o depoimento do Monsenhor e Senador Estadual Hermelino Marques de Leão, publicado em 13 de outubro de 1933:

Conhecendo os efeitos maravilhosos do muito conhecido depurativo do sangue ELIXIR DE NOGUEIRA, do saudoso Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, cumpro o dever de humanidade que me assiste, como sacerdote já como cidadão de aconselhar esse benefico preparado, para a syphilis, ás pessoas que estiverem sofrendo desse grande devastor da humanidade. Mons. Hermelino Marques de Leão.¹³²

O problema da sífilis não foi o primeiro a mobilizar a indústria farmacêutica no combate a uma doença. Como medida de prevenção à gripe de 1919 em São Paulo, a veiculação de propagandas do Elixir de Quina, das Capsulas de De Vita, xaropes e pílulas diversas foi uma ótima oportunidade para tentar convencer a população da necessidade de se proteger e, conseqüentemente, aumentar os lucros dos laboratórios. A corrida para a compra de medicamentos que prevenissem o contágio foi tão intensa que o inspetor sanitário paulista propôs a proibição dos anúncios de drogas e artigos relacionados à epidemia, caso não tivessem adquirido um visto

¹³¹ TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda de medicamentos e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986, p. 58.

¹³² *O Lidorador*, nº 06 de 13 de outubro de 1933. (*Assistente do serviço syphilográfico da Cruz vermelha*) p. 3.

prévio, fornecido pelo diretor geral da Saúde Pública ou do Serviço Sanitário.¹³³

Conquanto a propaganda de medicamentos para a sífilis tenha sido veiculada em muitos periódicos das cidades do Brasil, e fosse generalizada a influência que os fabricantes de medicamentos exerciam sobre a população através dos anúncios, a publicidade antivenérea em Jacobina estava vinculada a um contexto específico que, de fato, absorvia a produção medicamentosa, e contribuía para uma disputa entre os médicos do interior e da capital, no que diz respeito à utilização dos elixires. O tema foi abordado em um artigo escrito pelo doutor Alfredo Souza, na edição de 13 de maio de 1934 de *O Lيدador*. O médico criticou os colegas de profissão que receitavam os medicamentos divulgados pelas propagandas somente para ver seus pacientes mais tranquilos, e não pela eficácia dos mesmos. É que, com a influência da publicidade, os doentes passavam a acreditar que aqueles produtos eram indispensáveis para alcançar a cura. Foi relatado o caso de um paciente que sofria de uma moléstia havia oito meses, já havia tomado seis vidros de Elixir 914 e três de Mururê, e ficou curado apenas quando lhe foi ministrado, em seu consultório, o tratamento correto.¹³⁴ O apelo do doutor Souza era voltado aos médicos do interior. Pedia que tomassem uma posição contra os grandes donos de laboratórios, que tentavam transformar a popularidade alcançada pela propaganda em símbolo de eficácia do medicamento. Possivelmente havia uma articulação entre laboratórios e médicos da capital, no intuito de ampliar a venda de determinados medicamentos. E, nesse processo, o desempenho do poder medical foi fundamental, ao induzir os pacientes a adquirirem medicações como as ilustradas abaixo (Figura 1).

Alfredo Souza concluiu que, se cada cidadão jacobinense economizasse, não comprando as garrafadas, e esse dinheiro fosse utilizado na contratação de médicos, a cidade teria oito e não apenas dois profissionais de medicina.¹³⁵ Destaca-se a informação sobre a atuação de dois médicos em uma cidade com as proporções de Jacobina no ano de 1934. Em seu estudo sobre garimpos e garimpeiros, Jesus não conseguiu estabelecer dados demográficos precisos para a cidade no período, visto que a mesma passou por processos de desmembramento

¹³³ BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da Gripe Espanhola em São Paulo in CHALHOUB, Sidney et al (orgs). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 204-208.

¹³⁴ *O Lيدador*, nº 37 de 13 de maio de 1934. (*Médicos e Medicamentos*) p. 1.

¹³⁵ *O Lيدador*, nº 37 de 13 de maio de 1934. (*Médicos e Medicamentos*) p. 1, 3.

que vão de 1920 a 1960.¹³⁶ Entretanto, ainda em 1934, Souza indicou 50.000 habitantes, afirmando serem esses os dados do último censo.¹³⁷ Uma cidade de tal proporção, mesmo com apenas dois médicos, repetia no jornal e na ação médica ideias que vinham da academia, presentes nas teses de doutoramento da Faculdade de medicina da Bahia, através dos escritos de Souza e os interesses da sua classe profissional. O trabalho do doutor Leite corroborava muitas das ideias encontradas no artigo do médico jacobinense. Ele discutiu o problema das garrafadas e dos anúncios, e afirmou que tomar um elixir era o mesmo que aplicar mercúrio em quem não precisava, ou seja, um verdadeiro crime.¹³⁸ Naquela cidade, as concepções de medicina, de gênero e de mundo adquiridas pelos médicos no processo de formação acadêmica eram reproduzidas de forma fiel, na prática cotidiana.



Figura 1. Propagandas de elixires recomendados em casos de sífilis

Fonte: O LIDADOR nº 51 de 24 de agosto de 1934. p.2.

¹³⁶ JESUS, 2005, f. 46.

¹³⁷ O Lidador, nº 37 de 13 de maio de 1934. (*Médicos e Medicamentos*) p.3.

¹³⁸ LEITE, 1893, f. 16.

A sífilis em Jacobina foi denunciada no relatório enviado ao presidente do Conselho de Assistência Social da Bahia em 1938 por Alfredo Souza, que ocupava, nesse momento, o cargo de diretor do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho. Souza pedia ajuda financeira para a construção de um novo pavilhão no hospital, que funcionaria como lactário e maternidade.¹³⁹ Nesse ano, diz o relatório que foram atendidas 1.305 pessoas, e a doença mais recorrente foi a verminose, num total de 605 casos. Logo abaixo da verminose, e em número muito superior a todas as outras doenças, estavam os 290 atendimentos a pessoas com sífilis e outros 187 portadores de doenças venéreas diversas.¹⁴⁰

As péssimas condições de saúde, o alastramento de doenças infectocontagiosas e as limitações do sistema médico-hospitalar¹⁴¹ contribuíram para o crescimento da sífilis na cidade. Além disso, as relações sexuais em condições precárias, sem asseio, nos locais de garimpo, nos becos do Pilunga, e a inexistência de uma campanha profilática que alertasse a população para os meios de transmissão da doença, impedia inclusive que os integrantes das camadas menos favorecidas procurassem meios de defesa para essa calamidade pública. Entre 1933 e 1943, período em que o jornal *O Lidador* circulou, só foi encontrada uma chamada para “os pobres que reconhecidamente não possuíssem meios de se tratar de sífilis, verminoses e impaludismo”. Segundo o periódico, eles encontrariam o tratamento do qual necessitavam no posto de higiene.¹⁴²

Nos anos que se seguiram, o quadro em relação à sífilis continuou semelhante. Em 1942, o diretor Péricles Laranjeiras Barros redigiu um pedido de subvenção, informando os 386 atendimentos no ambulatório e um total de 658 consultas. A sífilis declinara em relação ao ano de 1938, mas, de forma proporcional, continuava a ser a segunda maior doença em número de casos. Barros faz menção a 80 casos de verminose e 48 de sífilis.¹⁴³

Entre os anos em que foram produzidos relatórios médicos indicando o número de sífilíticos que estiveram no Hospital, foi em 1943 que a doença superou todas as outras, perfazendo um total de 71 diagnósticos. Até mesmo as verminoses,

¹³⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Relatório do Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina**. Seção Republicana. Caixa - 4092, Maço – 131, 1938.

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ JESUS, 2005, cap. 3.

¹⁴² **O Lidador**, nº 278 de 19 de março de 1939. (*Vae, a pouco e pouco atingindo a sua finalidade o serviço médico de higiene nesta cidade*) p. 1.

¹⁴³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Pedido de subvenção para o Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina no ano de 1943**. Seção Republicana. Caixa - 4089, Maço – 125, 1942.

que frequentemente estavam em primeiro lugar, somaram apenas 53 casos.¹⁴⁴

Esses números podem soar pequenos ou pouco relevantes, levando-se em consideração a grande população apontada pelo doutor Souza. Entretanto, as pessoas atendidas no Hospital Antônio Teixeira Sobrinho devem ser consideradas como apenas uma amostra de uma constelação muito maior de casos. O hospital não tinha estrutura para atender a todos os que necessitassem e, apesar das 50.000 pessoas indicadas como população jacobinense em 1934,¹⁴⁵ havia uma margem “flutuante”, relativa aos migrantes que a cidade recebia para trabalhar nas minas de ouro.

O hospital foi fundado em 12 de maio de 1935,¹⁴⁶ com recursos deixados por Antônio Teixeira Sobrinho para os seus conterrâneos. O *Lidador* acompanhou todos os desdobramentos dessa história, e cumpriu o papel de informante da população. O jornal divulgou tanto a escolha do local, que foi doado pela Prefeitura Municipal como contrapartida à iniciativa particular, e onde existia um velho cemitério sobre o qual seria erguido,¹⁴⁷ quanto os conflitos posteriores, como o pedido de anulação da eleição para a diretoria, redigido por Gregório Teixeira Soares, sobrinho do beneficiador. O rapaz criticava o Conselho Diretor, por eleger o diretor do hospital antes mesmo de analisar as contas oferecidas pela comissão construtora.¹⁴⁸ Depois de todo o processo de construção, o hospital começou a funcionar de forma precária, devido a problemas de ordem financeira e não podia atender todas as pessoas que necessitavam, inclusive os sífilíticos. Em 1942, o doutor Péricles Laranjeiras solicitou um aumento de 100% no recurso que o Estado destinava à instituição, de 3:000\$000 (três contos de réis) para 6:000\$000 (seis contos de réis).¹⁴⁹ E, em 1943, a receita total do hospital foi a quantia de Cr\$ 20.700,00 (vinte mil e setecentos cruzeiros) para cobrir gastos que somaram Cr\$ 24.880,00 (vinte e quatro mil oitocentos e oitenta cruzeiros), ou seja, havia um déficit de Cr\$4.180,00 (quatro mil e cento e oitenta cruzeiros).¹⁵⁰ Essa realidade só começaria a ser

¹⁴⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Pedido de subvenção do Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina para o ano de 1944.** Seção Republicana. Caixa - 4089, Maço – 125, 1943.

¹⁴⁵ *O Lidador*, nº 37 de 13 de maio de 1934. (*Médicos e Medicamentos*) p.3.

¹⁴⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, 1942.

¹⁴⁷ *O Lidador*, nº 3 de 22 de setembro de 1933. (*Escolhido o local onde será edificado o hospital*) p.1;

O Lidador, nº 10 de 10 de novembro de 1933. (*Hospital Antônio Sobrinho*) p.1.

¹⁴⁸ *O Lidador*, nº 3 de 22 de setembro de 1933. (*Aos meus companheiros senhores membros do Conselho Diretor do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho*) p. 4.

¹⁴⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, 1942.

¹⁵⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, 1943.

transformada na década de 1950 quando, depois de um tempo em inatividade, reformas foram feitas no hospital, e o legislativo passou a se preocupar com a instituição, propondo aumento da subvenção oferecida pelo poder público.¹⁵¹

O internamento em casos de sífilis tornava-se realmente necessário apenas na última fase da doença, quando eram poucos os recursos que ainda podiam ser utilizados no intuito de reverter o quadro. Contudo, verificar a eficácia do atendimento hospitalar é importante na medida em que possibilita compreender até que ponto os instrumentos da saúde pública estavam preparados para contribuir na prevenção e tratamento da doença. As ações mais passíveis de serem realizadas ocorriam nas enfermarias, com a aplicação de injeções ou pomadas para aliviar os sintomas da sífilis. O médico Armando Teixeira de Freitas, em sua tese de doutoramento, fez uma análise das principais substâncias utilizadas no cuidado da doença, citando o mercúrio, iodureto de potássio e iodureto de sódio como as mais eficazes.¹⁵² Esses medicamentos causavam graves efeitos colaterais, inclusive porque o primeiro deles induzia problemas no sistema nervoso central. Mesmo assim, tanto cianeto de mercúrio quanto iodureto de sódio integravam a lista de medicações aplicadas nos dispensários do interior, como era o caso de Senhor do Bonfim, cidade próxima a Jacobina.¹⁵³

Em relação ao acesso que as pessoas tinham ao hospital, a população estava espalhada por um vasto território. Não havia transportes ágeis para se chegar ao centro da cidade, o que aumentava as distâncias. Era costume a procura por curandeiros e parteiras para resolver problemas de saúde, e esses profissionais sofriam com as perseguições das autoridades policiais. Em 7 de setembro de 1933, *O Lídador* noticiava a prisão de um curandeiro que morava na rua da Missão e se dizia especialista em tratar da sífilis. Ele misturava “vinhos de jurubeba com pós de joanes” como garrafada antissifilítica, e outras “fórmulas diabólicas que sua mente criara”.¹⁵⁴ De acordo com as proposições elaboradas por Nikelen Witter, pondo em questão a concepção das práticas de cura alternativas à medicina oficial como

¹⁵¹ **Vanguarda**, nº 304 de 7 de agosto de 1955. (*A atual situação do Hospital<<Antônio Teixeira Sobrinho>>*). p. 1. e **Vanguarda**, nº 323 de 17 de dezembro de 1955. (O aumento da subvenção ao Hospital<<Antônio Sobrinho>>) p. 1.

¹⁵² FREITAS, Armando Teixeira de. **Considerações acerca dos modernos tratamentos da syphilis**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1916. f. 2-10.

¹⁵³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Mapas dos serviços realizados nos dispensários da Capital e do Interior pela inspetoria de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas**. Caixa 4038, maço – 34, 1930.

¹⁵⁴ **O Lídador**, nº 293 de 7 de Setembro de 1933. (*Vinhos de jurubeba com pós de joanes*) p. 4.

simples reflexo da falta de médicos, dos empecilhos encontrados pelo sistema de saúde, ou como sinônimo de atraso para a nação,¹⁵⁵ destaca-se que a presença das diferenciadas artes de cura em Jacobina estavam relacionadas, de fato, à crença da população em seus efeitos terapêuticos. Isso fica evidente nos relatos orais. F., por exemplo, que descreveu da seguinte maneira as pessoas que ofereciam auxílio à população através de práticas alternativas de cura:

[Eram] as pessoas mais entendidas, mais sabidas, os curador. A pessoa ia no curador, fazia uma consulta e dizia o que tava acontecendo: “- ah, vou lhe passar essa raiz de pau, vou passar essas folhas que você vai ficar boa, então eles mesmos faziam as garrafadas e vendiam à própria pessoa que ia lá”.¹⁵⁶

Através dessa fala, observa-se como a imagem do curandeiro estava relacionada à sabedoria, e como lhe era atribuído um sentimento de confiança, que muitas das vezes não era creditado aos médicos. Em relação à sífilis, não se sabe qual o efeito produzido a partir da ingestão das garrafadas oferecidas pelos que utilizavam-se dos meios alternativos de cura, pois nenhum dos interlocutores que forneceram relatos orais para a pesquisa soube indicar quais eram as folhas utilizadas no preparo dessas garrafadas. Contudo, é possível que, assim como também ocorria no tratamento oferecido pelos médicos, os sintomas iniciais da doença desaparecessem naturalmente, fazendo com que o paciente acreditasse na eficácia do medicamento.

Apesar da discussão feita aqui deter-se em torno das décadas de 1930 e 1940, ainda é possível observar, na cidade de Jacobina, alguns embates entre medicina oficial e medicina alternativa característicos de processos que tiveram lugar principalmente no século XIX, momento em que a medicina se encontrava em processo de institucionalização no Brasil e países da América Latina como o México.¹⁵⁷ Havia um pequeno número de médicos mas, no jornal, era notável a presença de um discurso predominantemente uniforme, originário desse grupo

¹⁵⁵ WITTER, Nikelen Acosta. Curar com arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 19. p 13-14.

¹⁵⁶ F.. Relato oral em 13/01/2010.

¹⁵⁷ Para mais informações cf. CARRILO, Ana Maria. Profissões da saúde e lutas de poder no México (1821-1917) in HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 29-55; PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 67-92; e SAMPAIO, 2001.

profissional. Eles recomendavam o uso exclusivo dos seus serviços, desmerecendo os profissionais não graduados. Alfredo Souza escreveu um artigo para *O Lidador* em 10 de novembro de 1933, com uma série de recomendações às gestantes que procuravam o auxílio de parteiras na hora de dar a luz a seus bebês.¹⁵⁸ O médico criticou o trabalho dessas profissionais, caracterizando-o como anti-higiênico, e discutiu os riscos de contaminação, alegando que elas constantemente utilizavam cachimbos no momento do parto. Mais uma vez, posicionava-se contra a utilização de garrafadas, também recomendadas pelas aparadeiras:

No 6º mês de gravidez começa a surgir ligeiro corrimento sanguineo. As velhas e as parteiras são ouvidas. O clássico remédio é o <inxarope> composto de 9 ou 10 substâncias purgativas. Depois vem a série dos reguladores, cujos reclames são lidos nos almanaques. Até que uma grande hemorragia as mata. Os médicos do interior, a começar por mim, fogem desses casos. Sabem que só os procuram nos casos gravíssimos, quando toda a intervenção é impotente. (...) A qualquer sintoma anormal a gestante deve procurar o seu médico (...) O médico não cura todas as vezes, mas alivia sempre.¹⁵⁹

O doutor Souza descreveu alguns casos nos quais foi convidado a atuar e que, segundo ele, haviam sido agravados pela ação das parteiras, resultando em morte fetal. Afirmou incisivamente o “poder” que os médicos possuíam para aliviar os males, visto que haviam estudado para isso, e considerava sua classe profissional superior às concorrentes. Esse discurso era componente do domínio medical, que almejava potencializar a ação médica, dando-lhe credibilidade. Souza expressava indignação porque, a seu ver, qualquer pessoa achava-se apta a medicar e desenvolver atividades relacionadas à medicina, tornando dispensável a sua presença e a ação dos seus colegas de trabalho. Em verdade, uma desvalorização da profissão que, teoricamente, deveria lhe garantir status:

Um movimento surdo, capcioso, no sertão se está fazendo contra a classe dos médicos e bacharéis. Em qualquer roda, raro não é ouvir-se um comentário acre á ação de tal facultativo (...) qualquer individuo se acha com autoridade de comentar o tratamento dos médicos. Todos sabem mais do que estes e não sei porque, ainda os procuram. (...) A impressão que se tem dos nossos Esculápios é que é uma classe desnecessaria porque qualquer o substitui. Conheço um padre que é um portento na medicina: abre abcessos, opera, dá aguardente alemã a tudo e por tudo.¹⁶⁰

¹⁵⁸ *O Lidador*, nº 10 de 10 de Novembro de 1933. (*Gestantes e parturientes*) p. 2.

¹⁵⁹ *Idem*.

¹⁶⁰ *O Lidador*, nº 18 de 5 de Janeiro de 1934. (*Médicos e bacharéis*) p. 4.

Para que o médico realizasse tal desabafo, é muito provável que, principalmente a população mais desprovida de recursos financeiros, mas também alguns poucos membros das camadas abastadas, não valorizassem a ação médica, preferindo tratar-se com pessoas a quem haviam recorrido durante toda a sua vida, nos momentos de doença e sofrimento, e que comungavam das mesmas crenças que eles. De acordo com os relatos orais, a maior parte da população não possuía dinheiro para tratar-se em um consultório particular.¹⁶¹ Com respeito à sífilis em particular, mais e mais pessoas buscavam outras formas de auxílio, reafirmando o valor das diversas artes de cura, em busca de uma solução para os males proporcionados pela doença.

2.4 Sífilis e hierarquias sociais

O Arquivo Municipal de Jacobina guarda os atestados de óbito da década de 1930, num total de 1055 atestados. Os dados qualitativos que neles constam – nome, idade, sexo, profissão e causa da morte – permitem a investigação sobre quem poderia ter morrido com a doença, assim como o perfil social das pessoas qualificadas como sífilíticas nos registros de óbito. Este tipo de documento é especialmente adequado para uma análise das representações elaboradas pelos familiares dos falecidos. O atestado era considerado uma marca, uma prova, um registro para a posteridade. Identificava, não só para o corpo médico e para o Estado, mas para qualquer um que o mantivesse sob posse, a causa do falecimento.

Quando os dados sobre os sífilíticos presentes nos atestados de óbito – apenas 4% das mortes totais (Figura 2) – são comparados aos contaminados atendidos no Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, fica claro um quadro de desproporcionalidade. Os pedidos de subvenção apontam para a sífilis como uma das moléstias que mais infectavam os jacobinenses. A questão que emerge desta assimetria é a de por que razão não apareciam pessoas em proporção similar nos óbitos.

¹⁶¹ Relatos orais de Almir Santos Ferreira, em 13/10/2010, e Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa, em 13/01/2010.

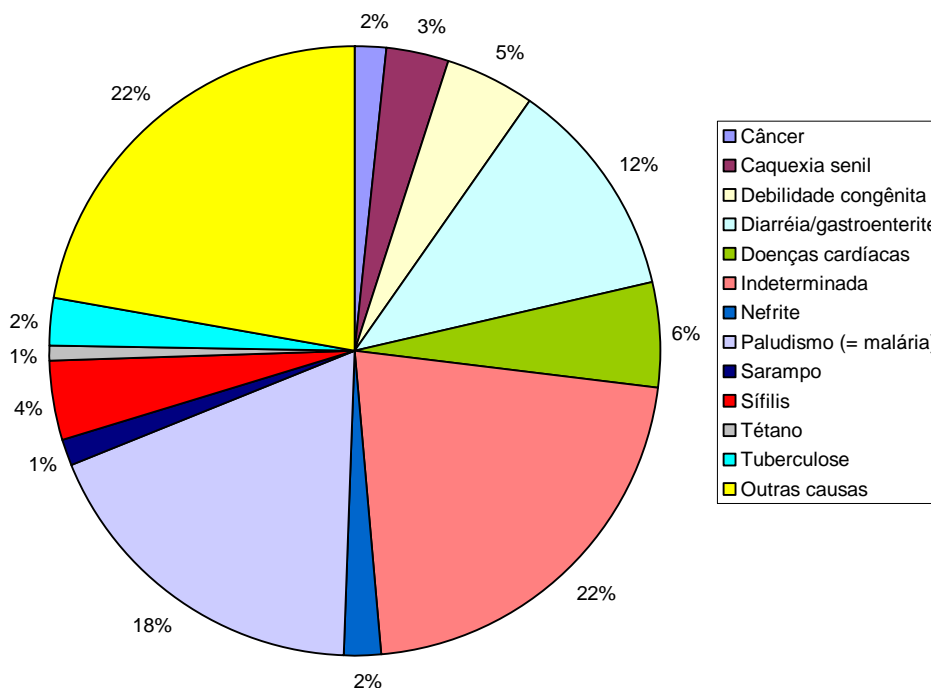


Figura 2. Proporção das principais causas dos óbitos em Jacobina, durante a década de 1930.

Fonte: Atestados do Arquivo Público Municipal de Jacobina

A sífilis é uma doença de ciclo biológico longo e que se apropria de diversas partes do corpo. Ao mesmo tempo em que alguns sintomas aparecem, outros somem. O processo de desenvolvimento da doença compõe-se de três fases, intercaladas por intervalos assintomáticos, e de tempo variável em cada organismo. A primeira delas é caracterizada pelo cancro, que pode aparecer na região genital, entre as pernas, língua, lábios, ânus ou outras partes do corpo. Depois de alguns meses, inicia-se a segunda fase, em que podem aparecer erupções na pele, feridas e úlceras nas amídalas, boca e órgãos genitais. Após meses, ou até anos, surge a fase terciária, que afeta órgãos vitais como o cérebro, o pulmão, o coração, o fígado e os rins.¹⁶² A tese do doutor Valverde faz referências sobre a última fase da doença e fornece elementos para uma reflexão sobre a relação entre a sífilis e outros males que causaram mortes em Jacobina:

Dir-nos-ão que as estatísticas provam claramente que a tuberculose produz maior numero de vítimas, o que não é para admirar, visto como raramente se vê um atestado medico, relativo á causa mortis, em que se leia a palavra - siphylis ! Mas, porque? E' que a syphilis não mata somente com esse nome; é assim que centenas de cirrhoticos e nephriticos devem sua morte a ella.¹⁶³

¹⁶² CARRARA, 1996, p. 37-39.

¹⁶³ VALVERDE, 1906, f. 26.

Diante do exposto, o número significativo de ocorrência de nefrites (2%), problemas cardíacos (6%) e de causas indeterminadas (22%) possibilita pensar que a quantidade de sífilíticos mortos em Jacobina poderia ser bem maior do que as fontes oficiais diagnosticam. Os sintomas da primeira e segunda fase poderiam passar despercebidos, fazendo com que a última fase fosse fatal. E o problema identificado no momento da morte era o que acabava sendo registrado.

Em relação à cura para a sífilis, como foi apontado anteriormente, a penicilina chegou ao Brasil nos primeiros anos da década de 1940, mas a sua utilização, principalmente nas pequenas cidades, não ocorreu de forma imediata. Em 1944, o Departamento Nacional de Saúde se incumbia da distribuição e emprego da medicação importada, em articulação com os Departamentos Estaduais de Saúde.¹⁶⁴ Uma série de recomendações foi feita para a execução desse processo, como a exigência de um relatório concernente a cada caso em que a medicação fosse utilizada, o registro de informações relativas à história clínica do paciente, o diagnóstico e vias de introdução da penicilina, a descrição dos resultados terapêuticos e dos efeitos inesperados, entre outras considerações. Havia ainda a orientação para restringir o uso da medicação apenas aos casos em que houvesse rigorosa indicação clínica, devido ao pequeno estoque da substância no país.¹⁶⁵ De posse dessas informações, acredita-se que as 2.332 injeções antissifilíticas aplicadas por Hildegardo Meireles durante o ano de 1939¹⁶⁶ fossem de mercúrio, utilizado com frequência no tratamento da doença, ou outra substância com a mesma finalidade. É possível que a penicilina tenha chegado em Jacobina nos últimos anos da década de 1940, pois F. afirmou que a mesma já existia na cidade quando ali foi morar, e em 1955 era aplicada no tratamento de doenças venéreas.¹⁶⁷ Além disso, no inverno rigoroso do mesmo ano, várias pessoas adoeceram com sintomas como febre e dor de cabeça que, segundo o jornal *Vanguarda*, só desapareciam “a troco de muito antibiótico”.¹⁶⁸

Entre todos os atestados analisados, apenas 42 apontaram para a sífilis como *causa mortis*. Neles, observa-se que o perfil dos homens infectados, em sua maioria

¹⁶⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Boletim dos trabalhos executados pelo Saneamento Rural nos Dispensários de Lepra e Doenças Venéreas da Capital e do Interior**. Caixa 4032, maço – 24. 1930.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ **O Lidorador**, nº 315 de 4 de fevereiro de 1940. (*Serviço Médico de Higiene*) p. 4.

¹⁶⁷ F.. Relato oral em 20/01/2010.

¹⁶⁸ **Vanguarda**, nº 291 de 8 de maio de 1955. (*A gripe vem grassando nesta cidade*) p. 1.

casados, engloba a faixa etária de 42 a 68 anos.¹⁶⁹ Estes indivíduos foram classificados com profissões de baixa ou média renda, como lavrador, açougueiro e padeiro. Os homens mais jovens, com idade entre 23 e 35 anos, qualificados como portadores da doença, não possuíam emprego.¹⁷⁰ Entre as mulheres com sífilis, todas foram registradas com a profissão “doméstica”, o que era quase unanimidade nos óbitos gerais, mas também não quer dizer que essas mulheres cuidassem apenas do lar. Em sua maioria eram solteiras, com idade entre 17 e 50 anos.¹⁷¹

Numa sociedade com advogados, comerciantes, ourives, dentistas e ferroviários é questionável a presença unânime de homens com profissões que proporcionam um baixo poder aquisitivo entre os acometidos pela doença. Apenas os pobres morriam de sífilis em Jacobina? Apenas as pessoas das classes menos favorecidas contraíam a doença? E as mulheres? Por que a quase unanimidade de mulheres solteiras em contraposição a tantos homens casados?

Ao analisar a cor dos sífilíticos, observa-se que 24% eram pessoas brancas, 24% eram pretas, 45,2% eram pardos e 6,8% não tiveram cor registrada.¹⁷² Levando-se em consideração que a maior parte dos pardos integrava os extratos inferiores da sociedade, que a classificação dos mesmos era complexa e subjetiva, e que a segregação social em Jacobina oferecia os piores lugares às populações empobrecidas e sem prestígio, constituída em sua maioria por afrodescendentes,¹⁷³ por que uma maioria de homens e mulheres pobres, negros e pardos, constava como sífilítica?

O modo como os atestados de óbito, elaborados a partir de um formulário padrão (Figura 3), eram preenchidos remete a questões ligadas à estratificação social. Grande parte deles não possuía todos os dados preenchidos, e no final encontra-se recorrentemente a inscrição “sem assistência médica”, o que indica que essas pessoas morreram sem o auxílio de um profissional de medicina. Este não é um dado que cause espanto, visto que anteriormente foi apontada a escassez de médicos na cidade. Contudo, os atestados de pessoas de elevada posição social, como comerciantes de ouro e fazendeiros – que através de suas profissões

¹⁶⁹ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Atestados de óbito**, 1930-1940.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Atestados de óbito**, 1930-1940. Destaca-se que os brancos classificados como sífilíticos, em sua maioria, não possuíam o campo *filiação* preenchido, não sendo registrados, sugestivamente, os nomes dos seus pais.

¹⁷³ VIEIRA FILHO, 2006, p. 13.

N.º 159 M 2.ª VIA

SECRETARIA DE POLICIA E SEGURANÇA PUBLICA DO ESTADO DA BAHIA
SERVIÇO MEDICO LEGAL (INSTITUTO NINA RODRIGUES)
 Seção de Verificação de Obitos

ATESTADO DE OBITO

Município Jacobina Distrito civil cidade

Nome Presilvia
 Falecido às 22 horas de 18 de fev de 1933
 Sexo sem Cór preto
 Profissão —
 Naturalidade (ou nacionalidade) Bras.
 Residência: Distrito civil cidade
 Rua da Uniao n.º —
 Qual o tempo de morada? —
 Idade 35 anos; meses: — dias: — horas: —
 Estado Civil solto Filiação: Legítima ou ilegítima de —

PAI Nome ipirado
 Profissão — Naturalidade —
 Residência —

MÃE Nome ipirado
 Profissão — Naturalidade —
 Residência —

Logar do obito 1/ casa
 Foi necropsiado? na N.º — Em — de — de 1933

CAUSA DA MORTE dife

Quanto tempo esteve doente? dois dias
 Observações placit. médico

Cemiterio em que vai ser sepultado Jacobina
 Assinatura do medico —

Residencia ou consultorio: Rua — n.º —
 Bahia, Cidade — em — de — de 1933

VISTO. O Verificador de Obitos, D. Pedro de Souza
 Bahia, Cidade — em — de — de 1933

NOTA — Este atestado ficará no cartorio do oficial do Registro Civil.

Figura 3. Atestado de Óbito, ano 1933.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Jacobina

deixavam transparecer o privilégio social e/ou poder aquisitivo que possuíam – eram preenchidos de forma completa, com caligrafia bem mais trabalhada e não registravam a ausência de médico na hora da morte. É preciso interpretar os silenciamentos nesse tipo de fonte, porque o silêncio é em si um ato de comunicação carregado de significados.¹⁷⁴

Uma possibilidade interpretativa que emerge da leitura dos atestados é que as imagens construídas em torno da doença poderiam levar os membros da alta sociedade jacobinense a ocultá-la intencionalmente dos registros de óbito. Aldo Silva observou documentos da mesma natureza na Cúria Diocesana de Feira de Santana, relativos a um período anterior (1829-1894), e diagnosticou processo semelhante ao observado em Jacobina. Para ele, o prestígio político, bem como as fortes tradições familiares, frequentemente evocadas e reconhecidas perante o corpo social, interferiam no registro de óbito. O nome da família e a tradição familiar apresentavam-se como um bem valioso demais para serem “manchados” com vítimas da sífilis.¹⁷⁵ Esta era uma alternativa para uma cidade que buscava ares de modernidade e que tinha grande apreço pelos valores morais e sexuais. A grande ameaça da sífilis era a desintegração da família. Valverde acreditava que o teste para a sífilis deveria ser feito antes do casamento e, caso não o fosse, isto representaria um atraso moral de um povo que esquecia seus deveres, já que a família não podia trazer consigo uma marca tão estigmatizante e destrutiva.¹⁷⁶ Em 17 de maio de 1936, Antônio Lopes tornou público um atestado médico que lhe atribuía problemas hepáticos e não uma doença infectocontagiosa.¹⁷⁷ Ele tomou essa iniciativa devido a um boato que se espalhou em relação à sua enfermidade. Acredita-se que, para tanto, a doença que lhe atribuíram era mal vista na sociedade a ponto de causar-lhe grande vergonha. É muito possível que tivessem propagado boatos sobre uma contaminação com a sífilis. Além de Silva, a análise de Cavalcante alerta para a discrepância entre o pequeno número de sífilíticos nos atestados de óbito de Cuiabá e as descrições elaboradas pelo Inspetor de Saúde para o presidente da província do Mato Grosso, a respeito do crescimento assustador da sífilis, no período pós-guerra do Paraguai. Ela aponta a moralidade

¹⁷⁴ BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 163.

¹⁷⁵ SILVA, Aldo José Morais. A percepção da moral oitocentista através dos registros eclesiásticos de óbito: elementos para uma história da cultura na saúde pública em Feira de Santana. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 21, p. 101-116, jul/dez. 1999.

¹⁷⁶ VALVERDE, 1906, f. 31.

¹⁷⁷ **O Lidador**, nº 139 de 17 de maio de 1936. (*Ao povo de Riachão*) p. 1.

como um dos motivos possíveis para explicar tal contradição.¹⁷⁸

Ainda sobre o perfil dos sífilíticos, o registro da doença como causa mortis para homens jovens, solteiros e sem emprego acarretaria menos problemas de ordem moral, pois trata-se do grupo em relação ao qual menos se esperava em termos de responsabilidade e fortes laços familiares. Eram homens que constituíam um grupo diferente do padrão, o que reafirma a ideia de que a sífilis está sempre relacionada à produção da imagem de um outro, que poderia ser um estrangeiro, ou alguém à margem da sociedade. Ao analisar a lepra e a AIDS, Ítalo Tronca afirma que é como se o perigo fosse construído como se viesse sempre do exterior.¹⁷⁹

Os homens mais velhos, entre 42 e 68 anos, poderiam se encaixar em dois perfis. O primeiro deles é o de pessoas simples e rudes talvez, que não permitiam ver sua autoridade questionada em casa pelas esposas. Frequentavam prostíbulos, envolviam-se no ambiente do garimpo, nas jogatinas e no clima de desordem das minas de extração aurífera, que deu destaque ao povoado de Itapicurú nas páginas d' *O Lidador*. Deslocavam-se pelas serras fazendo verdadeiras festas entre jogos e prostitutas.¹⁸⁰ Outra possibilidade é que podiam se considerar vítimas num momento de deslize. Traíram suas esposas, quem sabe no Pilunga, e contraíram a doença.

Com exceção de Leandra Maria de Jesus,¹⁸¹ todas as mulheres que constam nos atestados de óbito como portadoras da sífilis foram classificadas como solteiras, independentemente de sua idade. Valores como decência, recato e pureza não deviam ser atribuídos a elas. Eram sífilíticas que não constituíram família e que poderiam ser classificadas como mundanas ou decaídas.

Os discursos e práticas em torno da sífilis, analisados ao longo dessas páginas, e especificamente o processo de ocultação da doença nos atestados de óbito contribuíam de forma significativa para a construção de convenções de masculinidades e feminilidades na sociedade jacobinense, e para a exclusão de modelos alternativos e desviantes. Não é por acaso que o perfil das sífilíticas nos atestados aponta para mulheres passíveis de serem prostitutas. As convenções de gênero e sexualidade impactavam de forma diferente homens e mulheres, devendo o masculino ser representado pela virilidade, pela permissividade, pela ocupação do espaço urbano, enquanto o feminino pelo recato, submissão e afazeres domésticos.

¹⁷⁸ CAVALCANTE, 2003, p. 96.

¹⁷⁹ TRONCA, Ítalo A. **As máscaras do medo**: Lepra e Aids. São Paulo: UNICAMP, 2000. p. 42.

¹⁸⁰ JESUS, 2005, f. 55.

¹⁸¹ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Atestados de óbito**, 1930- 1940.

Aqueles que se mantinham fora do paradigma dominante constituem exemplos de como tais convenções eram confrontadas com as práticas vivenciadas, e de como o poder individual entrava em conflito com os poderes biopolíticos. A ação das prostitutas, analisada no capítulo 3, é um exemplo desta dinâmica de repulsa à normatização.

2.5 Sífilis, prostituição e padrões sociais

De modo geral, a propagação da sífilis contribuiu para reforçar a mobilização médica no sentido de conhecer a vida das meretrizes minuciosamente.¹⁸² Teses da Faculdade de Medicina do período estudado ilustram esta tendência. Mesmo considerando que a ação de medicamentos seria suficiente para controlar a doença, Araújo Filho refletiu sobre a repressão ao meretrício enquanto uma medida profilática. O pensamento médico da primeira metade do século XX apontava, em sua grande parte, para o meretrício como fator preponderante na disseminação da sífilis:

É tida a prostituição como o factor mais preponderante na disseminação da syphilis, esse comercio de amor, exercido em larga escala e sem moderação, por mundanas pouco ou nada conhecedoras das medidas hygienicas preconizadas (...) dá logar a grande expansão da syphilis. Reprimir a prostituição seria praticar a prophylaxia da syphilis.¹⁸³

A articulação entre sífilis, prostituição e sociedade girava predominantemente em torno da preservação da família. Se a prostituição propagava a sífilis, e se a sífilis destruía a família, decorria disto que as prostitutas eram consideradas as grandes vilãs da sociedade. A preocupação com essa relação era explícita na academia e, guardadas as proporções, refletia-se também no pensamento popular. O doutorando Antônio Joaquim Sampaio assim expressou esta visão, na sua tese:

Imaginemos agora, no nosso meio onde a prophylaxia da syphilis passa em branca nuvem onde a syphilis vive em si mesma sem princípio algum que lhe combata o desenvolvimento, onde a prostituição livre se manifesta

¹⁸² RAGO, 2008, p. 157.

¹⁸³ ARAÚJO FILHO, 1917, f. 56.

escancaradamente, o que será do futuro da família?¹⁸⁴

O relacionamento entre prostitutas e outros setores da sociedade em Jacobina, com destaque para as classes mais abastadas, foi marcado por conflitos no período que vai de 1930 a 1960. Apesar da reivindicação que a classe médica de grandes cidades fazia quanto à exclusividade no trato de questões relacionadas à prostituição,¹⁸⁵ foi a ação policial que moveu esforços na tentativa de normatização das meretrizes jacobinenses.¹⁸⁶ Muitas vezes a polícia foi influenciada pelo coro de uma elite¹⁸⁷ que exigia intervenções relativas a essas mulheres, e não agia meramente por iniciativa própria.

No Pilunga, a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis também estavam presentes.¹⁸⁸ Noel Teles chegou a Jacobina em 1940, levado por um açougueiro que o adotara em função da saúde frágil em sua infância. Contou que frequentou o bairro do meretrício uma única vez, e lá contraiu duas doenças.¹⁸⁹ Expressou um sentimento de revolta, considerando que foi enganado por aquelas mulheres. Depois desse episódio, disse não ter mais voltado lá. Apesar de não estar entre os membros das classes abastadas, Noel repetia um sentimento semelhante ao observado entre as mulheres de elite, e que Terezinha Lapa reafirmou em sua fala, se referindo às mulheres do Pilunga: “oxe, elas ficavam doente lá, pistiavam, ficavam pistiadas, era pistiada”.¹⁹⁰

Há um sentido na articulação entre prostituição e sífilis, na acusação das “mulheres da vida” como as principais transmissoras do “grande mal”. A honra e a moralidade eram aspectos de vital importância para a sociedade jacobinense e, por que não dizer, para a sociedade brasileira daquele período. Caufield, em estudo

¹⁸⁴ SAMPAIO, Antônio Joaquim. **Da inconveniência da liberdade ilimitada no exercício da prostituição**. 1912. 75 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1912.

¹⁸⁵ RAGO, 2008, p. 155.

¹⁸⁶ **O Lidador**, nº 20 de 19 de Janeiro de 1934. (*Com os cabarets*) p. 1.

¹⁸⁷ **O Lidador**, nº 51 de 24 de Agosto de 1934. (*Os cabarets continuam!*) p. 1.

¹⁸⁸ Não é objetivo deste trabalho reproduzir as ideias vigentes, no período estudado, a respeito da relação entre sífilis e prostituição, culpando exclusivamente as meretrizes pelo contágio de DST's, principalmente num momento em que os dados do Ministério da Saúde do Brasil apontam para uma infecção nove vezes maior entre mulheres casadas, ou que mantêm relação com parceiro fixo e não apresentam comportamento promíscuo, do que entre homens. A atenção às questões de gênero contribui para que não se perceba esse processo de forma simplificada, atribuindo a grupos específicos a responsabilidade pela transmissão. Mesmo assim, é importante discutir as interfaces entre a prostituição e as DST's, principalmente a sífilis em Jacobina. cf. AMARO, Sarita Terezinha Alves. A questão da mulher e a Aids: novos olhares e novas tecnologias de prevenção. **Saúde e Sociedade** v.14, n.2, maio-ago 2005. p. 89-99.

¹⁸⁹ Noel Telles. Relato oral já citado.

¹⁹⁰ Entrevista com Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa em 13/01/2010.

sobre o Rio de Janeiro, enfatizou que a honra sexual era a base da família, e esta, a base da nação. A autora discute o medo existente de que, com o fim da “força moralizadora da honestidade sexual das mulheres”, a modernização causasse a dissolução da família, o aumento da criminalidade e um caos social.¹⁹¹ Sustentar essa moralidade, entretanto, significava consolidar relações hierárquicas baseadas não somente nas relações de gênero, mas nas diferenças raciais e de classe. É a presença de uma cultura dessa natureza que se observou em Jacobina, nas primeiras décadas do século XX, e que implicou também no estabelecimento de relações sociais hierárquicas para as convenções de gênero e sexualidade.

¹⁹¹ CAUFIELD, 2000, p. 26.

3 Representações e apropriações das convenções de gênero e sexualidade no espaço social

A análise das representações de feminilidade em Jacobina revela a bipolaridade tendo num extremo a categoria que funcionava como modelo de perfeição, e noutro seu oposto, respectivamente a mulher dita decente e a prostituta. Entre esses polos, no entanto, observa-se uma gama variada de configurações do feminino, a partir das dinâmicas sociais e do modo como o poder se articulava. Este complexo espectro de tipos é resultante de um processo amplo, associado à construção das convenções de gênero e sexualidade a partir das técnicas políticas de controle, mas também às suas ressignificações e re-elaborações, por mulheres e homens jacobinenses. O objetivo deste capítulo é explorar aspectos desse processo e seus efeitos.

A expectativa de uma conduta fundada em valores como castidade, pureza e decência, cuja manutenção funcionava, de modo geral, como garantia para a aceitação das mulheres no círculo social, tem uma genealogia que pode ser traçada até a Colônia. Os discursos sobre padrões ideais de comportamento estavam ligados à mentalidade portuguesa católica, e foram difundidos pela Igreja no combate às ligações fora do casamento, denominadas “tratos ilícitos”. Pregava-se a estigmatização crescente às “solteiras de vida dissoluta”, às “contumazes pecadoras” e às “mal procedidas”. Estas mulheres eram colocadas à margem do projeto normatizador da Igreja e do Estado, por participarem de relações não sacramentadas.¹⁹²

De acordo com o ideal de relacionamento entre gêneros presente no velho mundo dos séculos XVI e XVII, atitudes como obedecer ao marido, fugir de conversas com rapazes, recusar benfeitorias de qualquer homem sem causa urgente e vestir-se de forma adequada eram típicas do comportamento feminino. A mulher era considerada um ser fragilizado frente às tentações do demônio, e por isto devia sujeitar-se às noções morais cristãs. A convicção da inferioridade intelectual feminina foi transportada pelos pioneiros ibéricos, que trouxeram para o ultramar toda uma bagagem mental que haviam acumulado na Península, e que era ratificada

¹⁹² DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009. p. 23, 93.

pelas mais respeitadas autoridades, incluindo teólogos proeminentes.¹⁹³ Observa-se, por conseguinte, o desenvolvimento de um processo no qual se instituiu a figura da santa como modelo a ser seguido pelo sexo feminino. Com o auxílio do catecismo jesuíta, que buscava forjar um papel ideal para a mulher, o casamento foi incentivado, junto à disseminação da imagem da “boa e santa mãe”, que deveria funcionar como elo de transmissão de normas e valores familiares.¹⁹⁴ Já no século XIX, as concepções negativas e estigmatizantes sobre a condição feminina foram reforçadas com a utilização de métodos científicos, fundados no pressuposto da inferioridade física e mental da mulher em relação ao homem. Eram enfatizados elementos de domesticação que justificavam a exclusão feminina de espaços públicos, predominantemente tidos como domínio masculino.¹⁹⁵

Resquícios dos processos e dos elementos mencionados de forma sucinta acima encontravam-se no costume social do período republicano em Jacobina. Padrões estabelecidos para os modos de agir e os valores que as mulheres deveriam preservar foram enaltecidos no relato oral de Terezinha Lapa, quando fez menção ao namoro da sua juventude:

E as moças tinham que ser honestas, ter aquela honestidade. O namoro era aquele namoro que a gente não podia fazer algumas coisas como as outras fazem hoje, um namoro de amor para amor. (...) A gente pra dançar era aquela dança bonita mesmo, que contagiava o nosso coração, porque hoje é só aquelas mais malandragem. Ainda tem umas musicas bonitas, mas é mais malandragem, e o namoro era aquele namoro que não tinha esse beijo, negócio de boca, negócio de estar sentando no colo, muito aconchegante hoje, né? E naquele tempo era vergonha. O namorado tinha aquele amor mesmo, aquela sinceridade, tratava a namorada com muito zelo.¹⁹⁶

Esta fala expressa o amor idealizado, proposto como modelo para a geração de Terezinha. Tais concepções não eram partilhadas por todas as moças jacobinenses, mas muitas delas as consideravam como verdade em suas vidas. O desejo era visto como um fator negativo e prejudicial, ao contrário do cuidado e modo casto com que os namorados deveriam tratar-se mutuamente.

¹⁹³ BOXER, Charles R. O culto de Maria e a prática da misoginia in BOXER, Charles R. **A mulher na expansão ultra-marina ibérica (1415-1815)**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. p. 123.

¹⁹⁴ DEL PRIORI, 2009, p. 95.

¹⁹⁵ RAGO, 2008, p. 175.

¹⁹⁶ Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa. Relato oral já citado.

Uma parcela considerável das mulheres que residiam em Jacobina não tinha domínio da leitura e da escrita, mas nem por isso deixava de ter acesso às notícias de jornal.¹⁹⁷ Informações textuais eram usualmente difundidas por meio da oralidade. Por esta via, muitas possivelmente tiveram contato com o conjunto de definições dos valores esperados para o mundo feminino, divulgado na publicação de um ABC moral, redigido especialmente para as mulheres que não haviam estudado. Tendo em conta a associação entre moralidade e tecnologias de poder, a notícia pode ser considerada como uma ação política sobre a conduta feminina. Objetivava-se que, aprendendo o ABC, estas mulheres estivessem munindo-se de um conhecimento necessário para vivenciarem o papel de gênero que lhes era atribuído. O domínio das atitudes e valores descritos abaixo era muito mais importante que conhecer as letras:

O qual é o que o A quer dizer que seja amiga da sua casa; o B benquista da vizinhança; o C caridosa com os pobres; o D devota da virgem; o E entendida em seu ofício; o F firme na fé; o G guardadeira de sua fazenda; o H humilde a seu marido; o I inimiga de mexericos; o L leal; o M mansa; o N nobre, o O obediente; o P prudente, o Q quieta; o R regrada; o S sisuda; o T trabalhadora; o V virtuosa; o X xã; o Z zelosa da honra.¹⁹⁸

Ressalta-se as interseccionalidades entre gênero e classe presentes na difusão da informação. Ao mesmo tempo em que provavelmente a “caridade” e o “cuidado com sua fazenda” eram recomendações dirigidas às mulheres das camadas abastadas, os adjetivos “trabalhadora” e “entendida em seu ofício” relacionavam-se às mais pobres. Algumas características, como “quieta”, “regrada” e “mansa”, pareciam visar ambos os grupos. O incentivo à reprodução de todas essas virtudes juntas objetivava influenciar as mulheres para que agissem de acordo com a concepção dominante de ordem e papéis sociais.

O lugar oposto a este modelo, como foi dito, era ocupado pela figura da prostituta. O meretrício não era bem visto na cidade, em parte porque era associado a um momento histórico anterior de que o país buscava afastar-se. As elites de Salvador, mas também de diversos centros urbanos maiores e menores, e neste

¹⁹⁷ A maior parte das mulheres populares enfrentava obstáculos no acesso ao estudo como, por exemplo, a necessidade de trabalhar e a deficiência no número de instituições da Rede Pública de Ensino, principalmente até a década de 1930. cf. **O Lidorador**, nº 10 de 10 de Novembro de 1933. (*Predio Escolar*) p. 1.

¹⁹⁸ **O Lidorador**, nº 164 de 13 de Dezembro de 1936. (*ABC moral*) p. 2.

último caso Jacobina, buscavam impedir que a população de condição social inferior se entregasse aos hábitos ditos coloniais e ao lado sombrio das cidades, como os locais de prostituição e de jogatina.¹⁹⁹ Além disso, sentiam-se incomodadas com a imagem indecorosa de mulheres consideradas impuras, transmissoras de doenças, que viviam em pecado, afrontavam a moral e os bons costumes. As prostitutas causavam desconforto porque eram representadas como a personificação da sexualidade insubmissa, e com seu poder de sedução poderiam levar muitos homens para uma vida de exageros e irresponsabilidade.²⁰⁰ Eram vistas como um elemento central de desagregação da família.

Grande parte do pensamento médico baiano, assim como o universo católico, estava de acordo com essa ideia. Para o doutor Ângelo de Lima Godinho, em tese submetida à Faculdade de Medicina na primeira década do século XX, a família estava fadada a desaparecer pela compressão das leis morais. A instituição familiar era vista por ele como alicerce para todas as sociedades organizadas, e a moralidade, que necessariamente não admitia a existência de prostitutas no convívio social, deveria ser a forma de manutenção para o modelo de família vigente.²⁰¹ Em artigo para o *Vanguarda*, o frei Hugo Baggio realizava a defesa da família, que funcionava como base primordial da vida social da humanidade.²⁰² Destacava a necessidade de salvar essa instituição da separação. Para Baggio, a destruição da família acarretaria a destruição da sociedade.

Em junho de 1940, foi publicado um edital que, entre várias restrições, proibia a presença de “mundanas” na rua antes de dez horas da noite.²⁰³ Os termos pelos quais as mulheres que ganhavam a vida através do meretrício são referidas no edital – mundanas, decaídas, entre outros nomes depreciativos – expressa como pensava o delegado Vivaldino Jacobina Vieira, que o elaborou, mas também todo o grupo social que tentava controlar a circulação dessas mulheres pelas ruas da cidade. Uma das muitas estratégias utilizadas com esse objetivo era a propagação de restrições sobre o corpo feminino. Aqui, é necessária uma atenção ao corpo como

¹⁹⁹ RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007. p. 170.

²⁰⁰ SANTANA, 1996, f. 18.

²⁰¹ GODINHO, Ângelo de Lima. **Influência da prostituição sobre a sociedade actual**. Tese de doutoramento. Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 54 f.

²⁰² **Vanguarda**, nº 318 de 12 de Novembro de 1955. (*Salvemos a família*) p. 1.

²⁰³ **O Lídador**, nº 334 de 16 de Junho de 1940. (*Edital*) p. 4.

portador de significado, mediado por sistemas de sinais culturais.²⁰⁴ A matéria intitulada *Como se conhece as mulheres pelo andar*, publicada no *O Lidor* em 1934, ilustra bem este fato:

(...) A mulher que bate com os tacões, tem um gênio que nem o demônio lhe resiste (...) A que anda com a cabeça cahida, olhando para o chão, está disposta sempre a enganar toda a família (...) A que se balanceia, para um e outro lado, não conhece a modéstia nem ao menos pelo avesso – A que pela rua vae mirando a cauda do vestido, os pés, as mangas, e a ponta do nariz entornando a vista, é presumida e não serve pra nada. – A que anda simplesmente, e só olha quando necessário, sem fixar demasiadamente, e que não anda depressa nem devagar, nem direita nem curvada, nem leva no vestuário muitos enfeites, nem dá gargalhadas na rua, nem vae tão séria que assuste, nem tão alegre que faça rir, é modesta, dócil, delicada pundonorosa e honesta. Finalmente, é uma mulher as direitas. (Ramalho Ortigão)²⁰⁵

A necessidade de que a mulher qualificada com “as direitas” vigiasse o seu comportamento no espaço público, não usando enfeites em demasia, decotes, portando-se sóbria e modestamente, era uma forma de diferenciá-la das prostitutas. Até mesmo o espaço urbano se organizava na tentativa de estabelecer fronteiras simbólicas. Em concordância com o edital citado acima, muitas mulheres consideradas “decentes” permaneciam no alto da Missão²⁰⁶ apenas até às 10 horas da noite, com receio de ficarem faladas.²⁰⁷ As restrições no horário de circulação, e o cuidado de algumas moças, no sentido de preservar a sua imagem, constituem exemplos de como o biopoder insidia na vida social.

A valorização de um comportamento feminino retraído não se coaduna com as conquistas alcançadas pelas mulheres no início do século XX. A imagem da mulher ideal, submissa ao homem e inteiramente dedicada aos afazeres domésticos, entrou em decadência em muitos lugares do mundo, e também no Brasil, com as

²⁰⁴ PORTER, Roy. A história do corpo in BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

²⁰⁵ **O Lidor**, nº 61 de 02 de Novembro de 1934. (*Como se conhece a mulher pelo andar*) p. 3.

²⁰⁶ Este era um local de sociabilidade entre os jacobinenses. Trata-se de uma praça, localizada no ponto mais alto do bairro da Missão.

²⁰⁷ Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa. Relato oral já citado.

Para informações complementares sobre o receio que as mulheres tinham de ficar faladas, cf. VASCONCELOS, Vânia Nara. **Evas e Marias em Serrolândia: Práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)**. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2006. Especificamente no primeiro capítulo, a autora analisa a realidade de mulheres que transitavam entre as imagens de Evas e Marias e a preocupação que havia com o comportamento, pelo receio dos comentários dos habitantes de Serrolândia (município que foi desmembrado de Jacobina em 1962, e conservava, portanto, diversas semelhanças com a sociedade estudada).

transformações industriais decorrentes da chegada do século XX.²⁰⁸ Albuquerque Júnior classifica esse processo como uma *feminização* da sociedade brasileira, que teria se iniciado com a Abolição da escravidão e se intensificado com a Primeira Guerra Mundial. De acordo com ele, os discursos masculinos falavam, com temor, de um alastramento feminino pela sociedade, trazido pela supressão de fronteiras entre etnias e raças; pelo progressivo acesso, ao mundo da política, de parcelas da sociedade antes excluídas; e pela necessária ampliação do espaço social para a inclusão de novos grupos, que emergiam com maior influência e poder — operários e mulheres, dentre outros.²⁰⁹ Todos esses fatores teriam contribuído para a perda progressiva de valores, sociabilidades e sensibilidades descritas como patriarcais. Em Jacobina, as mudanças provocadas pelo garimpo podem ter impulsionado uma ocupação mais efetiva do espaço urbano por parte das mulheres. Assim, o desejo de conter esses avanços levou os homens a ridicularizar as atitudes femininas que se aproximavam do status concebido como masculino:

Surgiram por ai seres híbridos que não poderiam ser classificados na escala animal, nem como bicho intermediário da teoria Darwiniana. Cortaram os cabelos a - lá homem - cruzaram as pernas como si não tivessem pernas... Pintaram o diabo (...) Imaginem cenas como essas: O senhor simpático, aquele moço bonito, tipo café com leite, que faz massagens e usa cremes, depois de fazer suas compras, levando pelo braço um rechonchudo guri com os respectivos apetrechos como sejam bonecas fraldas e mamadeira, vae na casa de um seu - querido - amigo e diz melífluo e ridículo: (...) - uma notícia! A doutora Dagoberta pediu a mão do Lulusinho em casamento... em que mãos vae cair o pobre inocente!²¹⁰

A caracterização da mulher que adotou novos hábitos como um ser intermediário na escala evolutiva e a inversão dos papéis, com um homem descrito como sensível, fazendo compras e cuidando dos filhos, expressa o desconforto causado pela possibilidade de que as mulheres atingissem espaços e condições profissionais consideradas masculinas, além de ir de encontro ao ideal de masculinidade desse período, marcado pela virilidade, pela autoridade e independência. Destaca-se que “doutor” era um título comum entre homens, seja na medicina, seja no direito, havendo poucas exceções no âmbito feminino ainda em 1930, como o caso da doutora Francisca Prager Fróes, que desempenhou um

²⁰⁸ RAGO, 2008, p. 58.

²⁰⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 32.

²¹⁰ **O Lidador**, nº 167 de 03 de Janeiro de 1937. (*Os maridos das guerreiras*) p. 4.

papel significativo na obstetrícia junto aos médicos da Faculdade de Medicina da Bahia, em fins do século XIX e início do século XX.²¹¹ O tom irônico do artigo demonstra um notável desagrado em relação ao que os homens consideravam ser o fim da feminilidade, quando, na verdade, defendiam a manutenção de uma determinada definição do feminino e as práticas que lhe davam expressão. A sensação que se tinha era que as fronteiras de gênero estavam se misturando. A confusão parecia se instalar, como marca do mundo moderno, fruto da quebra dos limites trazidos pelos costumes tradicionais.²¹²

Em outros momentos, fazia-se um verdadeiro alarde em torno da inversão dos papéis sociais. As imagens de homens dando leite a crianças e de mulheres representando homens significava, para alguns, uma demonstração de que o mundo estava pelo avesso. Essa troca de posições era descrita como uma alucinação generalizada ou, quem sabe, um aviso de que em breve os clarins anunciariam que o fim dos tempos chegava.²¹³ Esperava-se que as mulheres se interessassem por temas tidos como característicos do mundo feminino, a exemplo da ornamentação do lar, costuras e bordados. Coletâneas nacionais sobre esses assuntos eram anunciadas em *O Lيدador*, para que as damas da sociedade comprassem e permanecessem atualizadas em relação a essas atividades.²¹⁴ Em oposição a isso, o modelo de papel social masculino envolvia a preocupação com os negócios da família, com o trabalho e com o sustento do lar, cabendo somente ao homem as grandes decisões. A possibilidade de um nivelamento social dos sexos, que permitisse a livre escolha de interesses, comportamentos e vestimentas, por exemplo, era mais ameaçadora na medida em que começava a atingir a instituição nuclear na ordem social: a família. O fim da sociedade chamada patriarcal significava um progressivo enfraquecimento do sentimento de solidariedade de família, que tendia a ser substituído por um crescente individualismo e, um perigo igualmente temível, pela solidariedade de classe. A mulher tinha um papel decisivo na conservação daquela instituição e, para isso, era fundamental respeitar a distribuição e hierarquia tradicionais na família, assim como normas e papéis que lhes eram atribuídos como naturais.²¹⁵

²¹¹ RAGO, 2007, p. 17.

²¹² ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 40.

²¹³ *O Lيدador*, nº 205 de 03 de Outubro de 1937. (*É bom para*) p. 4.

²¹⁴ *O Lيدador*, nº 66 de 07 de Dezembro de 1934. (*Uma agradável notícia para as senhoras*) p.1.

²¹⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 38.

As constantes críticas ao surgimento de uma nova mulher que tivesse ideias originais, que lesse o que gostava e que discutisse o que pensava, vinculavam-se a uma visão do sexo feminino no papel de colaborador do homem, ou seja, em situação dependente e inferior.²¹⁶ É possível identificar, nas primeiras décadas do século XX, a existência de pelo menos três tendências de feminismos, listados por Céli Pinto em análise sobre ações femininas no Brasil. O chamado “feminismo difuso” tinha como característica principal as múltiplas manifestações da imprensa feminista alternativa, com a participação de mulheres cultas, professoras, escritoras e jornalistas, com um vasto campo de interesses e questões, a exemplo da educação feminina e da denúncia da dominação masculina.²¹⁷ Em outra vertente, tratava-se de mulheres trabalhadoras e intelectuais que valorizavam como questão central a exploração do trabalho e, na maioria das vezes, articulavam as teses feministas aos ideários anarquistas. E, por fim, havia um feminismo qualificado como “comportado”, ligado às ações realizadas por Bertha Lutz que, através de mulheres de uma elite política e intelectual, proporcionou o surgimento da Federação Brasileira para o Progresso Feminino.²¹⁸

Na Bahia, especificamente, a então chamada Liga Brasileira pelo Progresso Feminino tinha como finalidade organizar a participação das mulheres em obras sociais, e aprofundar a fé e as práticas cristãs entre os seus membros. O movimento visava também, em grande proporção, a reciclagem das mulheres para melhor viver o papel que lhes era destinado no lar.²¹⁹ Trajetórias como a de Edith Gama de Abreu ilustram que as principais reivindicações femininas eram a sua participação na política, o sufrágio universal e o direito à mesma educação que os homens.²²⁰ Observa-se que, se a luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, não era somente porque nos países centrais essa também era uma importante exigência entre as feministas, mas também porque encontrava respaldo entre os membros da elite. Os feminismos brasileiros do início do século tiveram características peculiares em relação ao movimento desenvolvido nas décadas de 1960 e 1970, que contou, por exemplo, com grupos

²¹⁶ **O Lidador**, nº 158 de 01 de Novembro de 1936. (*Bilhete às mulheres*) p. 1.

²¹⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. p. 15. (Coleção História do Povo Brasileiro).

²¹⁸ PINTO, 2003, p. 23.

²¹⁹ FERREIRA FILHO, 2003. p. 76.

²²⁰ ANDRADE, Cláudia Vieira. **Mulheres de elite em movimento por direitos políticos**: o caso de Edith Mendes da Gama e Abreu. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 2002. f. 12.

informais de reflexão com caráter privado, em reuniões de mulheres que se conheciam anteriormente.²²¹

A elite jacobinense defendia um “bom feminismo”, que só triunfaria se fosse valorizado o dever das mulheres de orientar o futuro através do seu primeiro papel, qual seja, o de mãe e esposa. A feminista Lili Tosta, por exemplo, foi muito bem recebida em passagem por Jacobina, visto que se enquadrava nesse perfil. Realizou uma palestra com objetivos filantrópicos – arrecadar dinheiro para as crianças carentes do município.²²² De fato, a condução do Brasil à modernização apostava na filantropia como veículo, e a imprensa foi sua principal agenciadora política.²²³ Com frequência as classes abastadas divulgavam no jornal eventos promovidos em favor de causas sociais, como o Festival de Arte que objetivava arrecadar fundos para a Igreja da Conceição.²²⁴ Essas ações visavam também à autopromoção de personalidades de destaque na cidade, como as figuras do cenário político.

Atitudes atribuídas a mulheres modernas, como a inscrição em concursos públicos, eram apoiadas por alguns homens. Contudo, exigia-se um comedimento por parte delas. Para eles, as mulheres brasileiras não deveriam agir como o mau exemplo oferecido pelas feministas mexicanas, que acabaram com os cabarés do seu país, na luta contra as situações “vergonhosas” às quais as prostitutas estavam submetidas, mas, por outro lado, deixaram-nas sem meios de ganhar a vida.²²⁵ Essa postura agressiva ia de encontro à moderação e delicadeza esperadas das mulheres. A menção, nO *Lidador*, ao episódio mexicano sobre a prostituição, é parte de uma série de ambivalências entre as convenções e práticas associadas ao feminino, observadas em Jacobina. Ao mesmo tempo em que os dispositivos de biopoder caminhavam para uma reafirmação das convenções de gênero e sexualidade, confundiam valores ao censurar o fim dos cabarés e o desemprego de prostitutas, mulheres que, em outras situações, eram utilizadas como exemplos negativos. De fato, apesar da tentativa de criar rótulos ou inserir o comportamento feminino em compartimentos, na prática as relações ocorriam de formas múltiplas.

²²¹ PINTO, 2003. p. 49.

²²² O *Lidador*, nº 49 de 10 de Agosto de 1934. (*D. Lili Tosta*) p. 1. O *Lidador*, nº 50 de 17 de Agosto de 1934. (*Em benefício das crianças pobres*) p. 1.; O *Lidador*, nº 51 de 24 de Agosto de 1934. (*Em benefício das crianças pobres*) p. 4.

²²³ AMARAL, Marivaldo Cruz do. Mulheres, Imprensa e Higiene: a medicalização do parto na Bahia (1910-1927). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. v. 15, n. 4, out-dez 2008, p. 930.

²²⁴ O *Lidador*, nº 213 de 28 de Novembro de 1937. (*Festival de Arte*) p. 1.

²²⁵ O *Lidador*, nº 119 de 29 de Dezembro de 1935. (*A mulher na sociedade*) p. 8.

Os escritos do médico fundador do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, José de Albuquerque, eram frequentemente publicados em Jacobina. Tinham como objetivo alcançar o interior do país, já que as zonas rurais eram mais carentes de orientações ligadas à sexualidade. Uma série de conferências sobre educação sexual, por ele proferidas através da rádio Cajuti, no Rio de Janeiro, logo foi transformada em livro,²²⁶ e a cidade orgulhava-se de receber um exemplar dessa obra. As conferências de Albuquerque remetem à reflexão sobre os diferentes mecanismos de disseminação de valores relacionados ao gênero e à sexualidade no espaço urbano, com destaque para o rádio. Em julho de 1940, *O Lيدador* listava um número de 36 aparelhos de rádio no município, “com possibilidades de aumento”.²²⁷ Este era um número pequeno, visto que, no período citado, aquele ainda era um eletrônico relativamente caro. Contudo, como muitos proprietários de aparelhos de rádio eram comerciantes, costumavam escutar música e informações nas casas comerciais e bares,²²⁸ compartilhando aquele meio de comunicação com outras pessoas.

Dentre os textos do Doutor Albuquerque, destaca-se o publicado em 10 de janeiro de 1937, no qual o médico parabenizou a escritora paulista Alice Moreira pelo prêmio de melhor livro sobre educação sexual.²²⁹ É interessante o fato de uma mulher ser premiada ao discutir um tema como esse, que sempre encontrou dificuldades para adentrar o universo feminino. Observa-se que, mesmo afirmando que as mulheres podiam discutir temas de importância e que deveriam ajudar na construção da nação brasileira como um todo, expandindo seus horizontes para além do ambiente doméstico, o adjetivo referencial utilizado pelo médico para dona Alice foi “mãe de família, mãe de família exemplaríssima”.

As ideias do médico Fernando Albuquerque eram semelhantes às do seu colega mencionado acima. Seu apelo às mães de família era para que se unissem e formassem uma verdadeira liga das nações, educando seus filhos no respeito ao próximo, na tolerância e no amor, e impedissem que no futuro as crianças construíssem tecnologias a favor da guerra.²³⁰ A maternidade deveria ser o guia do presente e a projeção do futuro. Atribuía-se às mães a força ativa de gerar o trabalho

²²⁶ *O Lيدador*, nº 90 de 02 de Junho de 1935. (*Educação sexual pelo rádio*) p. 4.

²²⁷ *O Lيدador*, nº 340 de 28 de Julho de 1940. (*Trinta e seis rádios na cidade*) p. 1.

²²⁸ JESUS, 2005, p. 13.

²²⁹ *O Lيدador*, nº 168 de 10 de Janeiro de 1937. (*A mulher brasileira em face da Educação Sexual*) p.

4.

²³⁰ *O Lيدador*, nº 141 de 31 de Maio de 1936. (*Apelo às mãis de família*) p. 1.

e a felicidade da nação, pois eram portadoras do homem do futuro, o germe inicial do progresso.²³¹

Essas ideias repetiam elementos da campanha educativa desenvolvida pela Faculdade de Medicina da Bahia, na tentativa de medicalizar os corpos das mães baianas, através de publicações que articulavam a maternidade com a modernidade e civilidade.²³² Ao associar-se com o projeto modernizador nacionalista, o exercício da maternidade ultrapassava os limites da esfera doméstica e adquiria um novo caráter, de missão patriótica e função pública. Maria Martha Freire afirma, a este respeito, que “tratava-se não mais de garantir filhos ao marido, mas sim cidadãos à Pátria”.²³³ Essa ideologia se espalhou pela Europa depois da Primeira Guerra Mundial, em reação à presumida degeneração moral da juventude e o despovoamento, desencadeando propostas e ações diferenciadas conforme o cenário político-social de cada região. Segundo Freire, a medicina social francesa se estendeu à América Latina. Mas, ao invés das preocupações demográficas ou econômicas, prevaleceram, nesse continente, argumentos de origem moral e cultural, que se aliaram, entre outros, aos projetos feministas e aos imperativos nacionalistas.²³⁴ A criança emergiu, nesse momento, como um problema pedagógico – e as várias discussões em torno do ensino, suas práticas e conteúdo, constituem um bom exemplo disto –, mas também como um problema eugênico. Ou seja, a criança e sua constituição física, genética e racial passaram a ser uma questão pertinente para as intervenções do Estado e da medicina.²³⁵ Os médicos agiam como se as mulheres fossem um recipiente vazio, desprovidas do conhecimento sobre como deveriam educar seus filhos. Acreditavam que não havia um modo natural de ensinar e, por mais amorosas que fossem, as mães sempre cometeriam erros. Deveriam, portanto, obedecer às suas instruções. Para Martins, esse processo demonstra uma relação desigual e assimétrica que expressava não só a diferença entre o leigo (representado na figura das mães) e o especialista, mas também a diferença de gênero. Entretanto, mesmo com todos os esforços em prol desse projeto normatizador, nem sempre as mães se comportavam da maneira

²³¹ **O Lيدador**, nº 209 de 31 de Outubro de 1937. (*Função social das maternidades*) p. 2.

²³² AMARAL, 2008, p. 929.

²³³ FREIRE, Maria Martha Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 15, suplemento, p. 154.

²³⁴ Idem, p. 156.

²³⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 64.

esperada.²³⁶

Segundo a denúncia feita pelo promotor José Dantas, no dia 12 de junho do ano de 1931, Francisco Passos, residente à rua da Estação, teria se aproveitado da “miséria e inexperiência” de Gumercinda Alves da Rocha. Ele chamou-a para sua casa, estuprou-a, e conservou-a consigo até o dia 17 do mesmo mês, data em que, por queixa da mãe da adolescente, Maria Lúcia Teixeira, a polícia mobilizou-se para resgatá-la.²³⁷ No inquérito, ela alegou que demorou cinco dias para formalizar a queixa de sedução da sua filha porque se encontrava doente.

Na noite em que Gumercinda saiu de casa, sua mãe teria ido a uma novena na casa da vizinha. Quando retornou não mais a encontrou, e decidiu sair para procurá-la. Afirmou que, em determinado momento, imaginou que Gumercinda tivesse sido seduzida, mas não sabia por quem. De súbito, ouviu a voz de Francisco Passos no quintal, que lhe contou que Gumercinda pulou o muro e encontrava-se em sua residência. O homem pediu que a mãe da garota não fizesse escândalo, porque não havia acontecido nada. Ele teria apenas dado uns beijos em sua filha e consentiu que médicos fossem chamados para fazer a análise do hímen da garota, caso fosse necessário. Nesse momento, segundo o depoimento prestado pela própria mulher, ela lhe propôs um acordo: Francisco Passos deveria pagar-lhe a quantia de um conto e quinhentos mil réis para se redimir da injúria que havia realizado contra sua família, e, em troca, não seria levado a público que ele havia deflorado a menina.²³⁸

Em geral, uma mãe deveria preocupar-se no primeiro momento com o bem-estar e segurança de sua filha, procurando meios de trazê-la de volta para casa o mais rápido possível. O tempo relativamente extenso no qual Gumercinda ficou com Francisco Passos sugere que poderia haver o interesse de Maria Lúcia em obter lucros com o acontecimento. Além disso, questiona-se por que a doença, que foi alegada como impedimento para que a denúncia ocorresse, não funcionou como empecilho para a tentativa de negociação?

Uma tentativa de responder a essas inquietações deve passar por um exame das possibilidades existentes para aquela mulher naquele momento: mãe-solteira

²³⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.15, n.1, p.135-154, jan.-mar. 2008. p. 137.

²³⁷ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**. Réu Francisco de Lima Passos. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação. 1934. f. 1.

²³⁸ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**, 1934, f. 9-10.

(tendo em vista que não foram encontradas referências sobre o pai de Gumercinda em nenhum momento do processo), integrante das camadas economicamente subalternas, e com a ameaça de uma mancha na reputação da sua filha, perante a sociedade; além de pobre, sem honra. A busca pela compensação material divergia completamente do ideal de maternidade divulgado na campanha nacional de valorização da educação infantil para o futuro. Entretanto, para Maria Lúcia, esse podia ser o caminho menos danoso, se é que havia um. Membros dos setores economicamente subalternos, nas primeiras décadas do século, sofriam preconceito pelo fato de não cumprirem adequadamente o modelo de normalidade da família conjugal. Suas famílias foram, em geral, vistas como desorganizadas, o que inclusive impediu que gerações de pesquisadores atentassem para a diversidade das dinâmicas familiares no Brasil.²³⁹

O processo de formação da família moderna ocorreu de forma diferente nas diversas classes sociais, o que interferiu, também, no lugar ocupado pelas mulheres na sociedade. As famílias burguesas, influenciadas por educadores e moralistas, se preocupavam com a preparação da criança para o futuro, dando as costas a antigas sociabilidades de rua e ao parentesco extenso, entregando-se à privacidade do lar e da escola. Já os grupos pobres seguiram tendências como a de casamentos precoces e um aumento das uniões consensuais, frequentemente instáveis.²⁴⁰

Com quatorze anos, Gumercinda assumiu, nos autos de perguntas, que saiu de casa porque Francisco Passos teria lhe chamado para ir à sua casa. A menina disse ter seguido os conselhos de uma certa dona Corina, vizinha, que a incentivou da seguinte maneira: “Menina deixa de ser boba, pois ele é casado, mas vive separado da família”.²⁴¹ Assim, ela saiu virgem da casa de sua mãe, mas afirmou ter retornado “perdida”. Ficar perdida significava estar abandonada à sua própria sorte, sem expectativas de constituir uma família e exercer a função social predominantemente destinada para as mulheres.

A perda da virgindade tinha um peso significativo sobre a imagem feminina. A sociedade julgaria a deflorada com olhos diferentes a partir de então, exceto se ela casasse com o autor do crime que, no caso aqui em foco, já possuía uma esposa. Desde os tempos coloniais, o defloramento constituía um elemento aviltante para as

²³⁹ FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre in DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 513.

²⁴⁰ Idem. p. 520-522.

²⁴¹ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**, 1934. f. 3-4.

mulheres. Na análise desenvolvida por Vainfas sobre as implicações do termo “solteira”, que em muitos lugares era sinônimo de uma vida feminina de desregramento e entrega aos prazeres, o autor observa que a prostituição era o caminho natural para as mulheres violadas sexualmente.²⁴² O ingresso no comércio do sexo podia ocorrer por diversos motivos: miséria, fatalidades, vontade própria. Mas sabe-se que em alguns casos o ingresso de meninas no mundo do meretrício foi promovido por figuras como mães, pais ou outras pessoas responsáveis por elas.²⁴³

Os juristas brasileiros do período afirmavam que a mulher deveria ter uma imagem casta quando do defloramento, caso contrário não obteria sucesso na ação judicial contra o deflorador. Segundo os bacharéis, ao lado da prostituição pública havia também uma prostituição clandestina, reservada, discreta e misteriosa. Desta forma, uma mulher solteira, não virgem, era considerada uma prostituta em potencial.²⁴⁴ Baseado nessas considerações, o advogado de defesa elaborou uma série de argumentos para tentar inocentar o réu: a melhor saída era acusar Gumercinda de má-conduta, de se assemelhar a uma prostituta. É certo que o discurso jurídico é forjado a partir de um interesse, de um viés ideológico, mas nem por isso devem-se descartar as representações sobre a prostituição presentes nessa argumentação. Afirmou-se que a garota não podia ter sido enganada por Francisco Passos, pois o mesmo era seu vizinho e possuía extensa fama de casado. Além disso, acusaram-na de viver solta na rua, ora nas casas da vizinhança, ora nas fontes públicas, outras vezes nas feiras, e até em casas de meretrizes, com as quais tinha laços de intimidade estreitos a ponto de se frequentarem mutuamente. Assim, não era possível afirmar que fosse uma mulher de honra e boa fama.²⁴⁵

Não se sabe ao certo os motivos pelos quais ainda tão nova Gumercinda foi ao encontro de Francisco Passos. Poderia ter sido influenciada pela vizinha, por sua própria mãe ou por amigas prostitutas. Poderia ter seguido um impulso próprio, ou talvez fosse mesmo ingênua frente a um homem mais velho que, quem sabe, ter-lhe-ia feito promessas de um futuro ao seu lado. Contudo, naquele momento, desvirginada, ela enfrentava um ataque repleto de referências à moralidade. A

²⁴² VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos do Pecado: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 61.

²⁴³ SANTANA, 1996, f. 48.

²⁴⁴ CAUFIELD, 2005. p. 76-77.

²⁴⁵ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**, 1934. f. 89.

defesa de Francisco Passos afirmava que a honra era a dignidade própria da pessoa que vivia honestamente, que regulava sua conduta pelos ditames da moral, e, nesse caso, tentava comprovar que Gumercinda não se enquadrava em tal padrão:

São tais qualidades a expressão forte da probidade e da virtude, elevadas ao mais alto grau de perfeição que deve ser apreciada com rigor para que a hipocrisia não venha aureolar de santidade o corpo maculado das semi-*virgens* requintadas nos disfarces revoltantes do impudor, velado pelas sombras da mais indecorosa desvirtude.²⁴⁶

Como o ideal normativo de conduta era reafirmado por diversos membros das classes dominantes, sabe-se que, em certa medida, o conceito de prostituição em Jacobina encontrava-se ligado às regras comportamentais, para além das relações sexuais em si. Provar que Francisco Passos não havia cometido um crime seria mais fácil se, de fato, Gumercinda possuísse uma conduta desviante. E, em 30 de dezembro de 1931, o juiz Domingos Carlos da Silva considerou improcedente a denúncia contra o homem e o absolveu da culpa e da condenação.²⁴⁷

A opinião do colunista Paulo Bento sobre a condição feminina, no que diz respeito à prostituição, diferenciava-se das opiniões encontradas em outros artigos de jornal e nos relatos orais. Ele não atribuía culpa às mulheres pela sua inserção no mundo do meretrício. Via as prostitutas como vítimas da ação dos homens. Os mesmos estariam condenados a levar em suas costas o fardo da culpa por explorar a miséria das “pobres moças”.²⁴⁸ Seus escritos expressam a representação do homem como um ser forte, que exercia seu poder sobre o “sexo frágil”.

De modo geral, as interpretações sobre a prostituição variam entre a imagem de uma vítima de condições miseráveis de vida, por um lado, e de uma mulher fatal, poderosa, cortesã, por outro. Seguindo proposta de Rago, objetiva-se desviar de formulações como estas, não observando a prostituta enquanto fruto de uma perspectiva normativa que a romantiza enquanto vitimizada ou rebelde, mas valorizando a sua singularidade e positividade ao mesmo tempo, no contexto específico descrito.²⁴⁹

Ressalta-se, ainda, que as considerações até aqui feitas sobre o comportamento feminino tratam de representações construídas principalmente

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**, 1934. f. 92.

²⁴⁸ **O LIdador**, nº 111 de 3 de Novembro de 1935. (*A prostituição, suas causas e conseqüências*) p.4.

²⁴⁹ RAGO, 2008, p. 23-24.

acerca da realidade das mulheres de elite. As pertencentes às camadas economicamente subalternas de Jacobina, incluindo-se aí as prostitutas, ocupavam as ruas muito mais amplamente, preocupando-se em menor intensidade com as convenções estabelecidas. Este é um fenômeno homólogo ao analisado por Fonseca, sobre mulheres pobres no Rio Grande do Sul, em meados de 1920. Abandonadas pelos maridos, que haviam migrado para outras cidades em busca de emprego, ou querendo escapar à miséria que representava a dependência exclusiva do salário masculino, decidiam trabalhar. Cercadas por uma moralidade oficial completamente desligada da sua realidade, elas arriscavam sofrer o pejo de “mulher pública”.²⁵⁰

Não eram raras as advertências às lavadeiras jacobinenses, que insistiam em estender roupas nas cercas dos currais municipais. Os próprios artigos 58 e 59 do Código de Posturas Municipal proibiam a lavagem de roupa em lagoas, além da utilização dos passeios, ruas, praças, travessas e becos para estender roupas de qualquer natureza.²⁵¹ A cada dia, essas trabalhadoras driblavam as imposições na busca pelo sustento de suas famílias, de forma semelhante às mulheres pertencentes a setores populares na cidade de Salvador, estudadas por Alberto Heráclito Ferreira Filho, que ocupavam zonas limítrofes e ambíguas frente aos modelos femininos impostos pela sociedade branca, senhorial e dominante soteropolitana, em atitudes de inversão da ordem.²⁵²

A subversão ou quebra da ordem carrega, implícita em si, a ideia da existência de uma reação diferenciada, por parte das mulheres integrantes das classes subalternas, às políticas do biopoder no que diz respeito às práticas de namoro e de casamento. Atitudes femininas de inversão da ordem estavam relacionadas principalmente às dificuldades econômicas e de raça. Contudo, não chegavam a transformar a posição privilegiada do sexo oposto, e nem a maneira pela qual a forma dominante de apropriação da cultura encarava a questão da virgindade. E, apesar de a sexualidade feminina não ser vivenciada da mesma forma por diferentes grupos sociais, as tentativas de controle desta, através do casamento e da família, perpassavam todas as classes.²⁵³

²⁵⁰ FONSECA, 1997, p. 516.

²⁵¹ ARQUIVO PÚBLICO DE JACOBINA. **Código de Posturas da Cidade de Jacobina**. 1930.

²⁵² FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador. (1890-1 937). **Afro-Ásia**, 21-22 (1998-1999), 247-248.

²⁵³ SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: Mulheres Pobres e Ordem urbana

A propagação de normas e valores influenciava ações como a de Joana. A moça reafirmava os valores femininos e demonstrava publicamente que desejava preservar a sua honra, mas ao mesmo tempo destoava do comportamento recatado, pela forma violenta como agia. Descrita por *O Lidor* como roceira, Joana dançava numa festa em uma noite de julho de 1937, quando de repente sentiu a mão de um rapaz escorregar pelo seu corpo. Essa atitude despertou uma verdadeira fúria na moça, que no mesmo instante ouviu o jovem se gabar do feito junto aos amigos. Então, ela dilacerou a orelha do rapaz com uma faca de cortar mandioca. Sentindo-se vingada por tamanha ousadia, exclamou: “tu viu seu?... agora bula com moça”.²⁵⁴ Esse conflito exemplifica como eram difusas as relações em torno do comportamento feminino. A dupla interpretação que se pode fazer a respeito da ação de Joana demonstra que, apesar dos esforços para uma classificação dicotômica decente/prostituta, as mulheres não se restringiam a ocupar esses dois espaços. Elas transcendiam os discursos médicos sobre saúde sexual e sobre sífilis, a normatização policial e os editais de jornal que criavam e recriavam modelos de feminilidade e masculinidade, cristalizando e estigmatizando a figura da prostituta como a expressão da sexualidade desviante por excelência. Joana é um exemplo da forma ambivalente como as mulheres se apropriavam, na prática, das tentativas de instituição das convenções, resignificando e criando novas possibilidades de feminino.

As prostitutas agiam de forma multifacetada, e constantemente subvertiam a ordem. Espalhadas pela cidade elas subiam as serras em busca de companheiros ou de noitadas de bebida, divertimento e sexo. Em 3 de novembro de 1933, *O Lidor* informou sobre um “cabaré de encomenda”. Era provável que festas de encomenda não ocorressem na zona da prostituição. Outras pessoas, que não os donos dos bordéis, eram os promotores desse tipo de evento, e as mulheres eram contratadas especificamente para servir aos participantes da festa. Quando o dia amanheceu, e resolveram retornar para suas casas, onze pessoas descritas como “tontas de sono e aguardente” caíram da pinguela, uma ponte de madeira, improvisada para atravessar o rio Itapicurú, que corta a cidade, e tiveram contusões e ferimentos graves.²⁵⁵ Dentre essas pessoas estavam prostitutas, soldados do

(1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária. p. 20.

²⁵⁴ *O Lidor*, nº 193 de 11 de Julho de 1937. (*Se todas fizessem assim*) p. 1.

²⁵⁵ *O Lidor*, nº 10 de 10 de Novembro de 1933. (*Depois da festa... a pinguela veio ao chão*) p. 1.

destacamento local e alguns civis. Observa-se que em determinados momentos a própria polícia, que deveria ser a responsável pelo controle do trabalho das meretrizes, encontrava-se envolvida com as mesmas, compartilhando momentos de diversão, bebedeira e alegrias.

Às vésperas da micareta de 1934, *O Lidador* publicou uma nota exigindo que a polícia impedisse a circulação de “mulheres de vida livre” mascaradas, para que não tivessem a “ousadia” de participar da festa junto às famílias jacobinenses.²⁵⁶ As prostitutas aproveitavam o momento de diversão para zombar das camadas mais abastadas e frequentar espaços em que, teoricamente, não poderiam estar presentes. O mesmo já havia ocorrido no carnaval daquele ano, e como a elite considerava o comportamento das meretrizes uma humilhação à sua classe, solicitou a ação policial. A utilização das máscaras pelas “mulheres de vida livre” tinha ainda um agravante que não podia ser observado em outros grupos das camadas populares. Como tinham a tez clara, devido à ação dos cafetês que as traziam de fora para trabalhar nos bordéis da cidade, havia dificuldade em reconhecer quem era quem no jogo.²⁵⁷

O delegado de polícia, Capitão Antônio Rocha Passos, recebia constantes solicitações para que medidas fossem tomadas em prol do fechamento dos prostíbulos. Em janeiro de 1934, um grupo de moradores exigia providências para acabar com esses estabelecimentos, devido ao clima de desordem e de bebedeira ali estabelecido.²⁵⁸ Para eles, esses ambientes eram prejudiciais à sociedade, além de serem os responsáveis pelo maior número de delitos em Jacobina. Oito meses depois, a elite jacobinense ainda cobrava a ação policial sobre um prostíbulo que funcionava nas imediações da Igreja da Conceição, já que, para eles, era inadmissível que houvesse um estabelecimento dessa natureza situado no “coração da cidade”.²⁵⁹ Em 24 de março de 1940, as queixas estavam relacionadas a um “cabaré de mundanas” que funcionava na rua 24 de outubro, porque não só fazia barulho, como atentava contra os bons costumes locais. A diferença entre esse e os outros prostíbulos é que, depois de algum tempo na ilegalidade, o imposto exigido foi pago e a autoridade policial legalizou o estabelecimento.²⁶⁰

²⁵⁶ **O Lidador**, nº 30 de 30 de Março de 1934. (Mi-careme) p. 1.

²⁵⁷ SANTOS, 2003, p. 105.

²⁵⁸ **O Lidador**, nº 20 de 19 de Janeiro de 1934. (*Com os cabarets*) p. 1.

²⁵⁹ **O Lidador**, nº 51 de 24 de Agosto de 1934. (*Os cabarets continuam!*) p. 1.

²⁶⁰ **O Lidador**, nº 322 de 24 de março de 1940. (*Jogos e cabarés*) p. 1.

A área que englobava as imediações da referida igreja era conhecida popularmente como Pilunga, zona de prostituição que será explorada adiante de forma mais circunstanciada, e para onde as mulheres que prestavam seus serviços nos garimpos próximos à sede retornavam à noite.²⁶¹ Também o chamavam de bairro do Meretrício, segundo o processo-crime de Mário Vieira de Tal.²⁶² O lugar abrigou diversas casas de prostitutas, que se multiplicaram vertiginosamente a partir da exploração aurífera de 1930. Destaca-se o surgimento, em finais da década de 1940, de um famoso prostíbulo, denominado Galeão, que atraía mulheres de muitos lugares do Estado, a exemplo de Feira de Santana, e até mesmo prostitutas que vinham do exterior.²⁶³ A interlocutora F., que viveu no bairro desde o início de 1950, recentemente refletiu sobre as transformações pelas quais o lugar passou nas últimas décadas: “Aqui era tudo casa de mulher, tudo era boate... tudo... acabou tudo, hoje em dia tudo é comércio”.²⁶⁴

Através das representações produzidas pelo jornal, é de se esperar que as mulheres que viviam na zona de prostituição fossem repudiadas por todos, visto que simbolizavam um desvio de sexualidade dentro das convenções de gênero vigentes. Mas nem sempre as coisas funcionaram dessa maneira. Apesar das representações repulsivas em relação às mesmas, constata-se que as meretrizes faziam parte de uma verdadeira rede de sociabilidades, na qual interpretavam os mais variados papéis.

3.1 Entre sociabilidades: histórias de amor, violência e traição nas ruas do Pilunga

As pessoas que tiveram ligações afetivas com o Pilunga ainda hoje resistem em chamá-lo dessa forma, pela conotação depreciativa que a nomenclatura implica.²⁶⁵ Por outro lado, isto não ocorre com as esposas de antigos frequentadores do lugar. Certos grupos sempre fizeram questão de qualificá-lo como um lugar de

²⁶¹ JESUS, 2005, f. 63.

²⁶² FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**. Réu Mário Vieira de Tal. Fundo 048 – Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais, serie 002, f. 7. 1942.

²⁶³ FONTES, 2008.

²⁶⁴ F.. Relato oral em 20/01/2010.

²⁶⁵ F.. Relato oral em 14/01/2010.

promiscuidade.²⁶⁶

O nome Pilunga é uma derivação da palavra “espelunca”, que significa uma habitação em desordem, um lugar sem asseio, mal frequentado.²⁶⁷ A utilização desse termo aqui não ocorre em concordância com a definição proposta, nem com as opiniões contrárias às formas de comportamento vigentes naquela área, mas como uma tentativa de ressignificação para o termo, explorando, além dos aspectos negativos, a positividade das histórias que se desenvolveram naquele cenário.

A região definida como Pilunga (Figura 5) englobava o complexo entre a rua São Salvador, rua do Calango (hoje rua dos Humildes), rua dos Artistas, e, com destaque, a rua das Laranjeiras, no centro da cidade (Figura 4). Apesar das evidências de que as prostitutas subiam as serras e se estabeleciam em garimpos, como o Itapicurú, o meretrício conquistou um lugar específico no âmbito urbano, e recebia constantes críticas de setores da sociedade. Foi no Pilunga que a maior parte das histórias que aqui serão contadas aconteceu.

O clima predominante no Pilunga era de alegria. Casas particulares, pequenos cafés e grandes prostíbulos, todos funcionavam a pleno vapor, incluindo muita música, dança e bebedeira. As festas nos diversos cabarés animavam a noite jacobinense e reuniam um grande número de homens em busca de diversão e de prazer, após passarem o dia tentando acumular riquezas no garimpo. Contudo, as confusões ocorriam com muita frequência. O cabaré de José Alves, situado à rua das Laranjeiras, foi palco de um desses conflitos na noite de 6 de abril de 1948, tratado adiante.²⁶⁸

A presença de policiais era constante naquela área durante os fins de semana. Almir Ferreira, convocado para servir o Tiro de Guerra no início dos anos 1950, contou que comumente saía com seus colegas de alistamento para fazer rondas no local, e que muitos homens iam beber com más intenções, em busca de pessoas para brigar e ferir.²⁶⁹ A orientação que era dada ao militar, visando garantir a ordem, contribuiu para que seu olhar estivesse focado sempre no mau procedimento das pessoas que costumava chamar de “elementos”.

²⁶⁶ Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa. Relato oral já citado.

²⁶⁷ DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2.0a. Editora Objetiva Ltda, abril de 2007.

²⁶⁸ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**. Réu Raimundo Jerônimo da Silva. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1948.

²⁶⁹ Almir Santos Ferreira. Relato oral já citado.

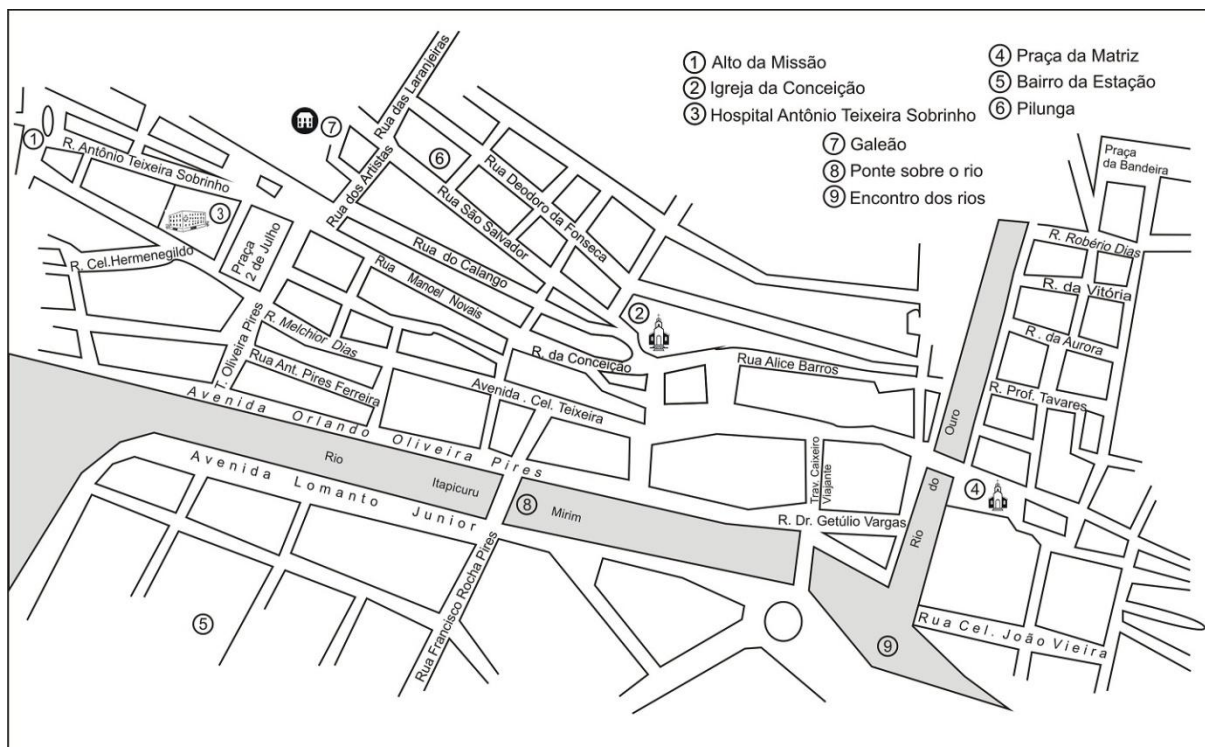


Figura 4. Ilustração do Centro, Jacobina-BA, entre os anos de 1930-1960.

Adaptação de Santos (2001). Arte e Diagramação: Ricardo dos Santos Batista

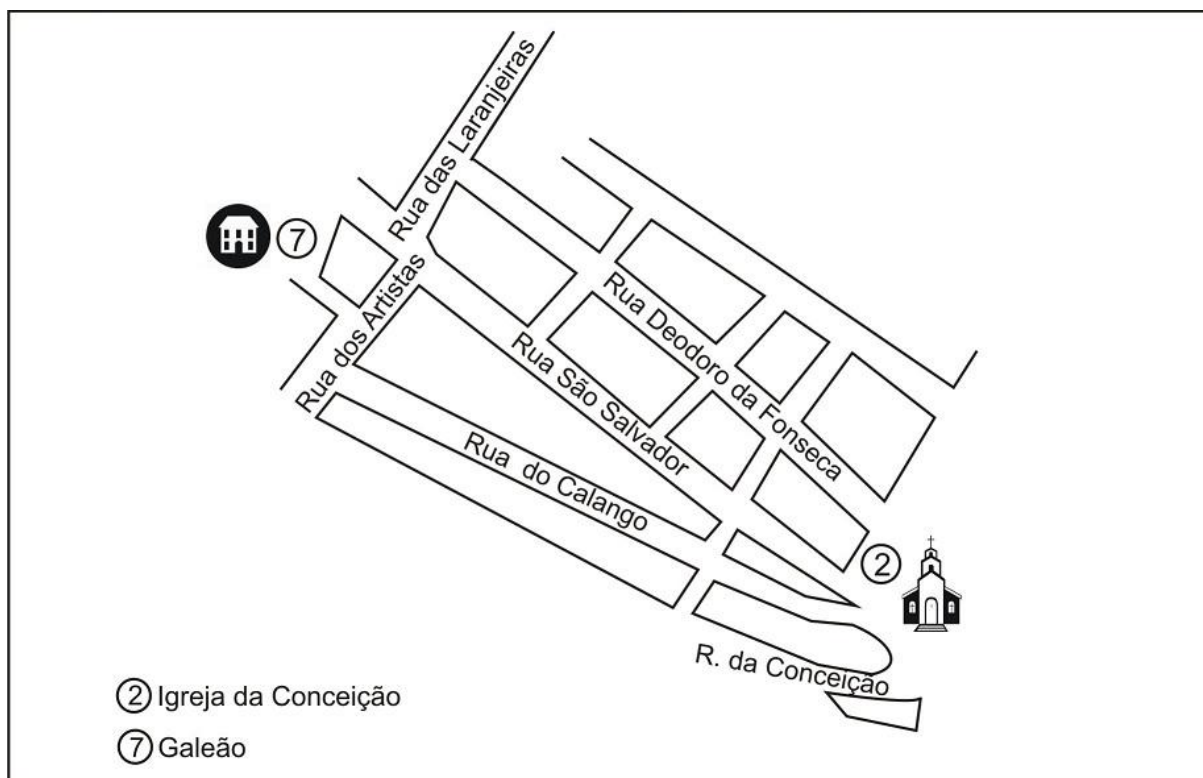


Figura 5. Ilustração do Pilunga, Jacobina-BA, entre os anos de 1930-1960.

A posse de armas funcionava como um símbolo de relevância na representação da masculinidade, que era construída não só por meio do relacionamento com as mulheres, mas também através de conflitos com outros homens. Mas nem todos os frequentadores do Pilunga estavam de acordo com essa conduta. Muitos deles posicionavam-se contra o porte de armas e contribuíam com o trabalho realizado pelos militares. Na tentativa de evitar ferimentos e mortes entre os presentes, estas pessoas denunciavam aqueles que andavam armados:

[Eu] Tirava ronda, fazia uma ronda pra revistar aquele pessoal, muitos chegava e dizia: olha fulano de tal ali, como tem muitos hoje que dá o nome de cagueta né? Hoje nós chamamos nessa época moderna de cagueta. Quer dizer, elemento apontava, olha... opa, olha ali aquele vai danado com uma pistola do lado, um revolver, uma faca grande, ou um facão até... Eu lembro que colocavam o facão dentro da roupa, tu acredita?²⁷⁰

Ainda sobre a ação policial, era comum a existência de relações amigáveis entre donos de prostíbulos e o instrutor do Tiro de Guerra, conhecido pela população como Preto. Ofereciam-lhe um valor em dinheiro e, em troca, o militar designava grupos de policiais para manter a ordem no Pilunga. O proprietário da boate Galo Branco, que Almir acreditava ser o melhor cabaré da rua das Laranjeiras, foi identificado como um dos adeptos dessa prática. Para além do acordo feito com o chefe militar, quando lá chegavam, os recrutas eram recebidos com guaraná, tiragostos de assado de galinha e de carne de porco, e sentiam-se muito à vontade.²⁷¹ Essa relação garantia que a polícia não se voltasse contra os agentes da prostituição e ao mesmo tempo contivesse a ação de baderneiros no local, estabelecendo um clima de tranquilidade.

Foi na presença da polícia que Raimundo Jerônimo praticou o crime de lesão corporal contra Eduardo Eleutério da Silva. Não se sabe ao certo o que o sargento Raul Gomes de Azevedo fazia no local quando tudo aconteceu, mas é provável que também estivesse se divertindo no cabaré de José Alves. Ao perceber o movimento, o militar pediu ajuda a um colega que naquele momento fazia patrulha por ali, e conseguiu conter o conflito. Juntos, eles conduziram o agressor para a delegacia e depuseram como testemunhas.²⁷²

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Idem.

²⁷² FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**, 1948. f. 4.

Na versão fornecida por Raimundo Jerônimo ele disse se encontrar dançando no salão, quando notou que Eduardo Eleutério utilizava-se da força para obrigar uma mulher a acompanhá-lo. Afirmou ter feito queixa ao rapaz, por não acreditar que aquela fosse uma atitude correta. Por esse motivo, recebeu um corte no rosto que atingiu seu olho.²⁷³

Na impossibilidade de exercer um poder ilimitado sobre as meretrizes, alguns amantes e pretendentes apelavam para comportamentos violentos, que eram direcionados tanto a essas mulheres quanto a outros homens que tentavam intervir nos conflitos. Por outro lado, as atitudes dos rapazes que intercediam a seu favor estavam ligadas a uma rede social que privilegiava vínculos de amizade, de solidariedade e de respeito para com os frequentadores e para com as próprias meretrizes. Esses homens respeitavam a decisão de prostitutas, que podiam negar-se a aceitar convites para relações sexuais e, em outros casos, a praticar atos tidos como imorais. Nélia de Santana analisou casos semelhantes na prostituição soteropolitana das primeiras décadas do século XX, e concluiu que havia uma conduta profissional entre as prostitutas, na qual não se permitia práticas libidinosas que estivessem fora do repertório de comportamentos sexuais normalmente aceitos por elas, e que nem sempre a reação dos homens era pacífica quando as mesmas se negavam a aceitar suas propostas.²⁷⁴

O conflito acabou gerando ferimentos em Raimundo Jerônimo, mas também em Eduardo Eleutério que, por ter prestado a queixa contra o outro, foi classificado pelo juiz como réu no processo. O rapaz relatou estar dançando com uma moça no momento em que Raimundo a agarrou pelo braço e questionou se a mesma estava sendo forçada a dançar. Mesmo com uma suposta resposta negativa, Eduardo teria recebido um soco no rosto,²⁷⁵ ou seja, foi agredido, e não praticou a agressão, como havia sido declarado no depoimento anterior.

As divergências entre as versões relatadas pelos dois homens tornaram-se menos acentuadas a partir do depoimento da prostituta que motivou a briga, Isaltina Rego. Ela informou que dançava com Eduardo, apesar de não conhecê-lo. No intuito de manter relações sexuais com a garota, ele a convidou para ir até a sua casa, mas

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ SANTANA, 1996, f. 17, 25.

²⁷⁵ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**, 1948. f. 7.

a mesma respondeu que “não ia com ele, nem ia com homem nenhum”.²⁷⁶ Raimundo observava a cena, resolveu demonstrar a sua indignação naquele momento, e as agressões começaram. A resistência de Isaltina em sair do salão acompanhada por um homem que não desejava indica a autonomia que as profissionais do sexo buscavam manter em relação às suas atitudes e ao domínio sobre os seus corpos.

As declarações de Isaltina causaram desconfiança ao juiz, que questionou se ela mantinha relações sexuais com Raimundo Jerônimo. Esta pergunta pode ter sido elaborada baseada em duas proposições: primeiro, em função da profissão que a moça exercia e que lhe atribuíam má-fama; e segundo, por não apoiar o então réu – Eduardo –, mas o acusado de agressão. Apesar das especulações sobre um possível vínculo entre Isaltina e Raimundo Jerônimo, a moça afirmou que nunca havia se relacionado com ele, e o conhecia apenas do Pilunga, “lugar das mulheres livres de Jacobina”.²⁷⁷

A declaração de Isaltina é valiosa para uma reflexão com respeito à subversão das convenções de gênero e sexualidade. A classificação daquele espaço como “lugar das mulheres livres” revela que, ali, as prostitutas estavam menos submetidas à ação do biopoder, visto que gozavam de um status que lhes possibilitava agir da forma como bem entendessem. É relevante notar que a liberdade, quando relacionada ao comportamento das mulheres, era vista como desabonadora nos espaços em que os padrões normativos imperavam. As imagens de mulheres definidas como “livres” eram associadas à libertinagem e inferioridade, em contraposição ao que se observava na concepção masculina: para os homens, a liberdade significava sempre o pleno exercício da vontade individual, em qualquer lugar onde estivessem. Ser uma mulher livre no Pilunga era afirmar a existência de um empoderamento feminino. Um domínio sobre seus corpos e atitudes e, o mais importante, visto como positivo e natural. Isto implicava uma quebra das convenções que os integrantes de alguns setores sociais contribuíam para cristalizar.

Raimundo era, de fato, uma pessoa conhecida. Por sua presença assídua no local, ele presenciou episódios como o que gerou o processo que será analisado mais abaixo, e no qual depôs como testemunha. Os diversos depoimentos confirmaram a sua boa procedência e a inexistência de participação em outros

²⁷⁶ Idem, f. 16.

²⁷⁷ Idem, f. 43-42.

conflitos que porventura ocorreram no bairro do meretrício. Constitui, assim, um exemplo dos tantos homens que encontravam naquele lugar uma forma de diversão comum para o seu tempo, em uma cidade que possuía alternativas restritas de lazer e entretenimento. A atitude em defesa daquela mulher revela que eles se identificavam enquanto membros de um mesmo círculo social, de uma coletividade. Essa afinidade fez com que o rapaz lhe prestasse auxílio no momento em que precisava. Pela ajuda, ele foi obrigado a desembolsar a quantia de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) como fiança.

O caso ocorrido no dia 1 de janeiro de 1951 revela a complexidade das relações de gênero no que diz respeito à prostituição, e indica que, da mesma forma que as meretrizes podiam recusar o convite para manter relações sexuais com determinados homens, alguns destes também desprezavam os serviços oferecidos por elas. Nem sempre as meretrizes se conformavam com isto, e protagonizavam cenas de escândalo que envolviam discussões, ferimentos e, em casos extremos, mortes, como consta no processo de agressão física movido contra Lídio Lopes de Azevedo.²⁷⁸

Por volta de uma e quinze da madrugada daquele dia, o soldado Adalberto Francisco Santos patrulhava a Rua das Laranjeiras quando foi solicitado pela prostituta Sizaltina Santos para prender Lídio Azevedo, em consequência dos ferimentos que o rapaz havia lhe feito. Seguindo para a casa de número vinte e nove da mesma rua, encontraram Lídio segurando uma faca e o policial lhe deu voz de prisão.²⁷⁹ Segundo Maria Joventina da Conceição, que depôs como testemunha de acusação, Lídio e Sizaltina tornaram-se amantes havia poucos dias.²⁸⁰ Apesar de seu depoimento ter sido utilizado na tentativa de incriminar o réu, Maria Joventina repetiu algumas informações já fornecidas por outros depoentes, e contribuiu para reforçar a boa imagem do rapaz. Ele pouco frequentava o cabaré e não possuía o hábito de se embriagar, ao contrário de Sizaltina, que com frequência bebia exageradamente e costumava fazer escândalos, tornando-se conhecida por este tipo de comportamento.²⁸¹

²⁷⁸ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**. Réu Lídio Lopes de Azevedo. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1951.

²⁷⁹ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**, 1951. f. 4.

²⁸⁰ Idem, f. 35-36.

²⁸¹ Idem, f. 36.

Lídio afirmou que estava dançando na boate Galo Branco e recusou-se a ficar com a mulher. Seguindo para o café da Zefa, atendeu ao pedido de uma moça e deu-lhe uma moeda. Este teria sido o motivo pelo qual a meretriz, que o tinha seguido até aquele local, lhe dirigiu xingamentos diversos, o “agarrou pela goela”, e o empurrou.²⁸² O depoimento de Lídio entrou em contradição quando afirmou não se lembrar ter agredido Sizaltina, devido ao nível alcoólico em que se encontrava. Lembrava-se de tudo com tantos detalhes, mas não conseguia lembrar-se do momento da agressão? Ele objetivava deixar dúvidas se realmente havia machucado a meretriz. Contestou ainda o depoimento de Maria Joventina, afirmando que ela não o viu ferir Sizaltina.²⁸³

A versão oferecida pela prostituta também traz esclarecimentos, apesar de não ter sido corroborada por nenhuma das testemunhas de defesa e de acusação. Em depoimento, a prostituta afirmou que passava pela rua das Laranjeiras quando Lídio lhe deu ordens para que voltasse para casa. Ela teria respondido que procuraria outro amante e, assim, sofreu agressões.²⁸⁴ É possível que a prostituta tenha desenvolvido uma estratégia para não ser responsabilizada, em juízo, pelo conflito. Evitando que lhe julgassem baseando-se em sua condição de prostituta, e em todas as consequências morais que isso lhe acarretava, a mulher pode ter acentuado a imagem de vítima estrategicamente, negando as investidas que fez contra o homem. Afirmou que saiu para procurar o pão para sua filha, que todos naquele lugar a odiavam, e que não havia discutido de maneira alguma com Lídio.²⁸⁵ Independente das diferentes versões sobre o fato, este é um exemplo de como o envolvimento entre homens e prostitutas mobilizava o bairro do meretrício, e ilustra a ação de tantas outras mulheres que se utilizavam de táticas variadas contra as estratégias jurídicas.

O desfecho da agressão a Sizaltina foi diferente dos demais casos analisados. Apesar de a promotoria ter conseguido comprovar a autoria do crime, o juiz duvidou do perigo ao qual a mulher foi exposta. Para ele, o exame de corpo de delito não foi preciso, sem descrições do tamanho e profundidade dos ferimentos. Segundo os autos do processo, “Omite-se o exame quais os vasos sofreram lesão, e daí a hemorragia interna, a artéria subclávia esquerda, por exemplo, se atingida,

²⁸² Idem, f. 26.

²⁸³ Idem, f. 36.

²⁸⁴ Idem, f. 63.

²⁸⁵ Idem, 63-64.

seria fatal para a vida da paciente caso lhe faltasse imediata intervenção cirúrgica”.²⁸⁶ Considerando a desclassificação do crime de lesões graves para lesões de natureza leve, e tendo Lídio já cumprido a pena de 4 meses, ele foi solto.

Do mesmo modo como as prostitutas Isaltina e Sizaltina participaram dos conflitos acima referidos, o processo que resultou na condenação de Mário Vieira a dois anos de prisão também revela como as meretrizes estavam inseridas nas relações sociais, muitas vezes sendo o pivô de tensões. Apesar de, no processo, constarem como vítimas Francisco Pereira dos Santos e Antônio Pereira da Silva, o crime foi gerado a partir de uma discussão entre Mario Vieira e a prostituta Alzira Maria da Silva.

Relata o documento que por volta da meia-noite do dia 11 de agosto de 1942, encontravam-se reunidas várias pessoas na casa de Elizeu Lago quando Mario Vieira entrou, esbofeteou Alzira e feriu Antônio Pereira, que tentou intervir no conflito.²⁸⁷ Perseguido por policiais que patrulhavam o Pilunga, Mario fugiu e escondeu-se numa esquina entre a rua dos Artistas, São Salvador e rua das Laranjeiras. Quando o soldado Francisco Pereira dos Santos apareceu, o réu o feriu no ombro direito. Não conseguiram ver que direção Mario tomou, pois a noite estava escura e chuvosa, o que dificultava a visibilidade. O policial retornou para o quartel do destacamento carregado por seus companheiros de trabalho e apresentou-se ao comandante, comunicando o ocorrido. Patrulhas foram designadas para a captura do criminoso, o que não ocorreu naquela noite.²⁸⁸

Algumas questões da trama merecem destaque. A primeira delas é a investigação dos motivos que geraram a discussão entre Mário e Alzira. Antônio Pereira relatou que Alzira foi agredida a socos e pontapés, e que caiu por cima de um rapaz chamado Alencar. O moço teria bradado: “por cima de mim você não bate em uma mulher”.²⁸⁹ Para Alencar, a condição feminina estava acima dos meios que a meretriz utilizava para ganhar a vida, e assim pouco importava que fosse uma prostituta. Mário não atendeu à represália de Alencar e investiu novamente contra Alzira. Antônio, que entrou na briga em defesa da mulher, foi atingido com um inesperado golpe de faca na parte exterior do antebraço esquerdo, e ainda teve cortado o dedo indicador da mão do mesmo lado. Em suma, os homens presentes

²⁸⁶ Idem, f. 68.

²⁸⁷ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**, 1942. f. 2.

²⁸⁸ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**, 1942.

²⁸⁹ Idem.

no local, a exemplo de Antônio e Alencar, demonstraram-se solidários com Alzira, na tentativa de evitar que ela fosse espancada por Mário. Cabe aqui questionar: estariam em ação as representações moralizantes propagadas pela elite jacobinense e pelo jornal *O Lidador*?

No depoimento do inquérito policial, Alzira declarou estar no corredor quando tudo começou. O documento encontra-se deteriorado, corroído pela ação do tempo, sendo impossível sequer a identificação da numeração das páginas. Portanto, não foi possível ter acesso a todas as informações nele contidas. O estopim para o conflito parece estar relacionado a uma fala de Mário sobre “cabelos lisos”. Teria o rapaz tentado tocar nos cabelos de Alzira? O certo é que, em seguida, ele teria lhe dirigido “xingamentos dos piores nomes que a moral mandava calar”, e lhe dado uma bofetada e um pontapé. Ela pediu socorro ao dono do estabelecimento, que ao chegar à sala não mais encontrou o desordeiro. Num segundo depoimento fornecido por Alzira, houve a inserção de um elemento não verificado na fala anterior. Mário teria se dirigido à mesma e dito: “essa é que é mulher valente”, provavelmente numa referência depreciativa com relação ao seu status de meretriz, que destoava do comportamento elaborado nas construções simbólicas acerca das mulheres jacobinenses. São versões diferentes em certa proporção, mas narradas pela mesma pessoa. Há evidências de que a provocação inicial partiu do acusado. A fama de baderneiro que ele possuía foi repetida nos diversos depoimentos. Raimundo Jerônimo, que era seu chefe no ofício de sapateiro e, como aqui já foi dito, transitava pelo Pilunga com frequência, informou que Mário gostava de tomar cachaça a ponto de se embriagar e, quando nesse estado, cometia “desatinos”.²⁹⁰

Enfim, apesar de Alzira não ocupar o lugar de personagem principal no processo, ela foi a agente primordial para o desencadeamento dos fatos que o geraram. As mulheres declaradas prostitutas estiveram sempre relacionadas à ameaça da ordem da cidade. Elas foram protagonistas em alguns “barulhos” e vítimas em outros.²⁹¹ O jornal *O Lidador* noticiou que, em 18 de outubro de 1934, a prostituta Josepha Maria de Jesus foi presa na delegacia de Jacobina por ter ferido João José de Carvalho com uma arma de fogo. E, na noite de 18 de janeiro de 1935, duas “mundanas” que se esbofeteavam foram levadas à delegacia, com roupas em

²⁹⁰ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**, 1942.

²⁹¹ JESUS, 2005, f. 68.

frangalhos e narizes quebrados de tão séria que foi a discussão.²⁹²

Noutro processo, a meretriz Delmira Emydia da Silva relatou que, na madrugada do dia 25 de dezembro de 1932, estava em sua residência, à rua da Lama, onde morava com a também prostituta Josepha Rodrigues de Jesus. A casa estava aberta em ocasião especial, por ser noite de natal e os homens buscarem um local para comemorar. De repente, Sebastião Modesto e Júlio Gambôa entraram indo direto à sala de jantar. Delmira os acompanhou para observar o que eles desejavam. Sebastião foi à cozinha e voltou de lá com um pau de lenha grosso de madeira denominada cassutinga. Seguiu até o quarto onde Josepha dormia com um rapaz chamado Norberto, arrombou a porta e deu três pauladas. Delmira descreveu a agressão da seguinte maneira: “a primeira [paulada] foi forte e aparentemente criminosa, e as outras duas foram de som fofo”.²⁹³ Enquanto isso Júlio Gambôa caminhou até a cozinha, muniu-se também com um pedaço de lenha, voltou para a sala e bloqueou a passagem da porta, no intuito de que ninguém pedisse socorro. Após o crime, Sebastião saiu correndo de dentro do quarto, e o seu comparsa o seguiu. Norberto ficara caído no chão com a cabeça numa poça de sangue, e Josepha ficou machucada, contorcendo-se de dor em cima da cama. Depois de alguns poucos minutos o rapaz faleceu. O seu atestado de óbito, que registrava a idade de 20 anos na data do falecimento, acusava “fratura no crânio a cacete” como *causa mortis*.²⁹⁴ Destaca-se a presença constante de jovens nos conflitos do Pilunga. Isso indica que muito cedo rapazes e moças transitavam pelo mundo da prostituição, fosse no status de frequentadores ou de prostitutas.

Quando questionados no inquérito sobre o motivo pelo qual Delmira não pediu ajuda para evitar o acontecido, os depoentes responderam de forma bastante semelhante. Em determinados momentos fica a impressão de que a resposta foi combinada ou até mesmo ensaiada por todos. Sabe-se que as falas dos processos criminais passam por diversos filtros, a exemplo da forma de escrita daquele que registra o relato. Contudo, é visível o cuidado utilizado para justificar que a prostituta não pediu socorro devido à presença de Júlio Gambôa, que a intimidou com o bloqueio da porta da rua. Esta versão foi repetida mesmo pelos depoentes que

²⁹² **O Lidador**, nº 71 de 18 de Janeiro de 1935. (*Três homicídios e dois casos de ferimento grave*) p. 4. e **O Lidador**, nº 71 de 18 de Janeiro de 1935. (*Mulheres de maus bofes*) p. 1.

²⁹³ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Homicídio**. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Réus Sebastião Modesto e Júlio Gambôa. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Sem classificação, 1932, f. 5.

²⁹⁴ ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Atestados de óbito**. 1930 a 1939.

chegaram ao local depois do crime.²⁹⁵ Traços da existência de uma rede de sociabilidades emergiam das falas das pessoas, que tinham pela mulher se não amizade, um apreço, visto que no dia a dia mantinham uma convivência social comum. Delmira era mal vista por alguns devido ao seu status de prostituta. Essa condição, associada ao ato de violência que ocorreu dentro de sua casa, poderia contribuir para que ela fosse incriminada como cúmplice da morte de um homem inocente. Mas aparentemente havia uma tendência entre os depoentes a evitar o seu enquadramento como conivente com tal crime. Esta responsabilidade, por outro lado, foi completamente atribuída a Júlio Gambôa.

Para compreender como os acontecimentos chegaram a tal estágio, é interessante estar atento para os motivos que levaram Sebastião a cometer o crime. No depoimento de Josepha, ela afirmou que era sua “amásia”, mas que havia uns vinte dias o rapaz havia lhe mandado cuidar de sua vida, pois não tinha mais condições de lhe sustentar. Ela foi acolhida na casa de Delmira, e naquela noite acordou sob pancadas, depois de ter deitado e dormido com Norberto, ambos dominados pelo álcool.²⁹⁶

Emerge claramente, da documentação, a presença de ações solidárias entre essas mulheres, que se uniam por compartilharem experiências semelhantes. Ajudavam-se mutuamente, assim como Delmira fez com Josepha quando esta ficou desprovida do seu sustento. Havia ainda uma relação semelhante entre as prostitutas e a população menos favorecida, exemplificada pelo caso da louca Maria Fubá. A mulher deu a luz em frente a uma escola e foi recolhida com seu recém-nascido por uma “rapariga”.²⁹⁷

Retornando ao processo contra Sebastião Modesto, a versão que este forneceu para os fatos divergia do depoimento de Josepha. Um dos tantos pontos de divergência diz respeito ao tempo em que estavam separados. Ele disse que naquela noite participava de um brinquedo localizado em frente à residência de Delmira,²⁹⁸ e ordenou à sua amante que procurasse um meio de sobrevivência, porque não podia mais lhe sustentar. Momentos depois deu por falta da mulher, e

²⁹⁵ FÓRUM JORGE CALMON, **Processo de Homicídio**, 1932, f. 14-17.

²⁹⁶ Idem, f. 4-5.

²⁹⁷ **O Lidador**, nº 77 de 03 de Março de 1935. (*A louca Maria fubá teve creança*) p. 1.

²⁹⁸ Entenda-se brinquedo aqui como uma festa. Levando em consideração que o bairro era repleto de casas de prostituição, o local onde o brinquedo ocorria também podia ser um prostíbulo.

dirigiu-se para a casa de Delmira, onde tudo aconteceu.²⁹⁹

Seriam vinte dias ou apenas algumas horas que separavam o fim do relacionamento de Josepha e Sebastião? Estariam eles num processo de separação ou teria sido apenas uma briga entre tantas outras que ocorriam nas turbulentas relações que envolviam as meretrizes no Pilunga? Se ele tinha recomendado que ela procurasse meios de sobrevivência havia apenas algumas horas, como é que o mesmo já sabia que ela tinha ido se abrigar na casa de Delmira? A versão que datava o desentendimento de vinte dias favorecia a prostituta, pois este era um tempo suficiente para que ela se relacionasse com outra pessoa, sem conservar qualquer responsabilidade sobre uma história que já havia chegado ao fim. Por outro lado, a versão de Sebastião explicaria o porquê de ter entrado repentinamente, enfurecido, à procura da sua ex-amante. Também não se deve descartar a hipótese de que se havia terminado com Josepha há alguns dias, Sebastião poderia estar ainda sofrendo por amor, e movido pelo álcool partiu desesperadamente para a casa de Delmira, por não suportar a ideia de ver a sua amada junto a outro homem. Por seus atos, Sebastião foi condenado a 30 anos de prisão, cumprida na Penitenciária do Estado. E com a divisão de opinião entre os integrantes do Júri sobre a cumplicidade de Júlio, o juiz posicionou-se pró-réu, absorvendo-o das acusações.

Esse crime indica que o ciúme era um sentimento constante no mundo do meretrício jacobinense. As paixões não correspondidas e os desentendimentos entre amantes os levavam a cometer verdadeiras loucuras. Isto porque o amor que era sentido por aquele com quem se relacionava conferia direito à dominação, e o ciúme parecia ser um componente pelo qual se tornava pública a afetividade.³⁰⁰ Muitas agressões geradas pelo ciúme foram registradas em processos no Fórum Jorge Calmon, e agora são revisitadas para que se compreenda um pouco mais como se davam as relações sociais que envolviam as vidas das prostitutas de Jacobina.

Elvira Rosa de Jesus contou em depoimento que, ao final da tarde de 18 de março de 1944, retornava da feira livre na companhia de Anicito e Francisco e os convidou para entrar em sua residência, para comer um pouco de mel. Anicito estava na cozinha, e os demais na sala, quando entrou um rapaz de nome João. Depois de “prosear” um pouco, o moço colocou a mão no ombro da mulher e

²⁹⁹ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Homicídio**, 1932. f. 8.

³⁰⁰ Ver, a este respeito, também SANTANA, 1996, f. 13.

perguntou se ela “arranjava para aquela noite”.³⁰¹ Ofendido com a atitude de João, Francisco exigiu respeito do rapaz, e a partir daí uma briga se desencadeou. Todos foram intimados a depor no dia seguinte. Questionado sobre sua relação com a dona da casa, Francisco declarou que estavam separados há alguns meses, apesar de ainda pagar o aluguel da sua “ex-amásia”.³⁰² Esse depoimento pode ser questionado, porque era prática comum entre os homens jacobinenses sustentar as meretrizes com as quais mantinham relações no momento. Eles pagavam gastos como aluguel, alimentação e vestuário.³⁰³ Se, no processo destacado acima,³⁰⁴ o fim do relacionamento entre Josepha e Sebastião teria sido o corte do dinheiro, por que Francisco continuava a pagar o aluguel de Elvira mesmo estando separados?

Segundo o relato de João, Francisco passou a ter “relações libidinosas” com Elvira em protesto porque a sua própria esposa estava difamada na cidade. Essa situação causou um escândalo na vizinhança, e, para fugir das críticas que lhe eram feitas, Elvira foi morar no bairro da Caixa d’água, região localizada no alto da serra, acima do Pilunga. O amante foi junto, permaneceu com ela um tempo, e logo retornou para sua família, mas não deixou de pagar o aluguel da moça.³⁰⁵ Há dúvidas quanto a se realmente Elvira e Francisco não conservavam mais nenhuma relação afetiva. O certo é que o ciúme que ele sentia pela prostituta também funcionou, ao que se observa, como motivo para agressões mútuas.

Ainda relacionado à discussão acerca de ciúmes e relações amorosas, destaca-se um curioso caso que envolveu dois processos sobre as mesmas pessoas, no ano de 1930: o Capitão Antônio Teixeira Soares e sua esposa Maria Arlinda de Mesquita Teixeira. Ambos com mais de cinquenta anos, e gozando de uma ótima condição financeira devido aos numerosos bens que possuíam, afirmaram, nos autos do processo de desquite, em 19 de setembro, que não podiam mais viver juntos, por incompatibilidade de gênios.³⁰⁶ É estranho o fato de duas pessoas que já possuíam certa idade, e que viveram tantos anos juntos, decidirem se separar sob esta alegação. Este não parecia ser um motivo muito convincente,

³⁰¹ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**. Réu Francisco Pereira de Oliveira e João Pereira de Oliveira. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Sem classificação, 1944, f. 12.

³⁰² Idem, f. 6.

³⁰³ Terezinha Mascarenhas de Souza Lapa. Relato oral em 13/01/2010.

³⁰⁴ FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Homicídio**, 1932.

³⁰⁵ FÓRUM JORGE CALMON, **Processo de Agressão Física**, 1944, f. 9.

³⁰⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Ação de Desquite**. Interessados: Maria Arlinda Mesquita Teixeira e Antônio Teixeira Soares. Estante 41, Caixa 1453, Documento 11, 1930. f. 8-9.

principalmente porque os valores do casamento visavam à preservação da relação matrimonial nas mais adversas situações. Contudo, um documento datado de pouco mais de um mês antes revelou que o passo inicial foi dado pela senhora Maria Arlinda, que instituiu o advogado Nelson de Assis para mover uma ação judicial de desquite contra o seu marido. Ela alegava que era maltratada, que ele ameaçou várias vezes acabar com sua vida, que foi obrigada a retirar-se de casa devido ao constante estado de embriaguez em que o mesmo vivia, e, além disso, aproveitando-se da sua ausência, o homem teria levado para dentro de casa uma mulher de vida livre.³⁰⁷ O qualificativo “livre” remete aqui, mais uma vez, à possibilidade de driblar as convenções de gênero instituídas. Por se envolver com uma dessas mulheres, o Capitão Antônio Teixeira Soares encontrou problemas posteriores.

Maria Arlinda era uma senhora letrada, ou no mínimo dominava bem as normas da escrita, assim como muitas mulheres da elite jacobinense. Redigiu à mão e com propriedade a procuração que nomeava o advogado como seu representante legal, e demonstrava firmeza na ciência sobre os seus direitos com o término do matrimônio. Todas as acusações feitas por ela estiveram em discussão nas inquirições que o juiz realizou aos depoentes.

Aos poucos a notícia do acontecimento ganhava grandes proporções, repercutindo pela vizinhança, e daí por toda a cidade. Algumas das testemunhas relataram que a notícia do ocorrido havia chegado a seus ouvidos por meio de outros. Uma delas confessou ter ouvido de um lavrador, que morava próximo ao réu, que o Capitão Antônio Teixeira havia levado a prostituta Alcira de Tal para dentro de casa, e outra afirmou que também ouviu na rua que o homem levou para casa uma rapariga, e que esta permaneceu lá por apenas uma noite, na ausência de sua esposa.³⁰⁸ Com exceção das testemunhas de defesa, que negavam a presença da meretriz na casa de Antônio Teixeira, todos os depoentes responderam sobre a prostituta Alcira, inclusive sobre o tempo que a mesma teria permanecido na companhia do homem. A mulher ocupou um vasto espaço no processo de desquite, o que revela a ênfase atribuída ao fato de Antônio levar uma meretriz para dentro de casa, mesmo que não mantivesse relações há algum tempo com sua esposa. A

³⁰⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Ação Ordinária de Desquite**, Interessados: Maria Arlinda Mesquita Teixeira e Antônio Teixeira Soares. Estante 5, Caixa 17, Documento 14, 1930. f. 3.

³⁰⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Ação Ordinária de Desquite**, 1930. f. 11.

mesma permaneceu dois meses refugiada na Fazenda Olhos d'Água, devido à ameaça que lhe havia sido feita.³⁰⁹

Era consenso que as prostitutas funcionavam como o elemento-chave na desarticulação das famílias. Essas mulheres transitavam em meio a processos de separação, mas nem sempre eram o motivo pelo qual o relacionamento chegava ao fim. Em muitos casos funcionavam como um escudo, usadas para camuflar processos muito mais complexos de relações conjugais, nos quais o álcool, a violência, e até mesmo a falta de sentimento contribuía para que a mulher exigisse a separação.

Estranhamente, em 4 de setembro de 1930, o advogado de Maria Arlinda encerrou a ação contra Antônio Teixeira, e quinze dias depois foi gerado de forma amigável o processo de separação que aqui já foi citado.³¹⁰ Os fatos convergem para a crença de que talvez a relação entre o Capitão Antônio e Alcira tivesse sido verídica. Mesmo com os testemunhos que negavam o encontro entre o homem e a prostituta, parecia difícil convencer o juiz de que ele era inocente. Simbolicamente, era como se o réu tivesse violado o lar, o espaço sagrado da família, tão importante para a sociedade. É provável que, se a mesma traição houvesse ocorrido na zona de prostituição, não causaria tão grande repercussão.

As partes fizeram um acordo, já que o desquite passaria a ocorrer de forma amigável e os bens que o casal possuía seriam repartidos igualmente. Não é provável que um homem com o status do Capitão Antônio Teixeira permitisse que sua esposa ficasse com exatamente metade do patrimônio que também lhe pertencia, a não ser que, de fato, ele corresse o risco de arcar com maiores prejuízos, fossem materiais ou morais. O casal mantinha um número considerável de posses. Os bens a serem partilhados com a separação eram as fazendas Tamanco, Capoeirão, Boa Vista e Caldeirão, todas em Miguel Calmon; os sítios Curral Velho, Genipapo, Sebastião e Macahubas em Jacobina; metade de um sobrado na praça da Matriz; duas casas na Avenida Ruy Barbosa, uma na rua Sacramento, duas na rua do Barro, uma outra na rua dos Ourives, três casas na rua Dez Irmãs e duas na praça velha; um terreno unido à fazenda Boa Vista; algumas éguas, carros de bois; trinta ações na companhia Força de Luz de Jacobina, cada uma no valor de 3

³⁰⁹ Idem, f. 16.

³¹⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Ação de Desquite**, 1930. f. 8-9.

contos, dentre outros³¹¹.

A audiência para ratificar o pedido de desquite foi marcada para 3 de outubro, quando, sem maiores explicações, Maria Arlinda desistiu da separação, sob alegação de que lhe foram ocultados bens na partilha.³¹² Doze anos depois, em agosto de 1942, *O Lídador* noticiava que Maria Arlinda, qualificada como casada com o Capitão Antônio Teixeira, herdava de Maria Guilhermina da Rocha Mesquita uma casa na praça da Matriz.³¹³ Ou seja, permaneciam como marido e mulher muito tempo após a tentativa de separação.

O processo acima mencionado revela as tensões que as prostitutas podiam provocar nas famílias, e o poder que suas representações exerciam em momentos críticos como as decisões judiciais. A figura da meretriz era utilizada inclusive por mulheres pobres como último meio para conseguir a separação. Abandonada por seu marido Teodomiro, Leonor Maria de Oliveira acusou-o de viver na propriedade deles com a prostituta Erotildes de Tal. Leonor passava por tantas dificuldades financeiras que não tinha dinheiro sequer para pagar as despesas do processo de desquite. Fazendo alegações em torno da imagem da prostituta que teria lhe roubado o lugar no lar, e do sofrimento pelo qual passava, pediu a separação.³¹⁴ Possivelmente a mulher não desfrutou das mesmas oportunidades oferecidas a Maria Arlinda. A condição social era um fator que também influenciava nos resultados das ações sociais e jurídicas, e a sua situação menos favorecida não contribuía para o êxito na causa.

Todos esses casos indicam que as prostitutas viviam histórias de amor e ódio, de crimes e de paixão. Em determinados momentos agiam sob influência de ideias românticas e chegavam até a tomar atitudes drásticas. Ao elogiar uma suposta relação de “superioridade” que as prostitutas estabeleciam com os homens, pela capacidade que possuíam de não se apaixonar, Oleone Fontes destaca as exceções nas quais mulheres, impulsionadas pelo sentimentalismo, tentaram suicídio, abandonadas pelos gigolôs.³¹⁵ Em outros momentos ameaçavam a vida de seus companheiros, como ocorreu em novembro de 1938. Francisca, descrita como

³¹¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Ação de Desquite**, 1930. f. 3-4.

³¹² Idem, f. 12, 14.

³¹³ *O Lídador*, nº 403 de 23 de Agosto de 1942. (*Pelo Fôro*) p. 4.

³¹⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Processo de desquite de Leonor Maria de Oliveira e Teodomiro Rodrigues dos Santos**. Estante 37, caixa 1324, documento 07, 1953. f. 12, 14.

³¹⁵ FONTES, 2008, p. 82.

mulher de “maus bofes” e já com idade de cinquenta anos, cometeu um crime contra seu amante João Paulo, que tinha pouco mais de vinte anos. Ela sonhava contrair matrimônio com o rapaz, mas como o moço estava enamorado por uma garota mais jovem, Francisca jogou-lhe água quente enquanto ele dormia. E tudo isso fez movida pelo ciúme.³¹⁶

Essas mulheres pouco se importavam com as medidas repressivas impostas pela polícia e pela Legislação Municipal, e com as constantes queixas publicadas no jornal. O crescimento da cidade e do garimpo, na medida em que dinamizou as suas vidas, multiplicou o número de profissionais da área e contribuiu na produção de experiências múltiplas como as aqui contadas. Mas não se pode afirmar, a partir desta constatação, que as representações moralizantes não existiram porque não conseguiram alcançar a todas as classes sociais. O próprio desejo de que as medidas fossem implementadas, através das notícias de *O Lيدador*, já lhe confere um estatuto de verdade dentro da sociedade. Refletir sobre a prostituição em Jacobina é pensar em esferas distintas de influência, é refletir sobre uma série de representações que se pretendiam universais, que buscavam alcançar a todos os membros da sociedade, mas que penetravam de uma forma complexa no convívio social, principalmente no que diz respeito às questões de gênero.

3.2 A construção dos caminhos: proxenetismo, fluxo de mulheres para Jacobina e o surgimento do Galeão

F. nasceu em Teresina, no estado do Piauí, e ainda adolescente contraiu matrimônio. Como tantas outras meninas pobres da sua região, talvez tenha criado expectativas em torno de uma relação que poderia funcionar como garantia de um futuro mais estável. Entretanto, os conflitos gerados a partir desse casamento fizeram com que a moça procurasse um novo caminho para seguir. Em seu relato, ela afirmou:

Eu tinha 16 anos, com 16 anos, aí o meu marido gostava muito de me bater, aí eu fugi dele, junto com uma amiga, viemos pro Ceará. No Ceará esse Fecha-beco pintou lá, aí disse: vocês não querem ir pra Bahia não? A

³¹⁶ *O Lيدador*, nº 262 de 27 de Novembro de 1938. (*Pelou o amante com água quente*) p. 1.

Bahia é boa, não sei o que lá, (...) a gente novinha né?³¹⁷

O nome “Fecha-beco” faz uma alusão à vida de boêmio que o rapaz levava. Tinha um jeito popular, malandro, diziam que ele fechava o beco porque muitas vezes era o último a ir embora das festas. F. esperava encontrar melhores condições de vida, quem sabe um novo marido, alguém que tivesse uma boa situação financeira e quisesse compartilhar a vida consigo. Em nenhum momento o seu discurso esteve marcado pela vitimização. Não fez menção a seus pais, familiares ou infância. A história que tinha para contar começava ali, naquela viagem. Seu espírito aventureiro é o que lhe levaria a Jacobina. A figura e a conversa sedutoras de Fecha-beco foram decisivas para que ela e sua amiga se lançassem rumo ao novo destino:

[Ele dizia] Que aqui corria muito dinheiro, que às vezes achava uma boa companhia, algum companheiro que tinha dinheiro, podia até se casar outra vez, sabe como é? Conversa de... de malandrão, malandrão, ele. O nego só andava no branco, de sapato branco, dançarino. Todo mundo conhece ele aqui em Jacobina.³¹⁸

Fecha-beco trabalhou como garçom no prostíbulo mais famoso da história da cidade, o Galeão. Ao seu lado, F. seguiu o mesmo caminho que tantas outras mulheres do nordeste: trilhava rumo às serras de onde brotava o ouro. É possível que, para além do garçom, muitos outros aliciadores de mulheres se empenhassem em levá-las para Jacobina e, para isto, utilizavam-se das mais diversas formas de atração disponíveis, quais fossem o charme pessoal, a camaradagem, a amizade e/ou as promessas de uma vida melhor. Todos esses agentes infligiam o artigo 231 do Código Penal de 1940. No Capítulo V, intitulado *Do lenocínio e do tráfico de pessoa para fim de prostituição ou outra forma de exploração sexual*, o artigo 231-A classificava como crime: “Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para o exercício da prostituição ou outra forma de exploração sexual: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos”,³¹⁹ e a sentença era aumentada em 50 por cento se, dentre outras coisas, a vítima fosse menor de 18 anos, o agente fosse o padrasto, mãe, irmão, cônjuge, tutor ou empregador da vítima, e se houvesse violência. Apesar de todo esse cuidado, no intuito de evitar a prostituição,

³¹⁷ F.. Relato oral em 14/01/2010.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ BRASIL. **Código Penal de 1940.**

não há registros de ação policial contra os traficantes de mulheres nos jornais de Jacobina, nem nos processos crimes do Fórum Jorge Calmon.

Os caminhos da prostituição na Bahia extrapolavam o destino da cidade de Salvador. Revelavam um roteiro que incluía municípios como Feira de Santana, Senhor do Bonfim, Juazeiro e Jacobina. Outras cidades, como Carnaíba, também renderam muitos lucros a partir do comércio mineral durante o século XX, e conseqüentemente também atraíram meretrizes. Nesse ir e vir, as profissionais do sexo encontravam-se diversas vezes, e estabeleciam laços de amizade. Com a idade de vinte anos Ana chegou ao garimpo de Carnaíba e casou-se com um proprietário de boate.³²⁰ Anos depois, na década de 1980, foi para Jacobina e, para sua alegria, reencontrou F., que havia conhecido em Feira de Santana.

Muitas reflexões já foram desenvolvidas sobre o tráfico de mulheres, e em especial o tráfico internacional para as grandes cidades do Brasil.³²¹ Pela proximidade espaço-território-cultural, destaca-se aqui o panorama traçado por Santana. Ela enfocou a ação policial na contenção da prática do proxenetismo, principalmente entre cáftens que foram expulsos do Rio de Janeiro e São Paulo e, residindo em Salvador, continuavam a trazer meretrizes do exterior.³²² Após a chegada nas capitais, algumas dessas mulheres decidiam viajar pelo sertão e trabalhavam por meses nos bordéis do interior.

Questionada sobre os meios que as prostitutas utilizavam para chegar a Jacobina, F. indicou a existência de algumas mulheres que cooptavam prostitutas estrangeiras, mas citou uma em específico que hoje mora em Salvador:

Elas iam pra Salvador [as prostitutas estrangeiras], aí tinha umas meninas que moravam aqui. Inclusive essa mulhé que eu tô fazendo a casa dela a uns anos, que era uma garota independente, ela vinha pra cá pra Jacobina e lá, ela encontrava essas meninas [estrangeiras] em Salvador e vinha mais elas.³²³

³²⁰ F.. Relato oral em 20/10/2010. Nas entrevistas realizadas com F., incluindo-se aí a conversa gravada entre F. e Ana, os prostíbulos eram chamados sempre de boates, nunca de cabarés. Essa é uma forma de tentar mostrar que aqueles não eram lugares onde havia *promiscuidade* que normalmente lhes é atribuída. A todo o momento essas mulheres defenderam que as boates eram espaços sociais iguais a qualquer outro em termos de valores como respeito.

³²¹ Para mais informações cf. RAGO, 2008; SANTANA, 1996; SCHETTINI, 2006; SOARES, Luis Carlos. **Rameiras, ilhoas, polacas**: a prostituição no Rio de Janeiro no século XIX. São Paulo: Editora Ática, 1992.

³²² SANTANA, 1996, f. 41.

³²³ F.. Relato oral em 20/10/2010.

Casada atualmente com um senhor idoso e doente, essa mulher, com quem F. mantinha uma amizade desde o início dos anos 1950, manda todos os meses uma quantia para que a interlocutora construa uma casa, que lhe servirá de moradia quando retornar de Salvador. A classificação como “garota independente” pode ter sido utilizada com o objetivo de justificar as atitudes liberais dessa mulher frente às normas sociais, visto que fazer convites a prostitutas estrangeiras para trabalhar na cidade não era uma atitude esperada para uma mulher dita decente.

Muitas das prostitutas que chegavam ao Brasil nesse período não vinham na condição de “escravas”, iludidas por cafetões que lhes faziam falsas promessas. Algumas delas já trabalhavam no comércio do sexo em outros países.³²⁴ É possível que as prostitutas que trabalhavam no Galeão tivessem origens nacionais diversas. Em relato oral, F. observa que as meretrizes de Salvador vinham de muitos lugares, e de lá é que seguiam para o interior:

Vinham de Fortaleza, vinham do Crato-Ceará, vinha de Juazeiro da Bahia, Salvador, de lugar de mulher de língua diferente que eu nem sei, não me lembro nem sei chamar o nome desse povo. Fala diferente, não é todo mundo que entendia como era a fala delas. (...) Umas mulheres branca, bonita. Bonita de perna e tudo. A gente via que era de outro lugar, não era daqui do Brasil não.³²⁵

Uma figura fundamental no proxenetismo de Jacobina foi, sem dúvida, Petrônio Facchinetti Carvalhal. Conhecido popularmente como Facchinetti, ele nasceu em Santo Antônio de Jesus - BA. Trabalhou como ajudante de pedreiro, vendeu quebra-queixo em cidades sertanejas e administrou uma propriedade agrícola em Uauá.³²⁶ Foi caixeiro-viajante, mas cansou das constantes viagens pela Leste Brasileiro. Em Jacobina, lidou com uma banca de jogo do bicho, foi proprietário de uma casa de materiais de construção, vendeu consórcios de automóveis e possuiu ainda uma rinha de galos, até que resolveu entrar no mundo dos cáptens.³²⁷ Comprou um terreno em que já ocorriam brigas de galos, e ali imaginou o ponto ideal para erguer um novo comércio, que transformaria a concepção de prostituição na cidade. Do mesmo modo como Fecha-beco e outros aliciadores, Facchinetti também desrespeitava a legislação relacionada ao meretrício

³²⁴ SANTANA, 1996, f. 41.

³²⁵ F.. Relato oral em 14/01/2010.

³²⁶ FONTES, 2008, p. 24, 25.

³²⁷ Idem, p. 45.

que, nos artigos 229 e 230 do Código Penal, proibia casas de prostituição e o rufianismo.³²⁸

Em *Confissões de um proxeneta*, Fontes assim descreveu as impressões que o cafetão tinha sobre a zona de prostituição jacobinense:

O Pilunga era uma espelunca, seus umbrais indignos de serem cruzados por um gentil cavalheiro. O sanfoneiro Muritiba, com seu instrumento de cento e vinte baixos animava o ambiente. Putas, meia dúzia, anciãs, as caras de sempre, fantasmas do que foram quando jovens. Outro dos que dedilhavam o fole era o bonfinense Elisiário. E o Pilunga não passava disso.³²⁹

Considerando o meretrício do Pilunga como decadente e sem um padrão de qualidade, o cafetão então investiu no agenciamento de novas mulheres. Queria prostitutas que demonstrassem um diferencial em relação às que já sobreviviam dessa atividade no bairro. Era preciso trazer meretrizes que exalassessem o espírito da modernidade, que desenvolvessem uma prostituição de luxo e de glamour naquela cidade. Ele abrigou no Galeão belas moças do nordeste e do estrangeiro. Para atrair mulheres, utilizou-se da amizade com cafetões de outros estados, da facilidade com que transitava por cidades em que o comércio do sexo era rentável, e da sua condição de cliente preferencial das maiores casas de prostituição da Zona Sul do Rio de Janeiro. A compra daquele terreno seria o passo inicial para a criação de uma casa de diversão composta por serviços de restaurante, bar, rinhas de galos e prostíbulo. Nas décadas de 1970 e 1980, receberia grandes nomes da música brasileira como Waldick Soriano e Agnaldo Timóteo.

Facchinetti não reproduzia as imagens recorrentes de cáftens que exploravam a miséria das moças e as forçava a trabalhar. F. o descreveu de forma saudosista, como uma pessoa “muito boa e delicada”. Ela lhe atribuía confiança, e o escolheu para guardar o dinheiro que havia demorado bastante tempo para juntar, no intuito de comprar uma casa. A residência que adquiriu ficava ao lado do Galeão, onde a mulher passou a vender bebidas e construiu quartos que “alugava a homem, alugava a puta, o diabo todo. Tinha nada a ver”.³³⁰ O cafetão gozava de simpatia, tanto por parte das meretrizes, quanto da população em geral. Era apadrinhado por Francisco Rocha Pires e, desta forma, todas as transações comerciais que realizava

³²⁸ BRASIL. **Código Penal de 1940**.

³²⁹ FONTES, 2008, p. 72.

³³⁰ F.. Relato oral em 20/01/2010.

deviam passar pelo consentimento do deputado. Certa vez deu crédito a um indivíduo sem a aprovação do seu protetor e quase foi à falência.³³¹

As brigas de galo que promovia no seu estabelecimento comercial eram palco para um público que às vezes extrapolava duzentas pessoas.³³² Essa gente vinha de outros municípios, ou mesmo de distritos de Jacobina, e lançava naquela arena seus galos treinados especificamente para as disputas. Muito dinheiro era despejado nas mãos do cafetão, que aproveitava para fazer com que, em meio à competição, as mulheres circulassem a procura de novos amantes, e os presentes consumissem bebida e comida no lugar:

Você nunca viu não? Rinha de galo? Não viu na televisão passar que os bichinhos brigam até morrer? Era, lá dentro, pra você ver que o campo lá era grande. O Galeão era enorme. E tinha essa, só o campo de botar o galo pra brigar era do tamanho dessa casa minha. Toda! Aquele todo rodeado bem feito. Assim, aquelas bancas, como se fosse assim um circo, as bancas pro povo sentar, aí ficava o povo apostando dinheiro naqueles bicho. Qual que ia ganhar, qual que ia perder, e tinha gente que perdia muito dinheiro, e tinha gente que vinha de fora com seus galos pra botar pra brigar aqui em Jacobina, com os galos daqui. Tinha muitos que ganhavam, tinha outros que perdiam. E por lá mesmo faziam o churrasco, lá mesmo, e por lá mesmo comia.³³³

As rinhas de galo não eram alvo de repressão policial. Em abril de 1936, o colunista de *O Lيدador*, Paulo Bento, fazia uma crítica aos “meninos e rapazolas desocupados” que, com aquela brincadeira, desrespeitavam a Lei de proteção aos animais.³³⁴ Contudo, a prática parecia não ser abalada, principalmente com a força adquirida anos depois, quando da chegada de Facchinetti. Aquele se constituía como um espaço de poder masculino: “aos domingos reunia galistas das redondezas com seus gladiadores debaixo do braço, esporões afiados, sedentos de esfolar e matar. As apostas se acumulavam, a cerveja, a cachaça, o conhaque predominavam”.³³⁵ A falta de um controle estatal, mesmo com uma lei a favor dos animais, revelava, nessa prática, a impressão das marcas da masculinidade viril, por oposição aos atributos esperados convencionalmente do universo feminino.

³³¹ FONTES, 2008, p. 76.

³³² idem, p. 73.

³³³ F.. Relato oral em 14/01/2010.

³³⁴ *O Lيدador*, nº 136 de 26 de abril de 1936. (*As brigas de gallo*) p. 2.

³³⁵ FONTES, 2008, p. 73.

3.3 A noite é uma festa: beleza, poder e mistérios no Galeão

Quando da chegada de F. em Jacobina, no início de 1950, o Galeão ainda não havia sido construído por completo, mas mesmo assim as pessoas já o frequentavam. Ela destacou a presença de homens que chegavam de avião para trabalhar na cidade. Eles participavam das noitadas no cabaré e mantinham relações com as prostitutas, “aí gastavam dinheiro, compravam carro, davam às mulheres de presente. Como é o nome daquele povo que tem a fala ‘ulelue’ embolada? Estrangeiro?”³³⁶ A referência a pessoas que vinham de outros países indica que trabalhadores do grupo canadense Mineração Northfield Ltda., que passou a administrar a mineração, também eram frequentadores do Galeão e gastavam dinheiro com as belas mulheres que lá trabalhavam.

De forma unânime, os relatos orais ressaltaram que, para ter acesso ao prostíbulo, era necessário gozar de um bom status financeiro. De fato, o Galeão constituía um espaço de sociabilidade marcado pela hierarquia social de classe e pela ostentação do poder econômico. Com o passar do tempo, tornou-se um símbolo das diferenças encontradas em outros âmbitos sociais. Almir Ferreira relatou um exemplo de como alguns membros das classes mais abastadas se comportavam ao chegar ao ambiente:

Ahh, era só pessoas que tinham dinheiro, da família de quem? De Rocha Pires. Acho que tinha um aí que era muito bagunceiro, que ia lá, mas só ia gastar dinheiro, tomar bebida porque era neto de lazineira, neto da finada lazineira, a fazendeira. Então ele segurava o dinheiro dela lá. De qualquer maneira (...) eu sei que ele sempre chegava lá e apresentava um grande papel, mandava colocar quatro, cinco mesa, uma colada na outra com muita cadeira, muito banco pro pessoal fazer gasto de bebida. Tudo quem pagava era ele, o neto da viúva mais rica que tinha aqui, lazineira. Que era parente de Rocha Pires, dessa gente, é, uma família muito grande.³³⁷

Os gastos exagerados faziam parte das demonstrações públicas de uma posição privilegiada, prerrogativa de um grupo reduzido. O acesso ao Galeão era controlado, na tentativa de evitar que desordeiros entrassem e se envolvessem em confusões. A seleção dos clientes a partir das condições financeiras foi um dos inúmeros fatores que contribuíram para o surgimento de especulações nas mentes

³³⁶ F.. Relato oral em 14/01/2010.

³³⁷ Almir Santos Ferreira. Relato oral já citado.

dos jacobinenses sobre o Galeão.

Considerando-se que as mulheres de respeito não deviam sequer passar na porta do prostíbulo, para não ficar faladas, o lugar despertava, principalmente nas mentes femininas, os mais variados pensamentos a propósito do que ocorria ali dentro. Era tentador saber o que acontecia em um lugar frequentado por homens e prostitutas, em animadas festas que se contrapunham à tranquilidade observada na noite de outros ambientes da cidade. Entre os tantos boatos que circulavam nas ruas, cita-se um caso que emergiu tanto na fala de F., quanto na de Terezinha Lapa. As interlocutoras relataram o episódio de grande repercussão, no qual algumas mulheres da alta sociedade fantasiaram-se com roupas diferentes para descobrir o que seus maridos faziam lá:

Disse que certa vez umas donas daqui foram para lá pra ver o marido né? Botaram roupa diferente e tudo, e foram lá e viram. Não lembro mais o nome (...) Ficaram falando como elas iam lá [as prostitutas]. Repercutiu muito mal na sociedade.³³⁸

Já teve uma época, teve aí umas conversas que elas vestiram umas mortalhas, aí vieram pra olhar se os maridos tavam, ou olhar como era o ambiente né? Mas aí não rolou quem era nem quem não era, não é? Porque era gente lá da alta que vinha, e mesmo que soubesse quem era, não ia falar, tinha que ficar calado. E viram o que vê em qualquer lugar, não tinha nada de mais, nada, nada, nada.³³⁹

Havia uma preocupação em não identificar quem eram os membros da elite. F. inclusive negou-se a revelar essas identidades, porque alguns poucos ainda estão vivos. Esses homens, que normalmente ocupavam papéis de destaque no plano público, exercendo a medicina, o direito, a administração e o comércio, entravam no Galeão de forma discreta, no intuito de preservar a sua imagem. Em muitas ocasiões mentiam para as mulheres dizendo que iam para outro lugar e passavam um fim de semana inteiro entregues à diversão.³⁴⁰

Como o prostíbulo estava localizado em uma ladeira, portanto no alto, era comum se referir às prostitutas do Galeão como “as de lá de cima”. Quando desciam, eram identificadas principalmente pelo modo como se vestiam:

³³⁸ Terezinha de Souza Lapa. Relato oral já citado.

³³⁹ F.. Relato oral em 14/01/2010.

³⁴⁰ Idem.

A gente conhecia assim porque olhava, que via na rua, fazer compra, tudo rica, tudo bonita. Elas vinham à rua, no comércio. Elas desciam muito bonita, viu? Inclusive ainda tem umas aqui. Quer dizer, tem muitas que ficaram, que casaram.³⁴¹

Normalmente essas mulheres iam ao centro da cidade apenas se necessitassem comprar alimentos ou produtos de uso individual. Frequentavam os salões de beleza, mas na maior parte do tempo permaneciam na casa de prostituição. Havia uma rivalidade estabelecida entre elas e as chamadas decentes. Os maridos e namorados dessas últimas passavam as noites no Galeão, e, quando chegavam em casa, já no amanhecer, estavam completamente sujos de batom. As moças acreditavam que isso era feito de propósito, como uma forma de provocá-las.³⁴²

São muitos os aspectos que diferenciam a prostituição na década de 1950 da observada nos anos anteriores. Primeiro, o glamour que exigia mulheres elegantes e maquiadas, que utilizassem jóias. Depois, o conforto proporcionado pela casa de prostituição, que modificou inclusive a maneira como aconteciam as relações sexuais, visto que anteriormente o sexo era feito em ruas escuras, em quartos alugados, lugares improvisados e sem o asseio necessário. E, por fim, havia ainda a preocupação de Facchinetti que suas protegidas conservassem hábitos de higiene,³⁴³ e evitassem a contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas a sífilis, que esteve tão presente em Jacobina nas décadas de 1930 e 1940, e a gonorreia, recorrente nas entrevistas sobre a década de 1950. Neste sentido, é possível sugerir que, à sua maneira, o Galeão também cumpriu um papel civilizador, articulando-se com a rede de biopoderes explorada neste estudo.

O Galeão funcionou ainda como um espaço de interação, de diálogo, de arranjos e rearranjos nas relações amorosas de alguns homens. Muitos recorriam às meretrizes do Galeão quando brigavam com suas namoradas e esposas, em busca de apoio. Inclusive, em muitos casos, o motivo das brigas era a descoberta, por parte das mulheres, que seus parceiros frequentavam aquele ambiente.³⁴⁴ Histórias de amor verdadeiro foram construídas a partir do fortalecimento de laços afetivos nesse tipo de relacionamento. Era um verdadeiro escândalo social quando se

³⁴¹ Terezinha de Souza Lapa. Relato oral já citado.

³⁴² Idem.

³⁴³ FONTES, 2008, p. 96.

³⁴⁴ F.. Relato oral em20/01/2010.

descobria que um homem estava “tirando mulher para casar”, mas amores iniciados naquela casa de prostituição se concretizaram e perduram até hoje. Terezinha Lapa relatou, referindo-se a um jovem da comunidade jacobinense,³⁴⁵ que

não se casou, mas mora até hoje com a Celsina. Ela tá até doente coitadinha, ela era muito bonita. Celsina era muito luxuosa (...) [ele] era um rapaz e até hoje mora mais ela, cuidou dela, e ainda tá cuidando, porque parece que ela não tá podendo andar, ficou parálitica.³⁴⁶

³⁴⁵ A interlocutora preferiu não revelar o nome do rapaz.

³⁴⁶ Terezinha de Souza Lapa. Relato oral já citado.

4 Breves considerações finais

A reflexão sobre um processo histórico envolvendo relações de gênero em Jacobina é relevante na medida em que contribui para a explicação de fenômenos sociais observados na atualidade. As convenções de gênero e sexualidade exploradas neste estudo ainda têm grande força entre muitas famílias, principalmente as integrantes das classes economicamente dominantes. Outros grupos, em particular mulheres das camadas subalternas, continuam desenvolvendo uma série de táticas de resistência ao que foi definido, na introdução deste trabalho, como “estratégia”. Não é que se pense a história predominantemente como continuidade, onde o presente seria um reflexo do que foi o passado, sem rupturas, mas é importante ressaltar como a moralidade presente na cidade tem sua genealogia associada aos processos aqui investigados e é produto das forças biopolíticas que se manifestam através de velhas e de novíssimas tecnologias de poder, inclusive da tradição familiar.

As conclusões parciais a que esse estudo chegou – visto que nenhuma pesquisa se esgota em si – dizem respeito não à denúncia da opressão social de determinados grupos, a exemplo das prostitutas, mas à complexidade observada nas trajetórias de mulheres que romperam convenções de gênero e sexualidade e que, na relação estabelecida com homens e com outras mulheres, protagonizaram histórias em que se fizeram produtoras de si, a despeito das influências do biopoder. Não se almejou encontrar, nas histórias dessas mulheres, indicadores de uma igualdade entre o masculino e o feminino, mas os modos como lidaram com as suas circunstâncias específicas. Realizar este trabalho de pesquisa fortaleceu a ideia de que pensar o processo histórico em sua completude é procurar compreender estratégias e táticas. É refletir sobre o poder biomédico, o poder do jornal, o poder do Estado e da instituição jurídica, mas também o poder de homens e mulheres em ambivalências, ressignificações e atitudes características dos sujeitos que constroem a sua história, e que contribuem para a construção da história humana.

Uma história das convenções de gênero e sexualidade e suas formas de apropriação, especificamente em Jacobina, uma pequena cidade do sertão baiano, se vincula a uma multiplicidade de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com o

foco em áreas do interior, distanciando-se das já saturadas análises sobre aspectos dos grandes centros. Em muitos momentos as “mulheres livres” jacobinenses dialogaram com as paulistas e soteropolitanas, se assemelhando em alguns aspectos e demonstrando particularidades em outros. O diálogo com a bibliografia específica levou à conclusão de que a reconstrução de um processo social a partir da vida desses sujeitos é algo ao mesmo tempo complexo, perigoso, e também muito gratificante.

Espera-se ter contribuído de alguma forma para a história daquela cidade graciosa, das mulheres fortes que lá residiram, das que ainda hoje residem, assim como dos homens que assumem identidades de gênero variadas, desafiando convenções. Afinal, a história segue, e com ela há muito que se aprender.

5 Fontes

Diversas

ARQUIVO PÚBLICO DE JACOBINA. **Código de Posturas da Cidade de Jacobina**. 1930.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Livro de Ofícios da Prefeitura Municipal de Jacobina**. 1932.

BRASIL. **Código Penal de 1940**. Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – AMPERJ. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf. Acesso em: 11/09/2010.

COSTA, Affonso. 200 anos depois: A então Villa de Jacobina. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. N. 48, 1923. 277-282

FONTES, Oleone Coelho. **Confissões de um proxeneta**. Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2008.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE CULTURA E CIDADE – NECC. **Vanguarda** (1955 a 1960). Universidade do Estado da Bahia. Campus IV – Jacobina – Bahia. Arquivo Digital.

NÚCLEO DE ESTUDOS ORAIS MEMÓRIA E ICONOGRAFIA – NEO. **O Lidador** (1933 a 1940). Universidade do Estado da Bahia. Campus IV – Jacobina – Bahia. Arquivo Digital.

Orais

Entrevista com Almir Santos Ferreira, em 13/10/2010.

O interlocutor não soube informar sua idade exata mas, de acordo com as referências fornecidas, nasceu por volta de 1921. Alistou-se no serviço militar (Tiro de Guerra) e foi convocado com a classe de 1937. Patrulhava o bairro do Meretrício.

Entrevista com Noel Teles, em 12/01/2010.

O interlocutor não soube informar sua idade exata, mas foi batizado no ano de 1924, quando ainda era uma criança. Chegou a Jacobina em 1940, e frequentou o Pilunga.

Entrevista com Terezinha Mascarenhas de Sousa Lapa, em 13/10/2010.

Nascida em 02/12/1936. Era esposa de um frequentador do Pilunga/Galeão e, baseada em sua experiência conjugal, pode oferecer elementos relevantes para a análise.

Entrevista com F., em 14/10/2010.

Nascida em 08/10/1939. Veio para Jacobina em busca de melhores condições de vida. Forneceu

relatos importantes sobre o cotidiano do Galeão.

Entrevista com F., em 20/10/2010.

Processos Judiciais

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Ação de Desquite**. Interessados: Maria Arlinda Mesquita Teixeira e Antônio Teixeira Soares. Estante 41, Caixa 1453, Documento 11, 1930.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Ação Ordinária de Desquite**, Interessados: Maria Arlinda Mesquita Teixeira e Antônio Teixeira Soares. Estante 5, Caixa 17, Documento 14, 1930.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sessão Judiciária. **Processo de desquite de Leonor Maria de Oliveira e Teodomiro Rodrigues dos Santos**. Estante 37, caixa 1324, documento 07, 1953.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**. Réu Francisco Pereira de Oliveira e João Pereira de Oliveira. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Sem classificação, 1944, Fl. 12.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**. Réu Mário Vieira de Tal. Fundo 048 – Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais, serie 002, 1942.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Defloramento**. Réu Francisco de Lima Passos. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação. 1934.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Homicídio**. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Réus Sebastião Modesto e Júlio Gambôa. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Sem classificação, 1932, Fl. 05.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**. Réus José Apolinário da Cruz e José Adrelino da Silva. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1947.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Agressão Física**. Réu Lídio Lopes de Azevedo. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1951.

FÓRUM JORGE CALMON. **Processo de Lesão Corporal**. Réu Raimundo Jerônimo da Silva. Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Processo Avulso. Sem classificação, 1948.

Relatórios Médicos

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Boletim dos trabalhos executados pelo Saneamento Rural nos Dispensários de Lepra e Doenças Venéreas da Capital e do Interior.** Caixa 4032, maço – 24, 1930.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Mapas dos serviços realizados nos dispensários da Capital e do Interior pela inspetoria de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas.** Caixa 4038, maço – 34, 1930.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA (APB). **Pedido de subvenção para o Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina no ano de 1943.** Seção Republicana. Caixa - 4089, Maço – 125, 1942.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA (APB). **Pedido de subvenção do Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina para o ano de 1944.** Seção Republicana. Caixa - 4089, Maço – 125, 1943.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA (APB). **Relatório do Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina.** Seção Republicana. Caixa - 4092, Maço – 131, 1938.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. **Relatório das pesquisas resultantes do inquérito epidemiológico realizado no arraial denominado “Quebra-cocos” do município de Jacobina.** Caixa 4028, maço 127, 1925.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE JACOBINA. **Atestados de óbito, 1930-1940.**

Teses da Faculdade de Medicina da Bahia

ARAÚJO FILHO, Gothardo Correia. **Da Prophylaxia da Syphilis.** Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1917. 75 f.

FREITAS, Armando Teixeira de. **Considerações acerca dos modernos tratamentos da syphilis.** Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1916. 57 f.

GODINHO, Ângelo de Lima. **Influência da Prostituição sobre a sociedade actual.** Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 54 f.

LEAL, Guttemberg José. **A decadencia da Humanidade.** Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1926. 64 f.

LEITE, Julio Pereira. **Conseqüência para a mulher do casamento de um syphilitico – Transmissão da syphilis pelo casamento.** Tese de Doutorado – Faculdade de

Medicina da Bahia, Salvador, 1893. 171 f.

ROCHA, José Cesario. **Syphilis e Casamento**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 141 f.

SAMPAIO, Antônio Joaquim. **Da inconveniência da liberdade ilimitada no exercício da prostituição**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1912. 75 f.

VALVERDE, Belmiro de Lima. **Influência da Syphilis na Sociedade**. Tese de Doutorado – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906. 85 f.

6 Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino, uma invenção do falo**: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____, Durval Muniz. **História**: A arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2007.

ALVES, Cristiano Cruz. O integralismo e sua influência no anti-comunismo baiano. **Antíteses**, vol. 1, n. 2, jul.-dez. de 2008, pp. 407-438.

AMARAL, Afrânio do. **Siphilis**: moléstia e têrmo através da história. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura, 1996.

AMARAL, Marivaldo Cruz do. Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia (1910-1927). **História, Ciências, Saúde Manguinhos**. v. 15, n. 4, out-dez 2008, p. 927-944.

AMARO, Sarita Terezinha Alves. A questão da mulher e a Aids: novos olhares e novas tecnologias de prevenção. **Saúde e Sociedade** v.14, n.2, maio-ago 2005. p. 89-99.

ANDRADE, Cláudia Vieira. **Mulheres de elite em movimento por direitos políticos**: o caso de Edith Mendes da Gama e Abreu. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 2002.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da Gripe Espanhola em São Paulo in CHALHOUB, Sidney et al (orgs). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 197-227.

BOXER, Charles R. O culto de Maria e a prática da misoginia in BOXER, Charles R. **A mulher na expansão ultra-marina ibérica (1415-1815)**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CARRILO, Ana Maria. Profissões da saúde e lutas de poder no México (1821-1917) in HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 29-55.

CAUFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: UNICAMP, 2000.

CAVALCANTE, Else Dias de Araújo. **A sífilis em Cuiabá**: saber médico, profilaxia e discurso moral (1870-1890). Dissertação de Mestrado, Cuiabá: UFMG, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009. p. 23-93.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2.0a. Editora Objetiva Ltda., abril de 2007.

FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina**. Tese de Doutorado, Recife: UFP, 2008.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador. (1890-1937). **Afro-Ásia**, 21-22 (1998-1999), 239-256.

_____. Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu que balance**: Mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador (1890-1940). Salvador: CEB, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre in DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 510-553.

FREIRE, Maria Martha Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 15, suplemento, p. 153-171.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o

regime da economia patriarcal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado sertanejo**: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940). Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2005.

LE GOFF, Jaques. **As doenças têm história**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1997.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. **E a Bahia civiliza-se**: Idéias de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana (Salvador, 1912-1916). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.15, n.1, p.135-154, jan.-mar. 2008. p. 135-154.

MENEZES, Adriano Antônio Lima. **Imprensa Sertaneja**: uma busca de identidade cultural no Piemont da Chapada Diamantina. Anuário de Pesquisa da UNEB. Salvador-BA.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

NETO, Leon, Farhi. A política na sua relação com a medicina in NETO, Leon Farhi. **Biopolíticas**: As formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010. p. 23-50.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. Antropologia e moralidade: etnicidade e as possibilidades de uma ética planetária in **Ensaaios antropológicos sobre moral e ética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-72.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade**: imagens de modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui. Alexander Fleming (1881-1955): da descoberta da penicilina (1928) ao Premio Nobel (1945). **Revista da Faculdade de Letras: HISTÓRIA**. Porto, II série, vol. 6, 2005.

PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). UFSC: Florianópolis, 2004.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 67-92.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo:

Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro)

PONTES, Adriano Arruda. **Caçando mosquitos na Bahia**: a Rockefeller e o combate à febre amarela – inserção, ação e reação popular (1918-1940). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

PORTER, Roy. A história do Corpo in BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 291-325.

RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930). 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e representação**: O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937. Salvador: Assembléia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1994.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. São Paulo: UNICAMP, 2001.

SANTANA, Nélia de. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 1996.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira república in HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 249-294.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos**: A micareta em Jacobina - Ba (1920-1950). Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001.

SCHETTINI, Cristiana. **Que tenhas teu corpo**: Uma história da prostituição nas primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

SILVA, Aldo José Moraes. A percepção da moral oitocentista através dos registros eclesiásticos de óbito: elementos para uma história da cultura na saúde pública em Feira de Santana. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 21, p. 101-116, jul/dez. 1999.

SILVA, Fabiana Machado. **O trem das grotas**: a ferrovia Leste Brasileiro e seu impacto social em Jacobina (1920-1945). Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2009.

SOARES, Luis Carlos. **Rameiras, ilhoas, polacas**: a prostituição no Rio de Janeiro no século XIX. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOIETH, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política, e medicina em tempos de epidemia. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda de medicamentos e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRONCA, Ítalo A. **As máscaras do medo**: Lepra e Aids. São Paulo: UNICAMP, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos do pecado**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. **Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista**. In: Laura de Mello e Souza (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1999. Vol.1.

VASCONCELOS, Vânia Nara. **Evas e Marias em Serrolândia**: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990). Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2006.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX**. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 2006

WITTER, Nikelen Acosta. **Curar com arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura**. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 19. p. 13-25.